



**INSTITUTO LATINO-AMERICANO DE
ECONOMIA, SOCIEDADE E POLÍTICA (ILAESP)**

**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM
INTEGRAÇÃO CONTEMPORÂNEA DA AMÉRICA
LATINA (PPGICAL)**

NARRAR O PODER NA AMÉRICA LATINA:

As paragens da representação política e simbólica do jornalismo narrativo

GUILHERME SILVA DA CRUZ

Foz do Iguaçu
2018



**INSTITUTO LATINO-AMERICANO DE
ECONOMIA, SOCIEDADE E POLÍTICA
(ILAESP)**

**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM
INTEGRAÇÃO CONTEMPORÂNEA DA
AMÉRICA LATINA (PPGICAL)**

NARRAR O PODER NA AMÉRICA LATINA:

As paragens da representação política e simbólica do jornalismo narrativo

GUILHERME SILVA DA CRUZ

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Integração Contemporânea da América Latina da Universidade Federal da Integração Latino-Americana, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Integração Latino-Americana.

Orientador: Prof. Dr. Fabricio Pereira da Silva
Coorientadora: Prof. Dr^a. Diana Araújo Pereira

Foz do Iguaçu
2018

CRUZ, Guilherme Silva da.

Narrar o poder na América Latina: as *paragens* da representação política e simbólica do jornalismo narrativo / Guilherme Silva da Cruz. - Foz do Iguaçu, 2018.

p. 136.

Orientador: Fabricio Pereira da Silva

Coorientadora: Diana Araújo Pereira

Dissertação (Mestrado - Integração Contemporânea da América Latina) –
Universidade Federal da Integração Latino-Americana, 2018.

1. Identidade. 2. Representação simbólica. 3. Jornalismo. 4. América Latina. 5.
Crónica. I. Título.

GUILHERME SILVA DA CRUZ

NARRAR O PODER NA AMÉRICA LATINA:

As paragens da representação política e simbólica do jornalismo narrativo

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Integração Contemporânea da América Latina da Universidade Federal da Integração Latino-Americana, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Integração Latino-Americana.

BANCA EXAMINADORA

Orientador: Prof. Dr. Fabricio Pereira da Silva
UNILA

Coorientadora: Prof. Dr^a. Diana Araújo Pereira
UNILA

Prof. Dr. Félix Pablo Friggeri
UNILA

Prof. Dr. Anibal Orue Pozzo
UNILA

Prof^a. Dr^a. Regina Coeli Machado e Silva
UNIOESTE

Foz do Iguaçu, ____ de _____ de _____

*Alguns povos mudam primeiro a maneira de sonhar para depois mudar o fazer. Outros o fazem na sonolência, utilizando as ferramentas que guardam debaixo das camas. Certas vezes tudo é feito ao sabor do sobressalto, onde a ação e o sonho se unem e se confundem (...) Tive um livro que extraviei. Tratava de um povo que não conseguia mais usar sua linguagem, pois o conteúdo das palavras-chave fora alterado ou esquecido. Mas no texto havia uma esperança e numa altura da narrativa testemunha: um lugar é habitado e habitável quando dele se pode ter saudade, sempre e somente saudade.
(Assim na Terra – Luiz Sérgio Metz)*

RESUMO

CRUZ, Guilherme Silva da. **Narrar o poder na América Latina: as *paragens* da representação política e simbólica do jornalismo narrativo.** 2018. p. 136. Dissertação. Universidade Federal da Integração Latino-Americana (UNILA), Foz do Iguaçu, 2018.

O jornalismo narrativo se apresenta como uma via distinta, em comparação com a representação contida no jornalismo hegemônico. O jornalismo torna-se híbrido em sua ideologia que formata, ao mesmo tempo, o viés mercadológico de controle e a sua faceta social de transformação. Evidencia-se a formação de uma escrita jornalística enraizada na história da América Latina, no qual eventos como a colonização, modernização e contemporaneidade são registradas pela escrita narrativa de cronistas. Essa forma de representação tem amplificado o cenário político da região, e sua escrita realiza um mapeamento social da América Latina. Acompanha, em seus textos, uma leitura de identidades e formas de atuação política que se diluem no espaço público de debate e confrontação. Essa pesquisa pretende confrontar os mecanismos que conjugam os conceitos poder e política, e as formas de caracterização que os meios de comunicação não hegemônicos resolveram empregar em suas *crônicas*. Nesse trabalho, realiza-se um diálogo interdisciplinar, para conceber as mediações contidas nessas representações do poder, realocando a reflexão sobre pessoas, entidades e grupos que conduzem a manutenção ou a quebra de certos modelos políticos e simbólicos. As *crônicas*, do início dos anos 2000, das revistas *Gatopardo*, *Anfibia*, *Malpensante*, *Piauí* e *Etiqueta Negra*, formam a amostragem para a análise do jornalismo narrativo contemporâneo da América Latina.

Palavras-chave: Identidade; Representação simbólica; Jornalismo; América Latina; *crônica*.

RESUMEN

CRUZ, Guilherme Silva da. **Narrar el poder en América Latina: las *paragens* de la representación política y simbólica del periodismo narrativo.** 2018. p. 136. Disertación. Universidad Federal de Integración Latinoamericana (UNILA), Foz do Iguaçu, 2018.

El periodismo narrativo se presenta como una vía distinta, en comparación con la representación contenida en el periodismo hegemónico. El periodismo se vuelve híbrido en su ideología que formatea al mismo tiempo el sesgo mercadológico de control y su faceta social de transformación. Se evidencia la formación de un tipo de escritura periodística arraigado en la historia de América Latina, en el cual eventos como la colonización, modernización y contemporaneidad son registrados por la escritura narrativa de cronistas. Esta forma de representación ha amplificado el escenario político de la región, y su escritura realiza un mapeo social de América Latina. Acompaña, en sus textos, una lectura de identidades y formas de actuación política que se diluyen en el espacio público de debate y confrontación. Esta investigación pretende confrontar los mecanismos que conjugan los conceptos poder y política, y las formas de caracterización que los medios de comunicación no hegemónicos resolvieron emplear en sus crónicas. En este trabajo, se realiza un diálogo interdisciplinario, para concebir las mediaciones contenidas en esas representaciones del poder, reubicando la reflexión sobre personas, entidades y grupos que conduce el mantenimiento o ruptura de ciertos modelos políticos y simbólicos. Las crónicas, de principios de los años 2000, de las revistas *Gatopardo*, *Anfibia*, *Malpensante*, *Piauí* y *Etiqueta Negra*, forman el muestreo para el análisis del periodismo narrativo contemporáneo de América Latina.

Palabras-claves: Identidad; Representación simbólica; Periodismo; América Latina; Crónica.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	15
2. DE PALAVRAS E CAMINHOS	19
2.1. SURGIMENTO, SILENCIAMENTO E RETOMADA.....	20
2.2. O jornalismo no labirinto da palavra	22
3. COMO PLANTAR HISTÓRIAS, E COLHER IMAGINÁRIOS	31
3.1. DESDE INDIAS: VIDA NARRATIVA	38
3.2. Cultura <i>crónica</i>	43
3.3. Revistas: como suporte e <i>corpus</i>	47
4. NARRAR O PODER	53
4.1. A HEGEMONIA DO DISCURSO	60
4.2. Os sentidos da dominação, corpo e presente	65
4.3. Rebento identitário e outros perfis políticos.....	68
5. FERRAMENTAS DE <i>MOLER</i> E VIVER (ONDE HABITA A <i>CRÓNICA</i>)	80
5.1. FIGURAS DE PODER TRADICIONAL	83
5.1.1. <i>Mídia e religião</i>	85
5.1.2. <i>Exército e partidos políticos</i>	89
5.1.3. <i>Elite social e judiciário</i>	94
5.1.4. <i>Narcos e política partidária</i>	99
5.1.5. <i>Ditadura militar e terrorismo de Estado</i>	101
5.2. OUTRAS FIGURAS DE PODER.....	107
5.2.1. <i>Movimento hip-hop e Negritudes</i>	108
5.2.2. <i>Movimento estudantil e Juventudes</i>	112
5.2.3. <i>Movimento indígena e Territorialidade</i>	117
5.2.4. <i>Celebridades e mediatização política</i>	121
5.2.5. <i>Gênero</i>	124
6. CONSIDERAÇÕES FINAIS	130
REFERÊNCIAS	134
ANEXOS	147

INTRODUÇÃO

Walter Benjamin (1892 - 1940) escreveu o texto *O Narrador – Considerações sobre a obra de Nikolai Leskov* em 1936. Nele, analisa a obra do autor russo e reflete sobre a extinção da “arte de narrar”. Benjamin se apoia no campo das experiências para argumentar que o fim da narração estaria em curso, amparado e registrado pela imprensa. O autor lista dois tipos de narradores que sedimentaram as passagens de intercâmbio de experiências: o camponês sedentário e o marinheiro comerciante. Esses dois sujeitos, que remetem ao enraizar-se e ao transpor-se, fariam dos migrantes a conexão entre passado e futuro. Podemos interligar essa análise de Benjamin para dentro da cultura diaspórica, como sistema que fez da errância e do desterro a propulsão que fez amenizar a dor de uma migração forçada. Narradores e histórias, particularmente ligado à cultura africana, redistribuíram o viés narratológico de *signos* e *sabedorias*. A “dimensão utilitária” (p. 200), como classificou Benjamin, da narração traça em seus ensinamentos e cotidianidade uma particular dimensão dominante. Pois, de sua “função” narrativa estão embebidos de visões de mundo e perspectivas particulares aos contextos políticos de existência. Pensar a narradora e narrador, portanto, é apontar a conexão enquanto *mundos* em atrito.

A concussão dessa colisão irá impulsionar a sobrevivência de noções subjetivas e simbólicas que serão convertidas em reação e experiência. Para Benjamin, será a conexão entre imprensa e burguesia que na era moderna resultará na *morte* da narrativa. A informação, e sua predileção pelo *novo* e pela imediatez, irá fazer do saber temporal de narradores *artesanais* um elemento em declínio. Levando consigo sensibilidades, e por consequência, elementos formativos de suas coletividades. Entende-se, desse modo, a linha narrativa como tecedora de questionamentos e interpretações que sucederão a formação íntima e política de *quem narra* e *quem lê/escuta*. Benjamin, ao usar sua vocação como narrador, não realiza um veredicto frente à narração. A provocação do autor é salientar aquilo que não se extingue – as pulsões de vida: *memória*, *vivência* e *mediação*. Pulsões que a comunicação reestabelece durante toda a história.

Remeter o significado da comunicação se torna uma tarefa ampla de conceitos que podem passar pela biologia, sociologia, filosofia, e entre outros âmbitos que traduzem essa interação declarada um dos direitos humanos pela Organização das Nações Unidas, em 1948. Esse sistema de intercâmbio tem na sua matéria-prima, a palavra e as pessoas, como fontes de complementações e confrontos representacionais. Uma via contrapontada por narradores que conduzem o jornalismo como referência no registro de momentos históricos de sua *prática*, *vivência* e *técnica*. O jornalismo, como uma das estruturas de grupos dominantes, no qual discursos propagados cerceiam direitos sociais, e legitimam símbolos de dominação reforça seu controle.

Entretanto, a linguagem jornalística trouxe, conjuntamente, elementos para expor realidades silenciadas e potencializar indivíduos subalternizados. O jornalismo tornou-se híbrido em sua ideologia que formata, ao mesmo tempo, o viés mercadológico de controle e a sua faceta social de transformação. Para ambas as modalidades a forma de escrita vem se revigorando, respirando para aguentar a maré tecnológica que diminui as margens medidas por cliques e *views*. Narrar uma história tornou-se uma das formas para centralizar discussões e debater estilos linguísticos, simbólicos e estéticos.

Assinala-se atualmente, não uma categorização unilateral que abarca uma configuração da totalidade de um grupo, mas sim a percepção de uma rede e projetos, que através do jornalismo narrativo, expõem outras representações simbólicas para o momento político da América Latina. Essa rede traça um remanejamento de discursos que possuiu no modelo de produção e emissão do jornalismo de massa uma hegemonia na forma de expor realidades. Tal rede se mostra como uma alternativa viável para resoluções, enquanto pluralidade e democratização da comunicação. Através do jornalismo narrativo temas como prostituição, violência policial, feminicídios, situação de povos nativos, entre outros, são aprofundados e ganham outro tipo de representação e visibilidade.

A centralização na produção de textos que versam com o momento contemporâneo de crises representacionais, atrelada as construções atuais sobre a política na região, como as conquistas liberais, os avanços populistas, os erros judiciais, a batalha eleitoreira, o avanço conservador, a violência policial, as más resoluções das ditaduras, entre tantos acontecimentos, apontam um mapeamento visualizado pelas reportagens dessa rede. A fortificação da possibilidade de outra narrativa assegura a relevância de um texto jornalístico com pautas e recortes que dinamizam o território simbólico latino-americano. Os jornalistas, revistas e projetos digitais que compõem essa rede com uma série de livros, *crônicas*, prêmios, oficinas e reportagens desenham socialmente a atualidade política da região. Contudo, visa-se entender as ambiguidades desse tipo de escrita que, atrelada à tantas reivindicações sociais em suas temáticas, demonstra limitações enquanto representatividade autoral. De alguma forma, mantem-se a centralização de um perfil autoral provenientes da classe média e alta, urbana, masculina, branca e letrada. Apesar desta representatividade questionável, refletiremos sobre como essa formação simbólica pode realçar ações descoloniais, através de sua escrita e envoltas em suas histórias. Destacando, desse modo, um gênero híbrido que extrapola as barreiras estilísticas do jornalismo e da literatura. Desse emaranhado, escolheu-se responder nessa dissertação a pergunta-problema: Como ocorrem as representações políticas das figuras de poder na América Latina, inseridas na contemporaneidade, pelas *crônicas* de uma rede de jornalistas com escrita narrativa? E, ao mesmo tempo, refletir sobre o que os elementos dessas reportagens contribuem para manutenção ou quebra de estereótipos criados

pelo jornalismo *diário, massivo e corporativo* dentro da cobertura política na América Latina. A amostragem do que é desenvolvido na região se embasa no início dos anos 2000, e em cinco revistas de países distintos. São os narradores e narradoras das revistas Anfibia (Argentina), Etiqueta Negra (Peru), Piauí (Brasil), Gatopardo (México) e El Malpensante (Colômbia) que nos conduzem na leitura político-simbólico contida nessa representação comunicacional.

Desse modo, propõe-se que a leitora e o leitor percebam um circuito interdisciplinar que atravessa a palavra, a comunicação, as atuações políticas na contemporaneidade, através das emancipações sócio-poéticas sugeridas pela palavra nestas novas *crônicas*. Para isso, escolheu-se construir quatro *paragens*. Esses lugares formulam a harmonização metodológica, no desenrolar de conceitos conducentes aos questionamentos de diferentes modos de vivenciar e atuar politicamente. Espaços, não como únicos e estáticos, mas como intercambiáveis ao longo de um caminho. Portanto, insere-se a representação do jornalismo narrativo como contribuição característica da América Latina para assimilar silenciamentos e processos de controle e dominação – e os lugares onde iremos discutir esse objeto são denominados *paragens*.

As *paragens*, que servem como elementos metodológicos, são ambientes da memória, tempo e conhecimento – são construções inacabadas do protótipo do galpão surreal, chamado de *Pensário* por Luiz Sérgio Metz (2013). Esses locais colocam a obra intelectual como incompleta, como lugar que compõe o desenvolvimento de um largo caminho de vastas veredas. As *paragens*, nesse trabalho, lidam com o conhecimento, como o tempo veloz que dinamiza o sujeito dito pós-moderno – “Saber também é um exercício de paralisação corajosa” (p.74). O sentido, que é empoderado de política e prosa, abre um espaço que garante o ato de escrever, apura inquietações e busca consciência. Na forma como leitor(a) e autor(a) possam resolver suas identidades intercambiáveis – movediças formas de ser e constituir um texto (uma obra, uma ideia, uma casa, uma teoria, um alimento, uma vida). Vivenciar a localidade de um hiato que recompõe e potencializa insurreições coletivas. Serão nesses lugares, que indicamos como *paragens*, a ambientação física de um território de disputa simbólica. Essa escolha, inspirada na literatura de Metz, visa construir um circuito interdisciplinar de locais de revigoração teórica, analítica e reflexiva dos debates que serão expostos. Essa proposta trata-se de um *continuum* afetivo ligado a figura do *Jacaré*, apelido de Metz. Ele como autor, escritor, compositor e jornalista percorreu todas as correntes do rio formativo desse pesquisador. Na infância me mostrou o deslocamento fronteiriço em letras que retiravam o centro do meu lugar, para espaços de intercâmbio – “entre irmãos de arte, geografia à parte, não há contrabando”¹, me aconselhava nos versos dos discos da família. Na fase adulta, me evidenciou a possibilidade jornalística ligada à compromissos éticos e sociais, sem se desvincular da *poiesis*. Foi a fotografia de um colono sem-terra emaranhado em arame farpado, e

¹ Letra da canção *São Borja, canto e ritmo* (1982) composta por Metz e Leandro Cachoeira.

sendo expulso por fazendeiros a cavalo, registrada por Luiz Abreu, que conectou intimamente uma escolha narrativa que dialogasse com múltiplos gêneros e maneiras de *ser e fazer* política. Da foto, Metz deixava os versos²: “Nos arames que foi peão pendurado, deixem os olhos fixados (...) Na ordem dos ricos, pisando na fome bem montados, deixem os olhos fixados”. O registro, posicionamento poético-político, de quem reconstrói a forma e estabelece outras fontes jornalísticas dos fatos. Elementos que se cruzam, contemplam e integram a comunicação, a palavra e o *fazer* político. Por isso, Jacaré faz parte dessa pesquisa, por oferecer uma mirada que transcende as formas em ser poeta, jornalista e escritor. Assim como visualizamos a importância de questionar a forma de escrita e exposição contidas nos padrões jornalístico e acadêmico.

O significante da palavra como habitação efêmera nas *paragens*, capta a fonte do espaço-tempo sorvendo identidade, matéria e memória. O desenrolar coletivo desse trabalho, que se pretende conjunta e cambiável, forma um espaço de obtenções concretas sobre a análise de um lugar político e imaginário. Não se apresenta uma cartografia, ou uma arquitetura de caminhos a serem seguidos rigidamente, dispõe-se, na verdade, de paradas para refletir a região que habitamos. E assim, nesse ponto de encontro – que é convergência de uma abordagem relacional – se encontra uma outra forma de continuar. Adentra-se, e se vivencia esse lugar temporariamente para prosseguir. Porque são nas *paragens* feitas durante uma longa jornada que se descansa e pensa nos próximos caminhos, nos erros cometidos, nos cuidados que precisam ser reforçados, onde se recupera as energias, e onde se entende a necessidade de perseverar. Um *galpão* que adentra perspectivas para labutar os signos, independentemente do seu ciclo, com vidas em continuidade e resistência em seu trajeto – “Quem construiu e quem habita devem seguir um projeto que a obra conclusa anuncia. O que está feito nos acompanha e nos rege.” (p.88). Ocupe.

Dessa maneira, essa pesquisa se apresenta da seguinte forma. A *paragem* da *palavra-política* em seu papel de mediação sociocultural se evidencia no segundo capítulo ao tratar das possibilidades do imaginário e dos avanços dominantes traduzidos pela *palavra* e pela comunicação. O surgimento, silenciamentos e retomadas do ícone palavra são referendados, pois se propõe de maneira introdutória conectar a leitora e leitor ao fundamento principal da comunicação, e ainda semear futuros estudos em andamento. Essa proposta compõe um conjunto formado por tensões, confrontos e complementaridades usados na valoração semântica e simbólica da palavra. E ainda, apresentam-se conceitos bases que irão nos acompanhar na trajetória desse estudo, como o pensamento Jose Lezama Lima e Jesús Martín-Barbero. Será nessa *paragem* que se formará o território simbólico, poético e político de uma *outra* maneira de narrar e incluir histórias nas realidades representadas pelo jornalismo narrativo. Tem-se a mediação e a palavra como os caminhos vagantes-residentes responsáveis pelas trocas e pelos rumos das reflexões.

² Trecho da música *Deixem seus olhos fixos* (1987), de autoria Vinicius Brum e Luiz Sérgio Metz.

No terceiro capítulo, na *paragem* propriamente dita da teorização da *narração*, expõem-se caracterizações do perfil narrativo. E se apresenta um levantamento histórico sobre o gênero *crônica*, revelando seu tom latino-americano. Destaca-se também nesse trajeto epistemológico o debate sobre as ideias de referencialidade do real, do fato e da verdade. No qual, os campos do Cinema e da História, nos auxiliam na elaboração crítica e multifacetada sobre imaginário e política – que se direciona para o jornalismo narrativo. E ao final, justifica-se o *corpus* da investigação, apresentando as cinco revistas que são analisadas nessa dissertação.

Discute-se no quarto capítulo alguns estudos sobre a identidade política na América Latina. Nessa *paragem* sobre as ideias de *poder*, visa-se uma configuração das práticas e do *fazer* político. Formatando um diálogo entre autores como Frantz Fanon, Michel Foucault e Anibal Quijano para observar os sentidos de dominação. Como também, a caracterização do jornalismo narrativo em comparação ao jornalismo hegemônico, alicerçado pelos conceitos *diário*, *massivo e corporativo*. Ainda incluiu investigações que refletem sobre sujeitos, grupos, coletivos, movimentos sociais e o papel do Estado. Reiterando uma preocupação pelo diálogo possível entre diferentes áreas do conhecimento, assim como a plausível complementação epistêmica dessas conexões. A discussão que se pretende articula imaginário, mercado, influência narrativa, práticas de controle, humanização dos processos comunicacionais e a memória social.

A *paragem* de análise das narrativas cronísticas que expõem as identidades contemporâneas da América Latina é inserida no quinto capítulo. Nesse capítulo pretende-se responder a pergunta-problema: de como ocorrem as representações políticas das figuras de poder na América Latina pelo jornalismo narrativo? Na trajetória da pesquisa, adentra-se ao questionamento de dez trabalhos jornalísticos divididos em dois grupos (*Figuras de poder tradicional* e *Outras figuras de poder*). Formação que sedimenta e possibilita a conceitualização da *palavra-política*. E no qual, retoma-se a trajetória da pesquisa no capítulo sexto. Formatando conexões e possibilidades, em movimento, visualizadas no mapeamento político-poético da região.

2. DE PALAVRAS E CAMINHOS

No contexto atual do jornalismo narrativo *latinoamericano* vê-se a matéria-prima da palavra como enlace social e discursivo de uma escrita que lança a atemporalidade como força para existir entre a velocidade e a imediatez. Esse gênero jornalístico busca delimitar um viés que desestabiliza o tempo e a agenda do jornalismo *diário*, *corporativo* e *massivo*. Um tempo linear e reprisado compreendido por enunciados de sua efemeridade, que no passo narrativo encontra a amplificação do campo identitário. O atemporal subjetivo desse jornalismo parece conjugar defronte as problemáticas que se tramam e desenvolvem-se em diferentes situações, sem tocar-se ou assentar – trazendo a figuração do contexto (histórico, emotivo, social, pessoal, político, etc.) para

além de normativas estilísticas dos manuais de redação. Cultiva mecanismos que, aparentemente, abrangem a associação de outras maneiras de *fazer política*. Nesse ínterim, faz-se necessário reparar os sujeitos formadores dessa produção com entonação latino-americana.

No trajeto deste capítulo apresentam-se, no intuito de um debate introdutório, alguns questionamentos sobre o desenrolar da utilização da *palavra* como ação *política*, trajeto e tema adotados por tratarem-se de elementos bases da comunicação e dos aprofundamentos do jornalismo narrativo. Toma-se a palavra como figura convertida em elemento político-poético, e dessa maneira, visa-se alargar a discussão que se desenvolverá nos próximos capítulos por meio de ramificações que norteiam o jornalismo/comunicação praticado por inúmeros cronistas.

A *palavra* tida como finalidade de mediação sociocultural insere-se como suporte de um processo dúbio e contraditório, de inclusão e exclusão, silenciamento e contestação que emancipa, mas, conjuntamente, concretiza o poder do Estado-nação, direcionando para inúmeras tensões proporcionadas por sua raiz de conotação opressora. A cultura nacional forma-se enquanto discurso que, segundo Stuart Hall (2010), “*in uencia y organiza tanto nuestras acciones como La concepción de nosotros mismos*” (p. 381). Sedimenta o que a modernidade eurocentrada se beneficiaria; no entanto, novos atores buscam ressignificar valores semânticos e potências que concebem *uma outra* narrativa.

São novas sintaxes acionando um novo campo de disputa; porém, o que torna possível a sedimentação imaginária dos povos, segundo Benedict Anderson (2013), é a conjunção de modos e relações de produção do capitalismo, como a imprensa e a variedade linguística (p.78). Dessa conjunção enxerga-se muito mais que o ato da imaginação enquanto criação e originalidade, mas um aparato de esquecimentos e silenciamentos. Portanto, racionalizar a escrita se sobrepôs a intuição político-poética sob a necessidade tarifária, e o registro como marca mercadológica impediu a confirmação de um regalo dos deuses³. À vista disso, desse ícone adentra-se nossa primeira paragem, um território simbólico, poético e político de *uma outra* maneira de incluir estórias dentro da *paragem da palavra*.

2.1. SURGIMENTO, SILENCIAMENTO E RETOMADA

A partir da *palavra-mediadora*, desenvolveram-se encadeamentos de tensões atualizadas, primeiramente pelo confronto entre o peso e o valor semântico da palavra republicana do Estado Nação e da valoração político-jurídica. A fórmula conjunta de palavras, metáforas e

³ Deuses como Tot (deus do conhecimento para egípcios) e Prometeus (titã grego marcado pela sua inteligência) teriam regalado a escrita para a humanidade. Essa compreensão, paulatinamente, foi reinterpretada por quem gerenciava a economia. Cf. *O que diz o primeiro documento escrito da história*. Disponível em: <<https://vrr.im/745b>>. Acesso em: 09 mai. 2017.

símbolos, quantificam a pessoa, enquanto linguagem e formulação do mundo ao redor (PAZ, 2014). Para além de um enquadramento unidirecional, a palavra também é modo para compreender os processos colonizadores que regimentam corpos e pensamentos. Esse *ícone*, qualificado como palavra, teima dentro de um vórtice político e forma-se na brecha impositiva de mobilizações que erguem controles, hierarquizações e concentração de poder (RAMA, 1998). Há uma condução colonial pela função alfabética das línguas imperialistas que determinaram histórias, conhecimentos, economias e subjetividades, e que ainda regimenta o "modo de falar" e faz o oprimido usar a língua do opressor (MIGNOLO, 2007; NASCIMENTO, 2002). A colonização da memória e da linguagem silencia a produção intelectual, ou a reconhece para convertê-las unicamente por um aval colonizador e ainda de controle (MIGNOLO, 1992). De imposição hegemônica, a *ciudad letrada*, diagnosticada por Angel Rama (1998), estruturou também institucionalizações a partir dos "*dueños de la letra*" (p.35) espalhados em audiências, serviços públicos e qualquer espaço que significasse ascensão social e econômica como janelas abertas pela caneta – "A escritura se torna princípio de hierarquização social que privilegia, ontem o burguês, hoje o tecnocrata" (CERTEAU, 1998, p. 230). Desse modo, o grau de fortificação dos processos emancipatórios está alinhado inversamente às demandas que a palavra *retórica-republicana-tributária* investiu na colonização da América Latina. Ascender a política local, entre os descaminhos de sua não-história, implica resignificar o horizonte erradio do valor semântico.

Um redemoinho é movido pela experiência diária que alimenta símbolos que se deterioram, nascem e ressuscitam sobre o entendimento social da "realidade" – “a linguagem estabelece pontes entre diferentes zonas dentro da realidade da vida cotidiana e as integra em uma totalidade dotada de sentido” (BERGER; LUCKMAN, 2009, p. 59). Será essa trama, que dependendo do material utilizado em sua confecção, que irá trançar a *palavra-comunicativa* ao passo que organiza experiências, tempos e subjetividades: “*Las comunicaciones, vista así, El acto de poner en común las experiencias particulares mediante enunciados, con El fin de establecer acuerdos intersubjetivos sobre el «mundo de todos»*” (CHILLÓN, 1998, p. 74). À vista disso, as palavras não constituem poder, elas emanam dispositivos de controle que servem ao poder – esse diagnóstico de Michel Foucault (2012) está baseado numa “economia dos discursos de verdade” (2012, p.279). Entretanto, são também caminhos de um elemento resignificado, oferecido como regalo de outros tempos para se entender o presente, passado e futuro. A palavra se corporifica, pois, necessita ganhar toques e movimento para existir – *a palavra dada* (KOPENAWA; ALBERT, 2015) que emana aberturas de sentidos: “Não queremos mais ouvir essas velhas palavras a nosso respeito. Pertencem aos maus pensamentos dos brancos. (2015, p. 77). São entidades cosmológicas que reverenciam a composição da palavra, e delimitam raízes – como ato de designo – para processos de fortificação intercultural que elucidam e subvertem as experiências. Na comunicação, o exemplo vem da existência do movimento indígena que sedimenta um processo vivo de reconfiguração de

enfrentamentos e emancipações – “Essa luta pela palavra, por um lado, nos remete a uma expropriação histórica, uma dupla subtração, material e simbólica” (MUNIZ, 2013, p.3). Uma perda da palavra mediadora e poética que ganha sentido fora de si. Silvia Rivera Cusicanqui (2010), ao falar do período colonial andino, explica a força imagética desrespeitada e as formas de como a palavra apresenta-se deslocada e desterrada.

Las palabras no designan, sino encubren, y esto es particularmente evidente en la fase republicana, cuando se tuvieron que adoptar ideologías igualitarias y al mismo tiempo escamotear los derechos ciudadanos a una mayoría de la población. De este modo, las palabras se convirtieron en un registro ficcional, plagado de eufemismos que velan la realidad en lugar de designarla. Los discursos públicos se convirtieron en formas de no decir. Y este universo de significados y nociones no-dichas, de creencias en la jerarquía racial y en la desigualdad inherente de los seres humanos, van incubándose en el sentido común, y estallan de vez en cuando, de modo catártico e irracional. No se habla de racismo, y sin embargo en tiempos muy recientes hemos atestiguado estallidos racistas colectivos" (RIVERA CUSICANQUI, 2010, p.19-20)

Desse questionamento propositivo de Cusicanqui nota-se uma hierarquização *inventada* a partir da palavra e sua elaboração na criação/exclusão de simbologias e da memória social. A força da palavra pública, para autora, se perde pelo labirinto da linguagem, criando modos retóricos de comunicar, sentidos tácitos que escondem juízos que orientam a prática social – “*que a la vez divorcian a La acción de La palabra pública*” (2010, p.20). Esse contexto, levantado pela autora, indica a necessidade em destituir as hierarquias e projetos eurocentrados de representações e seus mecanismos de inferiorização e constituição de alteridades.

Hacer historia de los procesos implica hacer historia de las categorías en que los analizamos y de las palabras con que nombramos. Lenta pero irreversiblemente hemos ido aprendiendo que el discurso no es un mero instrumento pasivo en la construcción del sentido que toman los procesos sociales, las estructuras económicas o los conflictos políticos. Y que hay conceptos cargados en tal modo de opacidad y ambigüedad que sólo su *puesta en historia* puede permitirnos saber de qué estamos hablando más allá de lo que creemos estar diciendo (MARTÍN-BARBERO, 1991, p.13)

Os caminhos traçados pela linguagem não se perdem por um labirinto gramatical, mas limitam sua atuação pela multiplicação de Ariadne's em seus pontos de convergência como insurgentes metáforas – “*La esencia Del lenguaje es simbólica porque consiste en representar un elemento de la realidad por otro, según ocurre con las metáforas*” (PAZ, 2014, p.11). A palavra que já foi inventada, dada, silenciada e retomada alimenta sua história de revoluções, equívocos e marcos temporais de sua vocação política. Agora, a *palavra política*, mesmo acuada, segue um trajeto com uma narrativa jornalística que redesenha ações sociais, via criação imagética e poética, pelo epicentro de *uma outra* história da palavra.

2.2. O jornalismo no labirinto da palavra

A palavra, que é criatura e criador, também fornece a imagem como uma atuação atemporal de influências e sentidos. Por isso, a mirada, destacada por tantos cronistas como elemento essencial de criação, é veículo que incluiu no processo de escrita, além do autor; primeiro, a possibilidade da *incerteza* na maneira de demonstrar questionamentos sobre verdades, na dúvida de sua posição e estabelecimento frente ao narrado – essa *dúvida*, levantada por autores como María Angulo Egea (2016), são recorrentes na escrita cronista; segundo, a *subjetividade* na junção poética ao *mirar* para narrar – "*El lenguaje poético revela La condición paradójica del hombre, su «otredad», y así lo lleva a realizar lo que es.*" (PAZ, 2014, p.58). A imago, como salienta Jose Lezama Lima (2014), é um partícipe abstrato que testemunha diferentes histórias. E entre versões, posicionamentos e particularidades de quem cria, o que se vê é outro elemento que confronta discursos. Portanto, neste trabalho, observa-se a criação de palavras e imagens propiciadas pelo jornalismo narrativo que trazem em si uma visão histórico-política contrastante à comunicação hegemônica, servindo como representação análoga para compreender a América Latina na atualidade.

El referente "real" cobra existencia como representación, es decir, como capacidad de interpretación y no como acceso inmediato y directo a él. La ficción, en tanto mimesis, convoca a la puesta en escena de lo esencial, del núcleo efectivo de la acción. Por otra parte, respecto del final que presenta toda historia, nos hallamos frente a historias sin final. El cronista, en todo caso, ha cumplido la función de "dar a saber" y, por lo tanto, "dar existencia" a una realidad sobre la cual no puede intervenir más que como observador, registrador externo y funcionar como "puente" entre ella y el lector. Se trata de crónicas que refieren una realidad sin certezas, o, en todo caso, una crisis de las creencias instituidas a los efectos de repensar los nuevos (o viejos) fenómenos de la pobreza y la marginalidad, ausentes de la agenda del periodismo hegemónico. (CALLEGARO, LAGO, 2012, p. 261)

O que as autoras relatam é a destituição de uma escrita automatizada, a quebra de um método que direciona um estado *uno* (PAZ, 2014, p.94). Conseqüentemente, o que se visualiza é a busca em desfigurar o jornalismo como uma "problemática industrial", abandonado em um leito desertificado como um produto de consumo sujeito às leis do mercado (MELO, 1972, p.101). Por isso, acompanhamos Pereira (2017) na proposta de um refúgio na escrita poética, no qual a resistência e a tensão conflitiva foram mantidas frente ao pensamento colonial, alicerçando, dessa maneira, propositivas experiências que ascendem fissuras no ordenamento social e na racionalidade.

la escritura literaria, sobre todo la poética, no es elegir entre términos dicotómicos y excluyentes (cierto x errado, verdadero x falso, etc.), o privilegiar creando jerarquías entre los mundos posibles, sino ampliar la palabra, hacer caber en los textos las diversas memorias que nos forman, atravesadas por tiempos y espacios que se vienen sumando desde la invención de América. La poesía permite co-existir subjetividades construídas dentro y fuera de la modernidad occidental a través del suelo movedido que caracteriza su lenguaje poético; uno de los escasos medios expresivos que se prestan a convertirse en creatividad la tensión de quienes habitan tantas fronteras. La práctica poética, por lo tanto,

se convierte en estrategia, o mejor dicho, en táctica para este habitar traspasado por conflictos que van de lo histórico a lo económico, hasta entranarse muy profundamente en la subjetividad y la imaginación. (PEREIRA, 2017, p. 268)

Forma-se uma experiência poética que pode ser suplantada dentro de qualquer ato comunicativo, que aqui diagnosticamos como um potencializador que ressignifica o contexto jornalístico. Portanto, nesse momento, leva-se em conta a visão poética⁴ e mediada de um jornalismo que envolve comunidades e vivências coletivas.

no hay poesía sin sociedad, pero la manera de ser social de la poesía es contradictoria: afirma y niega simultáneamente al habla, que es palabra social; no hay sociedad sin poesía, pero la sociedad no puede realizarse nunca como poesía, nunca es poética. A veces los dos términos aspiran a desvincularse. No pueden. Una sociedad sin poesía carecería de lenguaje: todos dirían la misma cosa o ninguno hablaría, sociedad trashumana en la que todos serían uno o cada uno sería un todo autosuficiente. Una poesía sin sociedad sería un poema sin autor, sin lector y, en rigor, sin palabras. Condenados a una perpetua conjunción que se resuelve en instantánea discordia, los dos términos buscan una conversión mutua: poetizar la vida social, socializar la palabra poética. (PAZ, 2014, p.95)

Desse modo, é a partir dessa projeção que se aproxima o jornalismo narrativo das disposições para encarar fatores sociopolíticos com um registro – mesmo demonstrando contradições de sua potencialidade – que possibilita lidar com uma pluralização de vozes. Ao reportar populações tantas vezes reduzidas e oprimidas pela História oficiosa e pelo jornalismo *diário, corporativo e massivo*.

Hipercodificada y estereotipada, trenzada a base de estilemas expresivos y clichés ideológicos, la llamada *Redacción Periodística* proscribiera al menos tanto como prescribe: contra ella cabe vindicar una *escritura periodística* estética, ética y epistemológicamente consciente, cultivada a partir de la convicción de que las palabras desempeñan un papel crucial —y no meramente instrumental— en la comunicación periodística responsable. Es decir, una *escritura periodística* que contradiga esa opinión infundada pero muy extendida que ven la atención acuciosa al lenguaje y a la expresión un mero prurito «literario» — donde «literario» significa verboso, ornamental, rebuscado y superfluo. Es en el trato con las palabras, en realidad, donde se libra la batalla más importante en pos de un periodismo crítico, cívico y éticamente responsable. (CHILLÓN, p. 94, 1998 – *grifos do autor*)

Um constructo que alimenta a intervenção do *sujeto metafórico*. Essa leitura proposta por Lezama Lima (2014) propõe uma trajetória plural da visão histórica, no qual o *sujeto metafórico* conduz diálogos, propõe intercâmbios, formata e ameniza forças temporais, mesclando memória, poesia, política e imaginário. A visão da história, através desse sujeito-mediador, coloca

⁴ Para a percepção sobre a visão poética desse trabalho, entende-se a poesia na etimologia da palavra, como "poieses", ação subjetiva que pode ser objetificada para além das regras, conceitos e questionamentos do âmbito estritamente literário. Paz (2014) elucida essa percepção ao constatar que existe poesia sem poemas, projetadas em paisagens, pessoas e fatos que se traduzem poéticos. É essa tradução do poético que transcende os gêneros de escrita: “cuando la poesía se da como una condensación del azar o es una cristalización de poderes y circunstancias ajenas a la voluntad creadora del poeta, nos enfrentamos a lo poético” (p. 3).

invisível e visível na metodologia de reescrever linearidades e fomenta um reelaborar de fatos sociais doutrinários – "*El sujeto metafórico actúa para producir La metamorfosis hacia la nueva visión*" (2014, p.214). Então, esse sujeito emancipado trama cultura e história como uma espécie de ficção, como um poema (BEJEL, 1991), e tem na *crónica* uma possível nascente de deságue na atualidade. Assim, a linguagem poética no jornalismo narrativo alinha-se no fluxo de um oceano de correntes dispersas, movimentando o tempo contemporâneo com leituras de outros fatos, palavras e sujeitos. Ao empoderar um *sujeto metafórico* como a fonte mediadora, a comunicação se avoluma e o jornalismo adentra no labirinto da palavra como mediador amplificado pela ideia de ser *cronista*.

Mediador será entonces el comunicador que se tome en serio esa palabra, pues comunicar —pese a todo lo que afirmen los manuales y los habitantes de la posmodernidad— ha sido y sigue siendo algo más difícil que informar; es hacer posible que unos hombres reconozcan a otros, y ello en “doble sentido”: que les reconozcan el derecho a vivir y pensar diferente, y que se reconozcan como hombres en esa diferencia. (BARBERO, 2011, p.40)

Jesús Martín-Barbero (2009) alicerça o entendimento do papel do mediador comunicacional da América Latina, inaugurando e desenvolvendo uma linha que destituiu as fronteiras que demarcavam a concepção entre cultura e comunicação. Implodem-se as ligações teóricas que não sustentavam entender a cultura de massa e suas tensões – “interesses econômicos de um capitalismo mais e mais monopolista, que se aproveita da presença débil e funcional do Estado, e a de uma poderosa sociedade civil que defende e amplia os limites da liberdade” (2009, p. 200). A teorização sobre *meios e mediações* afirma-se como ponta de lança da ampliação do papel dos meios de comunicação, tecnologias e identidades.

comunicador-intermediario — voz de su amo, ilusionista que cree poder hacer comunicar a los que mandan con los que sufren sus abusos, o a los creadores y a los consumidores, sin que en esas relaciones de poder nada cambie; iluso que se cree que comunicando a las gentes puede ahuyentar los conflictos y que todo siga igual — al comunicador-mediador, que es aquel otro que asume como base de su acción las asimetrías, las desigualdades sociales y culturales, que tensionan/desgarran toda comunicación, y entiende su oficio como el trabajo y la lucha por una sociedad en la que comunicar equivalga a poner en común, o sea, a entrar a participar y ser actores en la construcción de una sociedad democrática. (BARBERO, 2011, p.20)

O comunicador-intermediário e o comunicador-mediador são perfis que ambiguamente distorcem a complexidade do processo comunicacional. A oposição reduz o campo e o debate desvincula singularidades. O levante provocado pelo autor duela esses perfis comunicacionais a partir dos seus estudos sobre o objeto televisivo. Dito isso, elucida-se a escolha do mediador como um dos condutores do diálogo entre palavra e mediação, no qual focalizamos dentro do jornalismo narrativo. Uma vez que, é focado no trabalho desse pesquisador que se

compreende um princípio de edificação ao desenvolvimento da linguagem visual, que se tornaria justificativa aos novos modos de aplicação da linguagem do jornalismo impresso e digital. A reformulação textual do jornalismo escrito está intimamente conectada ao impacto da televisão que origina uma “diagramação mais “leve”, na ampla utilização de mapas e boxes didáticos, o aumento no tamanho do corpo dos caracteres, a recomendação aos colaboradores no sentido escreverem parágrafos mais curtos etc.” (ARBEX, 2001, p. 97). Na tentativa de atualizar o jornal impresso temos a programação visual, o projeto gráfico, o *layout* e os produtos “agudos” e “concisos”⁵ como recorrentes quando se fala em revitalização e inovação: “Se um gráfico, em determinados casos, comunica melhor, publique-se o gráfico, subtraia-se o texto. Se uma infografia conta melhor uma história do que um texto corrido, publique-se a infografia.” (NOBLAT, 2003, p. 152). Ocorrem, desse modo, expansões pelo visível que resultarão no modo como as relações e as histórias midiáticas são contadas, publicadas e midiáticas.

Por conseguinte, as mediações propostas por Barbero partem do entendimento do fenômeno televisivo; entretanto, em nossos dias, se visualizam nelas as funções *reformuladoras* que abarcam não somente a recepção televisiva, mas a totalidade constituinte da comunicação como unificação cultural e social que perpassa a produção do jornal impresso ao rádio, e da televisão à internet. É nesse transcorrer dos nossos dias que os encontros das mediações se aprimoram. Outro pesquisador da televisão, Guillermo Orozco Gómez (1997), avoluma a discussão salientando a ausência de marcadores que poderiam disputar a relevância do consumo midiático – a perda de força de elementos como a “*escuela o La familia; por la ausencia de otros satisfactores y otras posibilidades de las audiencias para disfrutar del tiempo libre (...) creciente pobreza, violencia, narcotráfico, inseguridad, crisis económicas, corrupción*” (p.26) tornaram-se dispositivos que diluem-se em meio a um “*espiral de «massmediación globalizante» que hace estallar sus límites, privilegiando el criterio transversal de segmentación mediática*” (2001, p. 156). Essa indicação de Orozco Gómez (1991) não desqualifica esses mediadores, uma vez que ela tonifica a atuação de lugares de sentidos que valem-se de polissemia (p. 112) para constituir a vida de quem prevalece para além de ser somente audiência ou receptor/a. Com essa compreensão sobre o(a) mediador(a) engendra-se uma lista que incluiu gênero, identidades, instituições, movimentos sociais, emoções, raça, idade, etnia, entre outros, como fontes que interagem com o que os meios produzem. São hábitos próprios, características fundantes, experiências acumuladas, formações pessoais que resultam em produção de sentidos singulares e atendem particularidades coletivas e individuais que vão além do que a própria mediação comunicacional expõe ou objetiva. O que Orozco Gómez

⁵ Reformulações apontadas ao The Wall Street Journal. Cf. *A conta da notícia*. Disponível em: <<http://nao.usem.xyz/bce1>>. Acesso em 09 mai. 2017.

oferece é a interpretação de uma mediação múltipla, revestida de combinações dinâmicas (SIGNATES, 1998, p.45), formações de um interjogo político e social.

Las mediaciones hay que entenderlas como procesos estructurantes provenientes de diversas fuentes, que inciden en los procesos de comunicación y conforman las interacciones comunicativas de los actores sociales. Con este entendimiento sobre las mediaciones lo que actualmente estamos presenciando es un interjuego distinto de su peso específico en la comunicación social. Si antes las mediaciones institucionales propias de las diversas instituciones sociales a las que las audiencias pertenecían eran muy importantes en la definición y orientación de las producciones de sentido, como la escuela o el Estado por ejemplo, ahora esas instituciones típicas de la modernidad y del siglo pasado han perdido fuerza. (OROZCO GOMÉZ, 2002, p.26)

Essa confrontação da mediação também articula outra desestabilização dicotômica, da concepção tradicional da recepção. Não mais entendida como uma mera etapa na mecanicidade produção-recepção (OROZCO GOMÉZ, 2001, p. 6). A estruturação polissêmica trazida pelo autor restitui o sujeito fora de uma passividade em seu desenvolvimento comunicacional (social e político). A sua condição complexa é restabelecida e respeitada – “*En sus interacciones comunicacionales, los miembros de la audiencia siguen siendo sujetos sociales situados y es desde ahí que entablan su interacción comunicacional.*” (2003, p. 8). Consequentemente, a extensão desse(a) mediador(a) enumera o respeito de individualidades perante sua relação com *o quê e como se comunica* – lhe confia uma suposta reciprocidade. Assim, garante mediação de sua enunciação política, dissolvendo justificativas que levaram a comunicação/jornalismo a reconduzir o espaço público e os atos políticos como ações articuladas de falsas potências.

Quando a escalada entre a palavra (poética e política) é movimentada, o jornalismo narrativo configura-se como mediação sociocultural que Moretzsohn (2003) preconiza, ao afirmar a recuperação da mediação jornalística investida de sentido político; e de inúmeros embates, nos quais a centralidade da democratização da comunicação torna-se recorrência nos questionamentos emancipatórios, fortalecendo movimentos sociais e suas práticas de comunicação comunitária e democrática (p. 10). No cruzamento deste capítulo implica, portanto, em uma primeira *paragem* – a da palavra – para a consciência da mediação aos escritos dos cronistas que serão tema do nosso próximo destino-capítulo. O que resulta dessa conversa é configurar que as mediações comunicacionais vertem a palavra no cuidado de conceber outra narrativa social e poética. É desse perfil que se retifica a leitura sobre a atuação de cronistas que correlacionam fato, narração e humanização. O enlace discursivo do *sur* imaginário, assim como seu desenvolvimento epistemológico, liga inquietações no seu modelo atemporal de conduzir uma representação jornalística mediadora desse momento social. Jesús Martín-Barbero recupera seu aporte, iniciado no

livro *Meios e Mediações*, e relacionará o lugar da travessia da comunicação na cultura com as transformações estruturantes – e não mais instrumentais – que a sociedade vivencia com a tecnologia. Em seu livro *Oficio de cartógrafo* (2002), o papel da mediação agora é visto como um novo mapa composto por uma rede complexa que movimenta elementos diacrônicos e sincrônicos englobando *sociabilidad, tecnicidad, institucionalidade e ritualidad*.

Los cambios en el ámbito de la tecnicidad y la identidad están reclamando imperiosamente pensar las *mediaciones comunicativas* de la cultura, un nuevo mapa que dé cuenta de la complejidad en las relaciones constitutivas de la comunicación en la cultura pues los medios han pasado a constituir un espacio clave de condensación e intersección de la producción y el consumo cultural, al mismo tiempo que catalizan hoy algunas de las más intensas redes de poder. (...) La lucha contra el pensamiento único halla así un lugar estratégico no sólo en el politeísmo nómada y descentrador que moviliza la reflexión e investigación sobre las mediaciones históricas de comunicar sino también en las transformaciones que atraviesan los *mediadores socioculturales*, tanto en sus figuras institucionales. (BARBERO, 2002, p. 226)

O autor enumera como modelo os movimentos sociais e organizações que discutem a identidade de gênero e etnia, como também as questões ecológicas, como marcos da inserção de significados sociais outros, aos já usados para a doutrinação e controle. O papel da mídia é fundante, no qual silenciamentos e apropriações fazem da colonização da linguagem as matizes ideológicas que espalham-se em todos os campos da existência. Recuperar a *palabra perdida*, como classifica o cronista Juan Villoro (2006), é regimentar o papel do testemunho e análise como asserções de cronistas frente aos processos reducionistas de dominação.

Descreveram-se, neste capítulo, as correlações entre *palavra e mediação*; a cosmovisão indígena, exemplificada com o citado David Kopenawa; as lutas constantes que orbitam em um momento histórico de diminuição de forças tradicionais de poder e representação. A polissemia de Orozco Gómez e a completude assimilada por Barbero são bases que restituem a formação do sujeito político latino-americano – no qual, direciona-se ao objeto de análise desse trabalho: as *crónicas* do jornalismo narrativo. A comunicação – e sua democratização – é fundamento para alavancar outros sujeitos e forças políticas e, ainda, "*desmonopolizar la palabra en beneficio de um mayor pluralismo y diversidad*" (LEÓN, 2016, p.1). Diferentes linguagens jornalísticas em meios "tradicionais" e enlaces ao entretenimento demonstram a necessidade de sua reconfiguração. Pensar as formas de criação, via *crónicas*, é dinamizar territórios simbólicos que buscam uma horizontalidade em comparação ao jornalismo hegemônico. Entre brechas e crises, aponta-se uma ferramenta de representação das práticas sociopolíticas da América Latina contemporânea, principalmente pelo viés de uma poética relacional, de força emancipatória do sentido da palavra e de reconfiguração da voz de representações sociais. Michel de Certeau teoriza

sobre essa *voz* propagada por grupos e pessoas, junto aos sistemas de recepção e decodificação dos meios de comunicação.

A instituição dos aparelhos escriturísticos da "disciplina" moderna indissociável da "reprodução" possibilitada pela imprensa foi acompanhada pelo duplo isolamento do "Povo" (em relação à "burguesia") e da "voz" (em relação à escrita). Daí a convicção que, longe, bem longe dos poderes econômicos e administrativos, "o Povo fala". Palavra ora sedutora ora perigosa, única, perdida (malgrado violentas e breves irrupções), constituída em "Voz do povo" por sua própria pressão, objeto de nostalgias, controles e sobretudo imensas campanhas que a rearticularam sobre a escritura por meio da escola. Hoje, "registrada" de todas as maneiras, normalizada, audível em toda a parte, mas uma vez "gravada", mediatizada pelo rádio, pela televisão ou pelo disco, e "depurada" pelas técnicas de sua difusão. Onda ela mesma se infiltra, ruído do corpo, torna-se muitas vezes a imitação que a mídia produz e reproduz dela - a cópia de seu artefato. (CERTEAU, 1998, p. 222)

Dessa maneira, alargam-se os modos de como lidar com a *voz* propagada; que faz uso da subjetividade para contar particularidades (internas e externas) e para construção de personagens no seu deslocamento espacial e temporal. É que ainda aproveita-se de brechas do modelo jornalístico hegemônico, no qual elementos como "objetividade", "imparcialidade", audiência, internet e economia trouxeram a busca por alternativas de como produzir jornalismo. A fortificação da possibilidade de outra narrativa assegura a relevância de um texto jornalístico com pautas e recortes que dinamizam o imaginário e os territórios simbólicos latino-americanos. Busca-se refletir uma modalidade que possa agregar aproximações, semelhanças e junções como leitura político-poética dos acontecimentos sociais – como a constituição dos fatos históricos, mas sem desvincular-se do pessoal, do íntimo e do comunitário.

Compreender um pouco mais o ser humano na sua complexidade, entender o mundo humano, demarcar nossas identidades, o que somos, como nos constituímos é o trabalho simbólico das análises das narrativas. Compreender, enfim, a experiência constitutiva do sujeito. A experiência é a atividade experimental da mente em busca do sentido ontológico, da essência das coisas e de si mesmo. É algo que nos acontece rotineiramente, podendo ser mais ou menos intensa, dependendo das circunstâncias. É alimentada pela tradição, pelo desejo e pelas emoções, mas também pela razão e pela reflexão. É simultaneamente objetivadora e subjetivadora, empírica e abstrata, ingênua ou experimental. (MOTTA, 2013, p. 30)

Nessa primeira *paragem* buscou-se introduzir a importância da palavra e o seu desenvolvimento como controle e mediação sociocultural. Um debate preliminar que visa semear um questionamento aos aportes internos do campo jornalístico que, em nosso objeto de estudo, torna-se elemento chave no embate que articula mídia, poética e política. Contudo, evidenciou-se a noção de *palavra-mediadora* para um conjunto composto por tensões, confrontos e complementaridades usados na valoração semântica e simbólica da palavra. Repassou-se essa leitura pela ótica de autoras e autores como Walter Mignolo, Angel Rama, Benedict Anderson,

Silvia Rivera Cusicanqui, Michel Certeau e Octavio Paz. Através dessas indicações concluímos o trajeto sinalizando a vigência da *palavra-política* no marco do nosso estudo de caso. Principalmente pela ideia de mediação introduzida por Jose Lezama Lima e sua percepção do *sujeto metafórico*. Essa conceituação da linguagem poética-política ampara a visualização mediadora do narrador jornalístico e da representação, debatidas com o auxílio de Guillermo Orozco Gómez e Jesús Martín-Barbero. Focaliza-se, dessa maneira, a importância da dinâmica inserida pela linguagem do jornalismo narrativo e a complexificação dos processos de mediação – assim como as distintas formas de comunicar e suas relações de controle e poder.

3. COMO PLANTAR HISTÓRIAS, E COLHER IMAGINÁRIOS

Um modal disruptivo privilegiado para diluir-se em diferentes momentos políticos, expressões sociais e ações culturais. Na era transmídia, do fenômeno *meme*, da intervenção multifocal nas representações sociais, na proliferação imagética, na força repentina do *gif*, no aprofundamento e captura complexa de identidades móveis, a *narrativa* tornou-se menos um substantivo de exposição e mais uma corrente político-linguística da disputa de poder. Dentro da linguagem midiática, a atividade de *quem e como* fala descobre novos formatos a partir de centros de produções que coligam, por exemplo, ativismo⁶ e inserção. A análise do cenário político brasileiro, por exemplo, tem na noção de narrativas a convergência de múltiplos fatores que especialistas usam como mediação de uma disputa aberta, de uma quebra de monopólio, como também de esgotamento⁷. O domínio, enfatizado desde as artes até o judiciário, está contido na ação que acarreta um espaço-tempo, no qual ideias e valores miram a democracia⁸.

A elaboração teórica no presente momento da pesquisa articula ideias sobre as formas de narrativas e a caracterização do narrador. Conjuntamente, insere-se uma linha histórica sobre a formação e desenvolvimento da *crônica* como forma destacada do jornalismo narrativo, revelando seu tom latino-americano. E finaliza-se o capítulo com a formação do *corpus* da investigação, apresentando as cinco revistas especializadas em *crônicas* que serão analisadas nesta dissertação.

Fonte da história, jornalismo, cinema, literatura, ciência política, entre outros, a narrativa dilacera princípios entre criação e inovação, entre hermetismo e encerramento. A partir das Letras, no sentido estrutural da escrita, pode-se entender a narração como um texto misto que incluiu a descrição, o diálogo, a relação temporal e os possíveis desenlaces de diferentes ações (ÁLVAREZ, 2010). A narratologia, enfaticamente, dirá que um texto narrativo é aquele em que um agente relata uma narração constituído de um sistema composto de história, fábula, acontecimentos,

⁶ Em entrevista, a pesquisadora Ivana Bentes declara: “Como a mídia livre vai entrar nos sites secretos e grupos como os de Whatsapp? Lá está se formando uma narrativa assustadora (...) A esquerda é conservadora em termos de linguagem e estética”. Cf.: *O jornalismo, os memes, e a disputa de narrativas*. (Revista Fórum, 2016). Disponível em: <<https://vrr.im/b455>>. Acesso em 06 jun. 2017.

⁷ Cf. COELHO, Fred. *Narrativas*. 2016. Disponível em: <<https://vrr.im/6a12>>. Acesso em 06 jun. 2017.

⁸ Cesar Monatti, em sua coluna sobre política, salienta: "Então é disso que se trata: narrar os acontecimentos recentes conforme o entendimento dos democratas isentos de laços com os grandes grupos de poder que sempre existiram na história do Brasil e que seguem aí, pelas suas inúmeras gerações e degenerações ao longo do tempo. É preciso ampliar o arco dos democratas narradores, com base na solidariedade e, assim, agregando críticas fundadas aos rumos e descaminhos políticos do núcleo de poder recém empossado.". Cf.: *A disputa agora é a narrativa*. GGN, 2016. Disponível em: <<https://vrr.im/a21c>>. Acesso em 06 jun. 2017.

tempo, lugar e atores (BAL, 2009). Tzvetan Todorov (2008) mostra que as estruturas narrativas constituem-se na tensão entre as mudanças de um acontecimento – “a interminável narrativa da ‘vida’” (p. 21) – e o caos da organização de um sentido e ordem desse encontro; uma identificação inserida pelo teórico búlgaro que alinha à negação de uma narrativa natural, dada e própria. Complementa Todorov que: “toda narrativa é uma escolha e uma construção; é um discurso e não uma série de acontecimentos.” (p. 108). Uma noção que insere decisivamente a compreensão hegemônica de controle, manipulação e distorção de inúmeros discursos do poder. Seguindo essa ótica estruturalista, Roland Barthes (2013) aproxima os fios narrativos como um encadeamento de estágios – “ler (escutar) uma narrativa não é somente passar de uma palavra a outra, é também passar de um nível a outro” (p. 27). Nesse mesmo livro, a *Análise Estrutural da Narrativa*, Claude Bremond percebe a lógica da unidade integradora e a inerência de interesses humanos como fundamentos essenciais da narrativa (p. 118). Pelas óticas estruturalistas, analíticas e críticas, constata-se a narração como o novelo que desenrola os dias, e resoluções do passado e futuro. Luiz Gonzaga Motta (2013), em *Análise crítica da narrativa*, estabelece relações de continuidade e de sucessão em perspectiva.

Narrar é relatar eventos de interesse humano enunciados em um suceder temporal encaminhado a um desfecho. Implica, portanto, narratividade, uma sucessão de estados de transformação responsável pelo sentido. A palavra chave é sucessão. Ela introduz a questão da sequenciação, ou desenvolvimento temporal. A narratividade coloca imediatamente a ideia de prosseguimento-interrupção ou a dialética da continuidade-descontinuidade. (...) Narrar é, portanto, relatar processos de mudança, processos de alteração e de sucessão inter-relacionados (MOTTA, 2013, p. 71 – grifos do autor)

Ao jornalismo, cabe uma leitura à narrativa na opção colocada nesse trabalho, pois busca-se visualizar elementos que se distanciaram nas redações. Palavra, comunicação e narrativa se reformulam na ação que concebe a Comunicação Social. No jornalismo narrativo encontramos distintas formas de denominar essa união, como *nuevo periodismo*, jornalismo literário, literatura de não-ficção, ou ainda, *outro nuevo periodismo*. A pesquisadora Monica Martinez contextualiza esse campo jornalístico como em construção, principalmente por sua “porosidade conceitual” (2017, p. 25). Assim, afirma-se que por possuir temas, que se apresentam próprios e únicos dentro da produção jornalística, assim o é na busca por variações e enquadramentos teóricos de difícil unificação. Parte-se da ideia de união, contido no termo jornalismo narrativo, pelo pressuposto que abarca não somente uma faixa temporal, ou estilo, ou uma marcação de um fenômeno editorial. Em nosso entendimento, coloca-se abaixo da assinatura dessa modalidade a opção de uma aproximação que engendra *prática, vivência e técnica*. Prática de uma pré-produção aprofundada, de pesquisas complexas, de análises e formações díspares e conectadas à multiplicidade identitária da leitura de um tempo; vivência na condição de ser

narrador, não mais, nem menos, que ser jornalista, mas um entendimento que desvincula qualquer carga estigmatizada do setor; e técnica por uma especialização na escrita de grande fôlego e nas, formas de propor experiências ao leitor, utilizando ferramentas de distintos campos do conhecimento.

O narrador, nessa disputa de narrativas, usa a *crónica* como arma em seu local de desenvolvimento e alegorias. E ela fundamenta múltiplos entendimentos, como a de Carlos Monsiváis, citado por Darío Jaramillo Agudelo (2011), no qual o mexicano tensiona comparativamente a *crónica* como "*género donde El empeño formal domina sobre las urgencias informativas*" (p.11). O próprio Agudelo lança uma definição para o gênero: "*una narración extensa de un hecho verídico, escrita en primera persona o con una visible participación del yo narrativo, sobre acontecimientos o personas o grupos insólitos*" (p. 17). Ao englobar ritos sociais dentro da área de atuação desse tipo de escrita, cria-se um espaço de choque e destruição entre diversos gêneros (SANCHEZ, 1990, p. 448).

Para referir la vida cotidiana de la gente común, y de los sectores marginados, así como la puesta en escena de prácticas de supervivencia y lucha de dichos sectores, estos jóvenes cronistas eligen un registro más cercano a lo literario que a lo periodístico. De ese modo, la subjetividad del enunciador-cronista-narrador tiñe descripciones y acontecimientos o bien da paso a la subjetividad de los protagonistas y actores de dichas historias, mediante la elección de puntos de vista múltiples que lejos de distanciarse de los acontecimientos, buscan poner de relieve la presencia de un enunciador periodístico involucrado afectivamente con lo narrado. Así, las estrategias de objetividad dan paso a técnicas de funcionalización que hacen emerger la subjetividad aún en el uso de la tercera persona. Tampoco presentan historias totalizadoras ni cerradas. Por el contrario, importan por el detalle, materializado en fragmentos narrativos que operan como metonimia emocional. (CALLEGARO, LAGO, 2012, p. 247)

As autoras dinamizam o espaço da *crónica*, projetando o lugar da narração como transgressão pela ressonância que instala tensões interpretativas e conflito de atividades sociais (p. 248). Uma ação parte de um discurso que problematiza de forma ampla as realidades da teia social (QUEIROS, 2017). São princípios de um produto híbrido – "*no suele ser tomado en serio ni por la institución literaria ni por la periodística, en ambos casos por la misma razón: El hecho de no estar definitivamente dentro de ninguna de ellas*" (ROTKER, 2005, p. 225) – hibridez textual, que Mónica Bernabé conjuga com o testemunho e o ensaio etnográfico (2010, p.3), mas que possibilita visualizar um entendimento híbrido que está/esteve desacreditada por suas fontes primárias. Outro interstício vivido pela *crónica* é sua qualificação entre o informativo e opinativo por muitas escolas da comunicação. José Marques de Melo (1992) realiza um diagnóstico sobre essa especificação ao lembrar que as crônicas francesa, italiana e espanhola – classicamente interpeladas pela Literatura – carregam similaridades com artigos de colonistas das escolas norte-americanas e britânicas. O

acento da *crónica latinoamericana* aborda essas duas correntes e mescla-se em si, carregando doses informativas e literárias, com um formato heterogêneo⁹ entre os fatos e opiniões (GALINDO, NARANJO, 2016, p.9). María Angulo (2014), em sua análise, pontua a *crónica* tendo como base a *mirada*, pela figuração do eu, da iniciativa social de não distanciar-se dos fatos e acontecimentos. É a partir do *mirar* que a autora consegue delinear diversificadas características: formação atemporal, reflexão, ação de uma voz pessoal e emocional, ampliação dos campos e dos entendimentos, da inserção da subjetividade reivindicada como “*forma honesta de presentar lo real*” (p. 8). Não se trata mais da voz onisciente sabedora do todo (p. 21), trata-se apenas da humanização de um processo difuso e automatizado do jornalismo.

Para o cronista argentino Martin Caparrós (2007) a *crónica* lhe obriga a exercitar uma mirada extrema e descortinar o que já se conhece. Baseado nesse prisma de composição da *crónica*, menciona-se novamente Darrigrandi (2013), que preconiza perspectivas variadas para estudar o jornalismo narrativo. Inserindo *miradas* da estética, historiografia, antropologia ou sociologia, a autora acredita na potencialidade dos textos e suas representações e especificidade dispersa (p. 127). Essa potência interdisciplinar evidencia o espelhamento de *crónicas* como “*análisis de la realidad circundante, cercana física o territorialmente; o lejana pero próxima cultural, humana o emocionalmente*” (ANGULO, 2014, p.11). Reiteradamente temos marcado a presença da ideia de narração coligada ao jornalismo que se analisa neste trabalho. O jornalismo narrativo torna-se um equilíbrio dos pontos cambiáveis e instáveis (porém, conscientes) que a *crónica* apresenta em meio à sua constituição. Portanto, pensa-se neste capítulo o entendimento da prerrogativa *narrativa* ao centro da constituição do discurso jornalístico trazido à baila por essa pesquisa.

Primeiramente, vê-se um narrador-cronista se colocando no *entre-lugar* de uma ambiguidade subjetiva. Ao colocar-se desse modo, a narradora e o narrador surpreendem pessoas e temas, construindo um território intransponível para o jornalismo hegemônico e corporativo – o território da experiência vivida e refletida unida ao simulacro discursivo (BARNABÉ, In: CRISTOFF, 2006). Motta (2013), e sua análise sobre notícias, integram-se para ajudar-nos a visualizar um esquema comparativo ao jornalismo corporativo. Se as demandas do jornalismo narrativo se fazem pelo aprofundamento das alteridades, enquadra-se a narrativa como um jogo e disputa de enunciados e suas relações sociais. O autor qualifica esse enquadramento dentro de um marco estabelecido pela complexidade da representação narrativa diária dos jornais.

⁹ Outra definição que visa compreender a formação de uma *crónica* é a hibridez. Desse critério, o cronista mexicano Juan Villoro declara: “*El catálogo de influencias puede extenderse y precisarse hasta competir con el infinito. Usado en exceso, cualquiera de esos recursos resulta letal. La crónica es un animal cuyo equilibrio biológico depende de no ser como los siete animales distintos que podría ser.*”. Cf.: *La crónica, ornitorrinco de la prosa*, 2006. Disponível em: <<https://vrr.im/ldb6>>. Acesso em: 10 jan. 2016.

A narrativa jornalística é uma construção discursiva mediada primeiramente pelo meio de comunicação que a veicula: o jornal, a emissora ou o portal, cada qual com suas singularidades técnicas, seu *ethos*, seus interesses comerciais e ideológicos particulares. Ela é mediada, em segundo lugar, por um corpo de profissionais corporativos: jornalistas, diagramadores, fotógrafos, cinegrafistas, editores, ilustradores, *webmasters*, etc., que hierarquizam na estória, de acordo com seus valores pessoais e interesses profissionais. Além desses interesses, o texto jornalístico está permeado de falas diretas ou indiretas das inúmeras personagens-testemunhas, que também se digladiam no relato, trazendo para o dramatismo da estória a ótica de seus próprios pontos de vista sobre os incidentes que presenciaram ou de que participaram. Veículos, profissionais, indivíduos e grupos sociais estão assim em contínua *negociação* política e simbólica. (MOTTA, 2013, p. 220)

Para o pesquisador, essas forças, classificadas como primeiro, segundo e terceiro-narrador, irão mediar a narrativa jornalística; contudo, a força dessas relações será convertida em interesses comerciais e institucionais do veículo (o Primeiro-narrador). As relações de poder ainda conferem aos veículos de comunicação uma autoridade para narrar *a verdade*, baseada na “divisão social do trabalho moderna” (p. 227). Destacamos que essa divisão está conjecturada à colonialidade do poder (QUIJANO, 2005), em meio aos processos coloniais de divisão de trabalho e ao uso ideológico do racismo – reflexão que assumimos no próximo capítulo.

Por fim, a leitura de Motta estabelece a diferenciação necessária para adentrarmos nas tramas do enunciado argumentativo e polifônico das representações políticas produzidas pelo jornalismo narrativo. Forma-se uma conjunção comunicacional de imaginários refratados, na qual Irandé Antunes (2010) esquematiza um entendimento textual que vai além da língua – “se trata de um evento comunicativo em que operam, simultaneamente, ações linguísticas, sociais e cognitivas.” (p. 31). O editor e cronista peruano Julio Villanueva Chang (2005) exemplifica esse momento como ato de administração de uma tensão natural, de um jogo persuasivo “*entre lo que se cuenta y lo que se omite, y em cómo en última instancia un cronista selecciona y da sentido a esta información para construir una metáfora de su época*” (p. 5). Então, *cronicar* é o verbo que conjuga a formação expansiva dos relatos sociais e atemporais – plantando histórias, colhendo imaginários.

Assim, o testemunho das consequências neoliberais (CALLEGARO, LAGO, 2010, POBLETE, In.: FALBO, 2007), de vidas invisibilizadas, de ideias oprimidas, de ações desqualificadas pela grande mídia, tornam-se plumo para encontrar a intermediação entre a técnica narrativa, a notícia e a realidade, onde “*se narra algo, al proprio tiempo que se juzga*” (PUERTA, 2011, p. 56). A imediatez não é *deadline* imposta, a rapidez dos fatos não desestabiliza a forma, porém, essas características não desqualificam a sua atualidade, nem a sua concepção atuante. Seria para o cronista colombiano Alberto Salcedo Ramos (2011) como um “paraíso” que possibilita contar histórias perduráveis que transcendem o mero registro de cifras. É, na visão do teórico Tomás Eloy Martínez (1997), o desvelar do ser humano detrás do fato, da pessoa “*afectada por los*

vientos de la realidad” (p. 2). Por conseguinte, há uma concentração atenta aos detalhes do cotidiano e os modos de contar essas histórias, não se limitando pela ordem cronológica, por uma suposta credibilidade ou pela estrutura da notícia (ROTKER, 2006, p. 226). Como demonstra Nobre (2016) em estudo sobre o trabalho da jornalista Eliane Brum, o tratamento conceitual sobre “fontes/personagens” desmistifica a dicotomia costumes do jornalismo entre “boas/más; vítimas/culpadas” (p. 92); é a força da narração que encontra no relato um desafio – “*es decir, del trabajo con la heterogeneidad formal– como acto de resistencia*” (FALBO, 2007, p. 15). Resiste-se ao mesmo tempo que cria-se, a palavra é renovada e a mediação comunicativa é humanizada.

A articulista Carolina Ethel (2008) salienta que o momento social da América Latina se transfere de um continente “inventado” pela literatura, para um continente redescoberto por narradores. A anotação de Ethel, intimamente conectado ao *boom* latino-americano na literatura entre os anos 1960 e 1970, complementa-se com a ideia de Graciela Falbo (2007), em apontar um narrador caminhante em novos territórios, não mais espaciais e físicos, mas internos e subjetivos que designam e representam processos de segregação, formas de violência, *desplazamiento* e exclusão (p. 15) provindos das consequências neoliberais. Para Calegari e Lago (2010), essas consequências são determinantes para o surgimento e afirmação de novas identidades sociais que envolvem o aumento da pobreza, o desmantelamento de políticas sociais universalistas, o fim de fábricas e comércios menores, a concentração do poder e a destruição das economias regionais (p. 31). Tudo isso engendra uma formação que se converge por expressões culturais, como o *rap*, com aberturas comunicacionais, como o tratamento e convívio via redes sociais e a dilaceração de prerrogativas deterministas para zonas que se estabelecem independentes cultural e socialmente. São essas formações que estarão nas novas dinâmicas dos movimentos sociais, dos encontros e ações de ocupações, na utilização do espaço público e na visibilidade outorgada que coloca-se como desestabilizada.

Uma relação que faz María Cristina Lago projetar o gênero como um “*material de análisis social y cultural, al margen del narratológico*” (LAGO, 2014, p. 3). Relação que impulsiona inclusive as vertigens ideológicas de textos acadêmicos, como pontua provocativamente Reguillo (2007), ao entender o narrativo como desmistificador de técnicas, como a observação etnográfica e a análise social “*acostumbrados a observar sin ser vistos y a controlar sin aparentar control*” (p. 46). Técnicas com funções pragmáticas de redução imagética e política fundam a “erosión” dos lugares de enunciação dominante – “*La voz, crecientemente audible de los excluidos, de los marginales, de los que tradicionalmente habían sido considerados solo informantes para el discurso cientificista y objetivo, reclama hoy un estatuto distinto em la narración*” (p. 46). Um tratamento e uma espécie de cansaço reclamado pela cronista argentina Leila Guerriero: “*no me creo un mundo donde las personas no son personas, sino ‘fuentes’, donde las casas no son casas,*

sino ‘el lugar de los hechos’, donde la gente no dice cosas, sino que ‘ofrece testimonios’” (2015, p. 53). Insere-se também nessa discussão o processo de desenvolvimento acadêmico, pois se entende que é através de algumas compreensões epistemológicas que o trabalho de cronistas abrem-se para outras margens de influência. Graciela Falbo (2007) exemplifica essa conjunção através das técnicas de Testemunho e da História Oral (p. 13) que mostram outros modos de lidar com a participação e compreensão de quem se narra. A representação de mais uma fase das lutas e pensamentos, de uma *outra* mediação do momento social globalizado.

Si el poema lírico fue la forma de mediación entre un nuevo concepto del individuo romántico y un mundo en plena industrialización y urbanización; si la novela nacional medió entre la heterogeneidad efectiva de lo social y la homogeneización postulada por un proyecto político estatal unitario; si el testimonio pareció emerger como la forma nueva de una épica de lo social en la época de las revoluciones cubana y centroamericanas, la crónica podría postularse como el género que mediatiza el choque entre las subjetividades heterogéneas de lo social popular y la identificación neoliberal de democracia electoral y economía de mercado como el horizonte único de la vida en el momento de su globalización. (POBLETE, In: FALBO, 2007, p. 85)

Um fluxo de característica *epocal*, também reiterado por Reguillo (2007), que aspira um horizonte que incrementa a disputa de representações orientadoras. Uma força que realocaliza o relato, continua Reguillo, incitando a participação no que é narrado (p. 45). Luiz Gonzaga Motta (2009) auxilia no complemento da noção desse perfil de narrador e os mecanismos utilizados em comparativo com o modelo da *crónica*. Por conseguinte, se introduz as trilhas do pensamento de Paul Ricoeur sobre narrativas utilizadas pelo autor.

Paul Ricoeur (1994) nos alerta que as narrativas são um meio de reconfigurar a nossa confusa e difusa experiência temporal. A identidade de um texto narrativo, diz o autor, deve ser buscada no caráter temporal da experiência humana porque qualquer narrativa é sempre um mundo temporal. Dessa maneira, a narrativa é significativa na medida em que esboça os traços de nossa experiência temporal. O autor abre uma pródiga trilha para nossa discussão. Para Ricoeur, existe entre a atividade de narrar uma história e o caráter temporal da experiência humana uma correlação transcultural. O tempo torna-se tempo humano na medida em que é articulado de um modo narrativo e a narrativa atinge seu pleno significado quando se torna uma condição da existência temporal. O roteiro aberto por Ricoeur abre trilhas intrigantes para uma compreensão da comunicação jornalística, a atividade essencialmente marcada pela experiência do tempo (a atualidade, a instantaneidade e a contemporaneidade são valores-notícia determinantes da forma de conhecimento jornalístico). (...) Ricoeur leva-nos a constatar uma estrutura pré-narrativa da experiência temporal do mundo da vida que permanece implícita nas mediações simbólicas, indutora de narrativas (mimese I). Ou seja, a prática cotidiana ordena e articula o passado, o presente e o futuro. (MOTTA, 2009, p. 3)

O entendimento trazido por Motta, a partir de Ricoeur, aponta a notícia fragmentada como parte de um discurso integrador. A força narrativa do jornalismo, continua o

autor, não estaria nas aptidões textuais, mas nas intersecções que lidam com o tempo presente e as mediações na contemporaneidade. Desse modo, pensa-se em questões colocadas por Beatriz Sarlo (2007) ao falar que a narração de testemunhos históricos em primeira pessoa origina uma temporalidade que se atualiza ao repetir-se (p. 25). Portanto, uma ação que confere pujança ao que é vivido e compartilhado socialmente: “É do ponto de vista da cultura, a meu ver, que o jornalismo se configura como narrativa da contemporaneidade. Sua significação é cultural e sua interpretação precisa ser antropológica” (2009, p. 6). A influência jornalística, na existência ou invisibilidade, retoma a noção de controle do discurso. Funda-se um aparato potente de realidades, e de conjunção de tempos distintos e intercambiáveis na contemporaneidade.

Desse diagnóstico transcende-se o suporte. O meio deixa de ser mensagem (MCLUHANN, 2012) e o formato e a emanção dos sentidos deixam ao leitor uma atuação decisiva. Esse enfoque, ao mesmo tempo em que visa uma unificação, desordena o discurso jornalístico – muitas vezes, intimamente conectados a interesses econômicos e políticos de uma elite centralista. O acontecimento na escritura e a mesma como ato constituinte do desenrolar do que é vivenciado e lido. São apropriações de uma intervenção que coloca em perigo um “*mundo administrado por la indiferencia y la disciplina del consumo.*” (BARNABE, In: CRISTOFF, 2006, p. 13). Adriana Callegaro e María Cristina Lago (2015) sugerem o uso da primeira pessoa como uma prática de respeito pelo *o que e por quem* se narra. Um vínculo, que diz “*‘sentircon’, a través de la explicitación de sentimientos, y del estado emocional que le provoca lo narrado*” (p. 8). É o relato em primeira pessoa, é o apagar da condição formal do jornalista imparcial, é a transparência sensível do que se narra equivalendo a importância política e social do discurso. Por isso, o que é narrado e o que é experimentado na vivência política da América Latina estão entrelaçados na escrita do jornalismo narrativo.

3.1. DESDE INDIAS: VIDA NARRATIVA

A *crónica* e sua constituição, que entre os ingredientes se destacam a reelaboração do objeto factual, a inserção do elemento da dúvida e a renegação do mito da objetividade, fazem que esse tipo de escrita alcance uma trajetória singular. O *corpus* desse trabalho se exhibe com suas particularidades, assim, destaca-se apontamentos exercidos por diferentes pesquisadoras e pesquisadores do tema, conjugando o recorte de análise evidenciado nesse trabalho. Portanto, salienta-se o deslocamento teórico que orbita o jornalismo narrativo, porém se alça esses pensamentos como química que unifica escritores, temas e ações. Para esse trabalho entende-se jornalismo narrativo como macro-gênero utilizador de técnicas do jornalismo, porém com recursos

fomentados pela literatura, história, sociologia, psicologia e demais áreas que impulsionam a narrativa contemporânea. Por isso, dentro de seus enlaces alimenta a escrita de gêneros como a entrevista, reportagem, perfil e o objeto da *crónica*.

A *crónica* agrega em sua morfologia uma flexão que se liga, primeiramente, a ideia de tempo. O *cronos* como organizador e ação da palavra associativa de ideias, histórias e pessoas. O tempo da *crónica* remontaria em sua linhagem uma origem além mar. Alguns especialistas destacam o embrião cronista no exercício de escrita e produção dos chamados *Cronistas de las Indias*.

A prática do “descobrimento”, a posição que cataloga e nomeia, a voz do narrador, a mirada, a função prática da elaborada maneira de informar, são algumas das características visualizadas nesses textos que remontam o século XVI – “*los primeros cronistas – echando mano a la mezcla discursiva – incrustaron la maravilla en el formato propio de los documentos legales remitidos a la Corona*” (BERNABE, In: CRISTOFF, 2006, p. 15). Dessa atuação pragmática que objetiva o entendimento, anexada à dominação e violência, que esses cronistas assinaram a voz da “escrita conquistadora” no qual opera “um *querer escrever* e um *corpo escrito* (ou a escrever), fabrica a história ocidental” (CERTEAU, 2015, p. 11). O relato histórico que Michel de Certeau imprime a Jan Van Der Atræet (1523 - 1605) expõe conjuntamente o papel da história oficial, e sua narrativa como testemunho singular. Esse papel, do olhar colonizador espanhol e português, possibilita elencar discursos emancipatórios nesse período de autores que disseminavam experiências desde América Latina. Cronistas como Inca Garcilaso de la Vega (1539 - 1616) e Felipe Guamán Poma de Ayla (1550 - 1616)¹⁰ são exemplos dessa vertente, e se tornam analogia à produção contemporânea (GALINDO, 2016) de *crónicas* que apresentam e destacam outras formas de vida e atuação política. Para Gabriela Esquivada (In: FALBO, 2007) a *crónica desde Indias* promove um discurso de autoridade e presença colonial que exercita a cronologia, expondo as façanhas do narrador frente a sua autoridade. Conjuga-se, desse modo, a voz indireta e a presença do eu subjetivo no alcance presencial do texto. A voz atual de um texto que se destaca pela exposição de leitura de contextos está em conjugação com esses cronistas do passado. O testemunho do encontro nas práticas desses narradores trouxeram traços equivalentes aos questionamentos de quem produz a *crónica* na atualidade. Martín Caparrós é um deles, e pensa nesses relatos como narrações que partem do que se conhecia, e a produção do choque do

¹⁰ Esses autores introduziram uma mirada própria, partindo de uma compreensão indígena, estabelecendo perspectivas históricas desconectadas da linguagem e forma da escrita e compreensão oficial colonizadora. Concepções como o *Mundo al Revés*, relato da destruição e ressignificação do mundo pela colonização feita por Ayla, e o livro *Comentarios Reales de los Incas* (1609) sobre visões socioculturais dos Incas e publicado por Garcilaso em Lisboa, se tornaram grandes contribuições para o entendimento da época colonial.

inesperado – “*Lo mismo que nos sucede cada vez que vamos a un lugar, a una historia, a tratar de contarlos. Ese choque, esa extrañeza, sigue siendo la base de una crónica*” (2007, p. 1).

Cronistas de Indias foi um termo recuperado pelo escritor Alejo Carpentier, em seu ensaio *La novela latinoamericana em vésperas de um nuevo siglo* (1987). Texto onde o autor provoca os romancistas latino-americanos a assumir sua condição de “*cronista mayor*”, e cunha o termo. Momento, no qual, a produção literária passaria por desafios frente ao maniqueísmo, ao melodrama e ao compromisso político (p. 153) que, segundo o autor, demandariam um novo posicionamento da produção da região. Termo, e problematizações, que foram atualizadas pela *Fundación Nuevo Periodismo Iberoamericano* (FNPI) que nos anos 2000 classificou a leitura de um *novo* mundo com ações e identidades provenientes de câmbios sociopolíticos e culturais. Desse modo, a fundação criada por Gabriel Garcia Márquez batizou esses cronistas como *Nuevos Cronistas de Indias* e lançou inúmeras atividades relacionadas a produção do grupo¹¹. A correlação da instituição que fomenta e projeta o *periodismo narrativo* na região, reforça a ligação teórica lançada por diferentes pesquisadores.

Estudos como o de Juan Domingues (2016) que referenda textos sobre naufrágios portugueses. Na classificação do pesquisador, os textos trazem embriões do que se concretizaria como jornalismo – “objetividade, clareza e informação” –, como também à elementos literários que auxiliam para reforçar a veracidade dos episódios – “detalhamento cenas e ambientes” (p. 2). Os textos escolhidos, que figuram entre 1556 e 1560, são de autoria de Bento Teixeira Pinto e do jesuíta Gaspar Alonso e buscam transmitir sensações dos naufrágios, através da descrição do comportamento das pessoas e dos lugares dos ocorridos. A partir da afirmação dessas unidades textuais reforça-se uma leitura política-estratégica dos elementos da vida na terra e no mar, e na interpretação que mescla história, ficção e etnografia.

Nesse momento abre-se um parêntese, pois a discussão se vale de um fundamento intimamente ligado à historiografia. Teorizar sobre o jornalismo precede em algum momento a recondução do olhar para *o real* – “Uma das premissas que fazem os dois campos se encontrarem está no fato de que a história, como ciência, precisa que seu texto, a historiografia, seja factual, como no jornalismo” (DOMINGUES, p.5). Referências que alimentam um fato emitido pelo tempo, e pelo anúncio de um depoimento apoiado na construção perceptiva da realidade. Em vivências que experimentam a ficcionalização de vidas e projetos políticos, a demanda do real converge-se para razões analíticas e reflexivas – como ao jornalismo narrativo.

¹¹ O FNPI realizou atividades como oficinas, simpósios, e promoção de congressos com a temática que relaciona o *periodismo narrativo*. Incluindo um *site* com projetos jornalísticos e cronistas em destaques. Disponível em: <<http://nuevoscronistasdeindias.fnpi.org/>>. Acesso em: 14 jul. 2016.

O conteúdo histórico dos relatos e depoimentos, como dos cronistas em seus *dramas* em alto mar, introduzem a problemática da interpretação dos fatos. Essa dinâmica reascende o referente *real* da historiografia. Portanto, a história é discurso, e por sê-lo é narrativa. Para Keith Jenkins (2011) é necessário criar distinções entre o registro sobre o passado, e o próprio passado. Desse apontamento de nomeação, o autor direciona sua crítica para os objetivos múltiplos da história, classificando-a como asséptica, passiva, individualista e revolucionária – qualificações que dependem do grupo e das *criações* enfatizadas sob o título de História. São pressões que dão vida à história: “é basicamente um discurso em litígio, um campo de batalha onde pessoas, classes e grupos elaboram autobiograficamente suas interpretações do passado para agradarem a si mesmos (2011, p. 42-43). Beatriz Sarlo (2007) visualiza essas pressões como a pulsão do passado, com sua potência e razão, em conflito com a memória que gera absorção do presente e das subjetividades. Movimento que aflora reações sintomáticas de um passado conflagrado: “Sua força não pode ser suprimida senão pela violência, pela ignorância ou pela destruição simbólica e material” (p.14). Dessa perspectiva, parte-se para uma divisão em que a historiografia conecta o *real-conhecido*, proposto pelo historiador, e o *real-implicado*, aquele que opera sobre a sociedade estudada. Essa classificação de Certeau (2015) compreende um real que “é o resultado da análise e, de outro, é o seu *postulado*” (p. 26). A sociabilidade fabrica acessos ao real e impulsiona caracteres de sua legitimidade, e um deles se alimenta pelos meios de comunicação. No qual, identidades fragmentárias ganham unidade e sedimentação de pertencimento.

ênfase que se há algum sentido unificador no conceito de realismo é que ele se caracteriza por uma visão de mundo que exclui ou coloca em quarentena fantasias, crenças esotéricas, tradições místicas ou sonhos românticos que também se manifestam na fabricação social da realidade na modernidade. Daí o sentido comum de ser “realista” em contraponto ao devaneio fantasioso. Ou seja, há uma naturalização do registro realista na produção dos noticiários, nos romances do cotidiano, no controle e expectativas do presente e do futuro e, ao mesmo tempo, há um mundo de fantasias consumistas, devaneios publicitários, práticas místicas, imagens e narrativas que nos evocam mundos encantados, improváveis e delirantes. (...) Há, nos meios de comunicação, uma produção de “realidades” exacerbada pelo sensacionalismo, pela propulsão do choque, pela necessidade imperiosa de produzir novidades, pela vertiginosa velocidade de informações fragmentárias que não compõem um retrato total do social-global. (JAGUARIBE, 2007, p. 17)

O *choque do real*, pensado por Beatriz Jaguaribe, reflete estéticas realistas em representações intensificadas de suas experiências em meio a modernidade. E do seu referente que impulsiona emoções, ações dramáticas, que colocam a subjetividade em interrogação frente aos ocorridos. A constituição das forças simbólicas se redime dos códigos desse jogo da narração.

Enquanto existência do mundo além e fora do nosso ser, o real tanto ultrapassa quanto permeia nossa experiência. Se, nestes termos, o real é a existência de mundos que independem de nós, a realidade social, em contraste, é uma fatia do real que foi culturalmente engendrada, processada e fabricada por uma variedade de discursos, perspectivas dialógicas e pontos de vista contraditórios. Envoltos numa realidade construída socialmente, buscamos simbolizar e produzir significados por meio de narrativas, imagens e representações (JAGUARIBE, 2007, p. 101)

A autora indica um dos desafios do jornalismo contemporâneo, que no entendimento dos efeitos da realidade apuram fatos constituídos de meandros ficcionais na sua produção e representação. E desse aparato, de dúvidas de constituição e referencial é que a *crônica* interroga a “*historicidad de nuestra vida colectiva*” (FALBO, 2007, p. 14). A recolocação do jornalismo narrativo nesse cenário reproduz uma outra referencialidade que pode ser sujeita à um processo de *poiesis* ou invenção constituinte do objeto analisado (CALLEGARO, LAGO, 2010, p.89). O que propõe Callegaro e Lago (2012) é contextualizar qual problema referencial se reconstituiu pela realidade e/ou pela formação discursiva que existe nas narrativas que enlaçam realidades latino-americanas. São *crônicas* que pontuam problemas da historiografia, de instituições que fomentaram a história e o jornalismo no passar dos séculos, e colocam uma visibilidade ao que se ausentava. Eliminando, dessa maneira, a figura retórica da verdade que não engloba a separação da palavra e o mundo, e da palavra e objeto (JENKINS, 2011, p. 57).

Para entender essa referencialidade também pode-se tomar como princípio o cinema documental, pois se trata de outra expressão social-comunicativa que usa as ideias de realismo e verdade atreladas aos elementos da experiência. Como já se afirmou em trabalho anterior, a extraterritorialidade do documentário articula uma trama que envolve o referencial realidade, ao mesmo tempo que inibe e funda barreiras criativas de intervenções estilísticas. O que gera um diálogo com problematizações e aprimoramentos sobre o tratamento simbólico do real (CRUZ, 2009). O trabalho de elaboração e recepção do documentário, assim sendo, expõe as fragilidades das imagens e sua conexão ao real – “mas é justamente com todas as precariedades, a partir de todas as lacunas, que é possível trabalhar com elas.” (LINS, MESQUITA, 2008, p. 82). O que as autoras evidenciam nessa instabilidade são os controles, manipulações e criações que todas narrativas perpassam, sejam elas demandadas pelo fato jornalístico, pelo acontecimento histórico ou pela reprodução cinematográfica. Silvio Da-Rin (2006) comenta sobre a *naturalização* da imagem nos telejornais, com ruídos e movimentos que traduzem a estética da realidade, como se essa “natureza” garantisse a verdade e a legitimação (p. 146). Ou ainda como uma formulação entre o *fático* e o *imaginário*, como define Motta (2013), ao co-habitar em sua construção veracidade e emocionalidades (p. 91). Construção e estética apoiada em câmeras em movimentos descontínuos, cortes rápidos, enquadramentos instáveis, entre outras formas de conduzir essa linguagem.

Essas questões sobre veracidade, fato e realismo nos conduzem para a percepção criativa da reprodução de acontecimentos, como também das conveniências e manipulações. A busca pelos exemplos da historiografia e do documentário, de uma demanda factual transcende um espaço-temporal que aniquila as coerências do relato e das narrativas. No espaço da verossimilhança, transparecer verdade e identificar congruência é transmitir outros meios de repassar informações. O que se projeta na aproximação dessas vertentes artísticas e campos de conhecimentos são as estéticas que abarcam o testemunho e o relato em primeira pessoa (SARLO, 2007), a condução subjetiva das autoras e autores como constructo (DA-RIN, 2006), e as quebras de modelos que geram ao espectador/leitor anseios, dúvidas e questionamentos que deslocam seu ponto estático de recepção subordinada. O que era esperado, tradicional e padronizado se desorienta. O mundo passivo e as certezas metamorfoseiam-se em embustes. O cinema documental, a historiografia, e o jornalismo narrativo experiencializam aberturas para seus campos com obras que engendram os indivíduos e suas vivências.

3.2. Cultura *crónica*

Conceber uma vivência cronística das narrativas culturais e políticas na contemporaneidade da América Latina gera mudanças nos cenários de leitura, de ensino e de acesso aos bens culturais e aos suportes tecnológicos. Caminhos que propiciaram referendar a *crónica* jornalística na região e diagnosticar demandas e mobilizações em torno de sua produção. Entretanto, antes de chegar nesse cenário de movimentação estilística, após a indicação dos *cronistas de las Indias*, alguns estudos citam a *crónica modernista* como outra fase de desenvolvimento desse estilo. Essa fase representaria a profissionalização do escritor *latinoamericano*. Nesse momento, no qual imprensa e literatura não alimentavam áreas específicas e regradadas, a presença de literatos em redações era comum e exerceu papel fundamental nas obras que surgiram no final do século XIX. Conclui-se, com Rotker (2009), que a partir desse momento a literatura passaria a descobrir-se via esfera estética e o jornalismo focalizaria o testemunho dos fatos (p. 225) – com raras exceções de experimentação e câmbio de paradigmas.

Mónica Bernabé (2010) observa que o ganho financeiro em jornais e as atuações como correspondentes possibilitavam a prática da escritura na forma da *crónica* e, concomitantemente, a divulgação do nome do autor. Esses cronistas tinham como tema “*una escena que puede ser fugaz, pero también movimientos, cambios de más largo aliento, em particular aquellos que fueron productos de los procesos modernizadores*” (DARRIGRANDI, 2013, p. 128). Por sua vez, Lago (2014) entende a colaboração desses narradores através da mescla que apresentavam notas de cunho “poético-filosófico-humorístico-literario” (p. 8). Será, a partir desse

manuseio de gêneros, que formata-se um campo de luta “*entre diferentes sujetos o autoridades, entre los cuales es enfática – a veces más enfática que en la poesía misma– la tendencia estetizante de la voluntad autonómica.*” (RAMOS, 2009, p. 179). Unem-se, como mais um elemento de definição da identidade literária e reflexiva *latinoamericana*, a *crónica* e o ensaio. (DARRIAGRANDE, 2013). Característica própria, desvinculada da informação padronizada a partir do elemento notícia anexado ao processo da Revolução Industrial, da criação do telégrafo, da concepção da pirâmide invertida¹² – essa ideia, objetivou a agilidade da escrita respondendo a seis perguntas básicas: que, quem, como, quando, porque e onde. “*Este esquema subvierte el orden tradicional de las narraciones literarias en las que, normalmente, se acumula tensión para el final*” (PUERTA, 2011, p. 57). Julio Ramos (2009) irá identificar a *crónica modernista*, do fim do século XIX, dentro dos anseios por modernidade de um leitor “culto”, afastado dos grandes centros estrangeiros, mas que movimenta e consolida os ideários que construiria (inventava?) a nação.

La crónica modernista fue un laboratorio de ensayo permanente, el espacio de difusión y contagio de una sensibilidad y de una forma de entender lo literario que tiene que ver con la belleza, con la selección consciente del lenguaje, con el trabajo con imágenes sensoriales y los símbolos, con la mixtura de lo extranjero y de lo propio, de los estilos, de los géneros, de las artes, de la democracia y de la épica, de la naturaleza y de la realidad social e íntima, del dolor decadente de parnasianos y simbolistas y a la vez de la fe en el futuro, en la armonía cósmica y en el liberalismo. (ROTKER, 2009, p.230)

A concepção poética contida nas *crónicas* provoca acompanhar a autora na sua indicação de uma transgressão, pois “*aceptar que una nueva literatura pueda surgir desde un espacio periodístico, o preguntarse qué es un género y, peor aún, qué es la literatura: por qué un texto es “arte” y otro no*” (p. 225) mostra-se como interrogação no processo de fortificação da escrita ainda hoje. A concepção fundamental do encontro de autores como o cubano José Martí (1853 - 1895) e o nicaraguense Rubén Darío (1867 - 1916) nas redações irá conjecturar a possibilidade liberta da *crónica*. Logo, assenta Ramos (2009), temos uma poesia “interior” projetada por literatos, colocando a *crónica* como uma poesia de “exteriores” ligado ao jornalismo, aos costumes e à cidade – “*De ahí que el conflicto de autoridades que constituye la crónica pueda leerse como El proceso de producción de ese “interior” ya reificado, purificado, en la poesía*” (p. 179). Um processo criativo que se expõe ao leitor direto e incisivo dos diários jornalísticos, ao passo que envolve identidades e ideias dispersas, buscando a condição integradora nacional como narrativa.

¹² A *pirâmide invertida* é um recurso vinculado à história do telégrafo e da Guerra de Secessão nos EUA, pois devido as maneiras de escrever e enviar notícias por correspondentes que criaram um ordenamento de interesses ao conteúdo das notícias. Esse estilo tornou-se modelo, e é referência na produção da maioria dos jornais até hoje. Cf. FONTCUBERTA, Mar de. *La noticia*. Paidós: Buenos Aires, 1993.

al reescribir la fragmentariedad del periódico, el cronista trabaja con la temporalidad segmentada de la ciudad en un plano estrictamente formal. De ahí que la ciudad, en la crónica martiana, no sea sólo un “objeto” representado, sino un conjunto de materiales verbales, ligados al periodismo, que el cronista busca dominar en el proceso mismo de la representación. El cronista sistemáticamente busca rearticular los fragmentos, narrativizando los acontecimientos, buscando reconstruir la originalidad que la ciudad destruía. A su vez, en la crónica – no sólo las martianas –, esa voluntad de orden integradora de la fragmentación moderna, se semantiza en lo que podríamos llamar la retórica del paseo. (RAMOS, 2009, p. 232)

Um passeio que segue durante os anos com uma gradativa perda de espaço para o acelerado processo de transformação jornalístico. A rapidez dos fatos e a necessidade mercadológica de abrir locais para a multiplicação de exemplares e atuação da publicidade fez com que as notícias tomassem forma padronizada de *pílulas de informação* com linguagem simples, direta e de fácil reprodução. Há, na separação em definitiva entre jornalismo e literatura, uma afirmação de uma cultura midiática massiva com classificações, públicos e atores definidos e legitimados pelo controle do discurso.

Dentro desse processo pós-modernistas, é necessário destacar dois nomes que mantiveram, reformularam e conceberam caminhos que engendrariam a revitalização dos espaços da *crónica* na América Latina na atualidade. Rodolfo Walsh (1927 - 1977) e Gabriel Garcia Márquez (1927 - 2014), cada um em seu momento e com características próprias, desenvolveram ao máximo a quebra da pontualidade excludente do jornalismo e alargaram as ideias sobre a literatura de não ficção. Foi com o argentino Walsh em 1957, com o livro *Operación Masacre*, que a novela e o jornalismo entrelaçaram um estilo que abordou a interrupção de um discurso oficial (LAGO, 2014). O *modo operandis* de militares apoiadores de Perón, entre fuzilamentos e desaparecimentos, originou muitas mortes de civis. Uma dessas histórias foi denunciada por Walsh com uma linguagem que utilizava a literatura policial e a novela. A denúncia ganha peso e propõe ao leitor colocar-se no lugar do sobrevivente do atentado, dos mortos por militares, das famílias dos desaparecidos, procedimentos que somente a pessoalidade íntima da literatura poderia causar. O dado reto e duro da notícia e dos fatos traria outras reações. Uma escritura política que atualiza a força do discurso jornalístico para uma denúncia coletiva de uma vivência social. A fortificação do feito de Walsh, de articular jornalismo e literatura, antes da criação editorial da nomenclatura *new journalism*¹³, produz uma zona de atuação inspiradora para cronistas. Leila Guerriero – um dos nomes destacados da rede cronista contemporânea – referenda o livro do conterrâneo como um arco base que retrata gente comum em circunstâncias extraordinárias e gente extraordinária em

¹³ O *new journalism*, de origem anglo-saxão, também articula jornalismo e literatura com o marco temporal, a partir da década de 1960. Nomes como Gay Talese, Tom Wolfe e Truman Capote são representantes que influenciaram cronistas de distintas épocas.

circunstâncias comuns, no qual ocorre a construção de boa parte do jornalismo narrativo norte e latinoamericano (2014, p. 39).

O Nobel de Literatura de 1982, Gabriel Garcia Márquez, sentenciou em 1996 que o jornalismo era o “*mejor oficio del mundo*”¹⁴. Para quem teve nas redações a formação pessoal e intelectual, Marquéz advertia que sua prática laboral começará pela leitura ampla de outros tempos, de outras expressões, de outros mundos. O colombiano, antes de aportar o realismo mágico, desafiou os fatos em jornais. Aos 20 anos iniciou sua vida de repórter, viveu como correspondente em Paris e lançou livros-reportagens. A forma de “viver para contar”¹⁵ do autor ganhou singularidades por sua pesquisa e contextualização que assinam as maiorias das suas obras jornalísticas. Além de sua contribuição estilística, também deixou como herança a instituição de maior prestígio sobre *periodismo narrativo* na América Latina, e de articulação internacional – a *Fundación Nuevo Periodismo Iberoamericano* (FNPI). Criada em 2012 a fundação promove bolsas, oficinas, prêmios, conferências, bate-papos, colóquios, encontros, palestras, publicações *online* e impressa. As linhas de atuação articulam a narração jornalística, a ética, e a investigação de temas-chave da sociedade, além da apropriação da mídia digital. Essas linhas, divulgadas no seu último relatório de atividades, são parâmetros que envolvem a inovação e a liberdade de imprensa na região. Márquez foi fundador, presidente, financiador e principal oficineiro, além de colocar a FNPI em contato com diferentes grupos – desde agentes de educação a empresas multinacionais – que atualmente mantêm os projetos da instituição. Até 2015, foram realizados mais de 300 oficinas, seminários e atividades que abrangeram mais de 50 mil participantes de todo mundo. A propulsão dos números demonstra o interesse pelo jornalismo narrativo, converteu no Prêmio Gabriel Garcia Márquez de Periodismo, e se traduz também em reconhecimento de citações diretas de cronistas que foram impulsionados pela fundação e por outros “criados” dentro dela – uma reserva de mercado que abriu espaço e legitimidade para os envolvidos.

Walsh e Márquez são claves para entender o recorte dessa dissertação: a rede atual que engloba jornalistas, projetos digitais, revistas e a proliferação da *crónica* na América Latina. Nada obstante, vale lembrar também, que os cronistas atuais trazem heranças de outras línguas e

¹⁴ Em 1996, Marquéz proferiu essas palavras na assembleia da Sociedad Interamericana de Prensa: “El tiempo y el mismo oficio han demostrado que el sistema nervioso del periodismo circula en realidad en sentido contrario. Doy fe: a los diecinueve años - siendo el peor estudiante de derecho - empecé mi carrera como redactor de notas editoriales y fui subiendo poco a poco y con mucho trabajo por las escaleras de las diferentes secciones, hasta el máximo nivel de reportero raso. La misma práctica del oficio imponía la necesidad de formarse una base cultural, y el mismo ambiente de trabajo se encargaba de fomentarla. La lectura era una adicción laboral. Los autodidactas suelen ser ávidos y rápidos, y los de aquellos tiempos lo fuimos de sobra para seguir abriéndole paso en la vida al mejor oficio del mundo - como nosotros mismos lo llamábamos”. Cf.: MARQUEZ, Gabriel G. *El mejor oficio del mundo*. 1996. Disponível em: <<https://vrr.im/e099>>. Acesso em 09 de jun. 2017.

¹⁵ “Não foi possível encontrar outra história como aquela porque não era das que a gente inventa no papel. Quem as inventa é a vida, e quase sempre aos golpes.” (p. 469). Cf.: GARCÍA MÁRQUEZ, Gabriel. *Viver para contar*. Rio de Janeiro, Record, 2003

correntes, contudo o diagnóstico de certa “linhagem” da *crônica* com sotaque, originalidade e articulação *latinoamericana* se mostra plausível na exposição delineada neste capítulo. Demarcando a presença em quase todas as fases de concretização das nações e identidades latino-americanas, e desenvolvem um acréscimo perante a literatura mundial com uma contribuição alicerçada na região.

3.3. Revistas: como suporte e *corpus*

Ao escolher falar sobre jornalismo narrativo ficou comprovado, pela constância de menções entre especialistas, cronistas e pesquisadores, que a preferência de suporte utilizado pela *crônica latinoamericana* atual são as revistas – sejam elas impressas ou virtuais. A constatação está estreitamente *linkada* ao avanço do subsídio propulsor da internet. Propulsor que coloca em jogo o acesso e a pluralidade como pauta sobre as maneiras de se criar, manter e fiscalizar um meio de comunicação. Mónica Bernabé (2010) define o espaço virtual de circulação e reprodução como um resultado de avanços na difusão, que expande um espaço autogestionado em oposição ao jornalismo hegemônico (p. 5). Assim, o estudo de caso, no qual aqui se propõe, tem como recorte a investigação sobre cinco revistas disponíveis na internet, de cinco países latino-americanos, caracterizando uma amostragem do jornalismo narrativo da região. As revistas selecionadas são: Anfibia (Argentina), Etiqueta Negra (Peru), Piauí (Brasil), Gatopardo (México) e El Malpensante (Colômbia).

Levaram-se em consideração na seleção desse *corpus* os seguintes critérios: a) especialização ou destaque para a *crônica*, b) periodicidade contínua, c) tempo de existência (superior ou igual a cinco anos), d) relevância e participação em eventos e prêmios, e) publicações de pautas de distintos países (para caracterizar sua amplitude na região), e por fim, f) estrutura que possibilitou a longevidade do projeto. A partir dessa unidade, duas reportagens, do início dos anos 2000, serão evidenciadas para análise e desenvolvimento argumentativo. A seleção dessas reportagens se constituiu por meio de envolvimento temático, ou seja, baseia-se na palavra-chave "Política" – classificação baseada nas editoriais dos sites das revistas mencionadas – para estabelecer o que se enquadra como assunto *político* para essa rede. De cada revista seleciona-se um trabalho que versa sobre *figuras de poder tradicionais*, aqui entendidas como representações configuradas como tradicionais por meio e a partir da legitimação do Estado-nação – como representantes governamentais e partidários, do poder jurídico, representantes religiosos e de multinacionais. E ainda, seleciona-se outro trabalho expondo *outras figuras de poder*, em contraste e por afirmação de outros modelos de atuação e do *fazer político* – ora indicados por grupos e movimentos sociais, ora por fortificações individuais e influentes, como líderes feministas, indígenas e quilombolas, grupos

sociais silenciados e/ou estereotipadas pelo jornalismo hegemônico, ações e eventos representativos na configuração política da região.

Esse aporte do *corpus* traz a possibilidade de uma leitura transversal das análises de narrativas jornalísticas e sua contribuição para a construção de territórios simbólicos de representação. Um estudo que visa compreender o que esses textos interpretam e registram sobre a situação política na América Latina. Entende-se que a dinâmica do grupo de cronistas e revistas analisados conjecturam uma espécie de rede. Uma rede de atuação, articulação e contato. Essa intenção em denominar o “movimento” jornalístico não desfaz o perfil de um grupo heterogêneo, sem amarras ou bandeira política uniforme. A denominação aqui utilizada visa apenas justapor ao leitor uma fronteira aberta entre os envolvidos. Na dinâmica e na dimensão de uma ação que percorre várias cidades da região, em vários projetos impulsionados pela *crónica* e financiado por diferentes modalidades. Contudo, assinala-se nesse processo suportes que são utilizados e popularizam o acesso ao jornalismo narrativo como palestras, ensaios, oficinas, antologias e livros. Há uma recorrência na tentativa em criar “*su proprio universo*”, como afirma Darío Jaramillo Agudelo (2012), ao conferir abundância numa economia da *crónica* que passou por diversas gerações e reimplantou uma influência nos tempos das redes sociais. Dessa economia, revertida em prêmios e vendagens, conforma-se um território preferencial: as revistas. A partir desse núcleo, complementa Agudelo, se abre espaço dentro de alguns jornais e de suplementos semanais, nos já citados livros de larga investigação, e também nas possíveis mudanças de estilo na imprensa diária que podem ocorrer à longo prazo, através da movimentação e interesse pela linguagem do jornalismo narrativo (p. 34). Uma força contra-hegemônica que desperta em novos suportes, sejam eles virtuais como os blogs e revistas, ou impressos como em periódicos especializados (CALLEGARO, LAGO, 2010, p. 88). Características encontradas, e compartilhadas, pelas cinco revistas destacadas de um universo que se transformou consideravelmente desde o marco temporal escolhido nesse trabalho – início dos anos 2000.

A revista colombiana *El Malpensante* (<http://www.elmalpensante.com/>) é a mais antiga deste *corpus* selecionado. Nascida em 1996 se tornou referência cultural, para além do jornalismo, abraçando outras áreas como literatura, cinema, música, arte e arquitetura. Apresenta-se como uma revista de “*lecturas paradójicas*” que fortifica um editorial com particularidades. Ao começar pelo nome, extraído da obra de mesmo nome de Gesualdo Bufalino, e faz alusão à “malícia indígena colombiana” de quem desconfia (ALONSO, 2007, p. 58) e se coloca no mundo. A revista conta como diretor o jornalista Ángel Unfried, e editor Karim Ganem Maloof e como um de seus fundadores o escritor Andrés Hoyos. Ao completar 20 anos de sua trajetória, coexistindo física e virtualmente, dedicou um projeto à música e agora às artes gráficas (que é uma marca das suas edições). A revista mensal conta em seu site com materiais exclusivos, e forte incentivo para

assinantes. Em suas páginas já passaram *crónicas* que foram agraciadas com o *Premio Nacional de Periodismo Simón Bolívar* (nos anos de 2004, 2010 – Melhor crónica, 2009 – Melhor entrevista, 2011 – Melhor artigo cultural, entre outros). Em 2010, com a criação da *Fundación Casa Malpensante* o projeto promove festivais literários, exposições, debates e projetos editoriais.

A publicação peruana *Etiqueta Negra* (<http://etiquetanegra.com.pe/>) nasceu em 2002 com uma aliança entre Julio Villanueva Chang e investidores. A junção do jornalista e a pretensão de utilizar espaços de publicidade na imprensa especializada foram decisivos para a manutenção do projeto, segundo Paul Alonso (2007). O *slogan* de “*una revista para distraídos*” oferece aos leitores um conceito muito similar com as grandes revistas dos Estados Unidos – como *New Yorker* e *Esquire*. Tem como objetivo¹⁶ oferecer história, ideias e conhecimentos que comovam, divirta e leve aos leitores a compreender o mundo que lhes rodeia, através de fatos e personagens tão próximos como distantes. Em sua página de Facebook resolve se definir na boca de outros: “*la poética periodística de Etiqueta Negra consume un extraño milagro: volver radiactivo todo lo que toca*”, diz o escritor argentino Alan Pauls; “*Si una propuesta nueva ha dado que hablar en el terreno del periodismo escrito en lengua española a lo largo de este decenio es la que desde Perú impulsan los responsables de Etiqueta Negra*” sentencia o espanhol Sergio Vila-San Juan; “*Etiqueta Negra ha lanzado un trepidante safari en pos de la calidad literaria. Si se publicara en Nueva York, sería épica. Hecha desde América Latina resulta heroica*”, diagnostica o jornalista mexicano Juan Villoro. E muitos outros reverenciam o projeto que abriu espaço para novatos, e consolidou uma geração. Em sua pesquisa de perfil do público identifica homens e mulheres entre os 25 e 55 anos, de nível acadêmico elevado. Em seus índices de distribuição 40% são assinaturas, e os restantes estão espalhados por lojas, livrarias e supermercados¹⁷. Mantêm vida digital e física, já recebeu o *Premio Nuevo Periodismo CEMEX+FNPI*, e possuiu periodicidade mensal.

A revista mexicana *Gatopardo* (<https://www.gatopardo.com>) possuiu 17 anos de existência, e se coloca como a “*revista sobre actualidad latinoamericana más influyente de la región*”. Reúne em suas editorias as práticas de escrita de perfis, *crónicas*, ensaios e reportagens. Possuiu uma tiragem no México de 60.000 exemplares, e circula por diversos países da América Latina. Já recebeu prêmios da *Cámara Nacional de la Industria Editorial Mexicana*, e também o *Premio de Periodismo Walter Reuter*, e *Premio Gabriel García Márquez de Periodismo Narrativo en Modalidad Crónica*, entre outros. Nos últimos anos ampliou seu espaço de publicidade e de perfil de atuação revertendo destaque para assuntos como bares, viagens, bebidas, automóveis e moda, dentro da seção *Atelier* – prevendo um acréscimo em sua renda publicitária. Segundo a

¹⁶ Definição extraída do material de divulgação da revista. Disponível em: <<https://is.gd/ceZf9y>>. Acesso em 10 jun. 2017.

¹⁷ Informações retiradas do *mediakit* disponibilizado pela publicação. Disponível em: <<https://is.gd/d9L8eP>>. Acesso em 09 jun. 2017.

revista, o perfil de seu leitor é alguém “*contemporáneo*”, com idade média de 35 anos, que visa “*estilo, lujo, análisis de la actualidad mexicana e internacional, información relevante e historias bien contadas*”, e por fim se autodeclara como uma “*mezcla irresistible [sic] entre sofisticación e inteligencia*”¹⁸. A publicação mexicana tem como diretor editorial Felipe Restrepo Pombo, editora para América Latina a cronista Leila Guerriero, e coordenador editorial Guillermo Sánchez Cervantes.

A publicação *Piauí* (<http://piaui.folha.uol.com.br/>), desde 2006, se coloca no mercado editorial brasileiro como uma revista que “tem sempre em mente que a informação vem antes do comentário, que os fatos precedem as opiniões”. Investindo num mercado que reduz cada vez mais suas margens para publicações extensas e culturais, a *Piauí* foi criada pelo documentarista João Moreira Salles e tem uma linha editorial ampla que agrega diferentes áreas. Graficamente se apresenta como um diálogo sem sobreposições entre texto e imagem; onde textos longos, sempre são acompanhados de fotografias e/ou ilustrações. A revista “pra quem tem um parafuso a mais” possuiu cerca de 80 páginas por edição, e um público definido por uma faixa etária entre 25 e 34 anos, predominantemente das classes A e B, e com ensino superior completo¹⁹. Apresenta uma tiragem que varia entre 56 e 60 mil exemplares, desses 25 mil são destinados para assinantes. A revista como projeto sacia uma vontade particular do fundador: “Eu, como leitor brasileiro, me sentia órfão de alguma coisa que eu queria ler em português e só podia ler em inglês. A *Piauí* é um pouco isso: eu me aproximando daquilo que me formou”, afirma Salles²⁰. Apesar de alimentar uma atividade pessoal, a publicação supriu um hiato na imprensa nacional. Alçando-se como referência, a revista mensal possuiu modelo similar a outras revistas apresentadas anteriormente: editorias dispersas, não engessadas, com temas e tratamento plural; mas apresenta a característica peculiar de não investir massivamente em projetos digitais e nas redes sociais. Mantêm-se fiel ao impresso, e disponibiliza em seu site somente alguma parte de suas edições. Cabe rememorar, que o cenário jornalístico brasileiro não enquadra a *crônica* como uma vertente própria, porém insere-se a revista nesse estudo por afirmar a forma do jornalismo narrativo que condiz com as características apontas por esse estudo: *prática, vivência e técnica*. Características encontradas na publicação, que já foi reconhecida como Mídia do Ano pela Associação Brasileira de Comunicação Empresarial, e com o Prêmio Esso de Jornalismo, entre outros.

¹⁸ Trechos extraídos da apresentação da revista, realizada pela editora Travesías Medias. Disponível em: <<https://is.gd/WNAUm5>>. Acesso em 09 jun. 2017.

¹⁹ Sobre dados sobre a revista. Cf.: LAHUDE, GRUSZYNSKI. *Revista Piauí: design editorial para um público com um parafuso a mais*. 2014. Disponível em: <<https://is.gd/epVd85>>. Acesso em 10 jun. 2017.

²⁰ Entrevista de Salles para o jornal Zero Hora. Cf.: ROSO, Larissa. *João Moreira Salles destaca o jornalismo de narrativa longa e profunda*. 2017. Disponível em: <<https://is.gd/EtvFfr>>. Acesso em 12 jun. 2017.

Por fim, a publicação mais recente na área de jornalismo narrativo selecionada para esse trabalho. A revista argentina *Anfibia* (<http://www.revistaanfibia.com/>) completou cinco anos de existência em 2017. E diferentemente da publicação brasileira, investe inteiramente no suporte digital de seus ensaios, relatos de não ficção e *crônicas*. Outra singularidade de sua criação é sua vinculação educacional, sendo um projeto da *Universidad Nacional de San Martín*, através do programa *Lectura Mundi*, no qual processos de leituras, produção e experiências são difundidos. Uma proposta que espelha concomitantemente a pesquisa acadêmica e o jornalismo. Uma revista digital que se coloca com o objetivo de realizar um jornalismo com atenção em territórios, em determinados sujeitos, e conflitos sociais e culturais que expandem o perfil acadêmico e as perguntas de seus produtores – “*En tiempos donde la noticia es un commodity que se copia, pega y publica, Anfibia apuesta a la calidad sostenida em la investigación permanente y a una agenda que busca llegar a lo medular de cada tema sin dejar nunca de ser contemporánea*”, problematiza em sua página. Já foi laureada com o Prêmio Gabriel Garcia Márquez de Periodismo, possuiu oficinas e seminários que complementam sua atividade, e construiu uma rede de mais de 2 mil pessoas com o projeto *Comunidad Anfibia* para novos autores.

Esse *corpus* de análise fornece a totalidade de dez *crônicas* que servirão como amostra de uma leitura comparativa que reflete como o jornalismo narrativo vem atualizando, nutrindo e/ou radicalizando a representação política e simbólica da América Latina. Resulta-se averiguar essas representações considerando, inclusive, o “lugar de fala” desses projetos editoriais com seus objetivos e público-alvo. Apresenta-se, portanto, *crônicas* temáticas sobre a palavra-chave “política” e que sucedem considerações sobre o cenário e as formas de praticar, viver e lidar com o tema na região. O encontro desse *corpus* possibilita uma leitura fluida, com uma descrição que dialoga com teóricos e pesquisadores diversos, gerando um trabalho interdisciplinar a partir das narrações investigadas. A análise de conteúdo proposta insere paralelamente, elementos linguísticos e estéticos de escritura para reflexionar as figuras de poder e aparatos de controle, como também questões identitárias dos grupos e temas narrados.

Ao apresentar esse *corpus* de análise finaliza-se a visitação nessa *paragem narrativa*. A promoção do debate evidenciou os traços da *crônica*, assim como a sua relação histórica com a América Latina. Passando desde os *cronistas de las Indias*, até uma fase modernista, chegando aos dias atuais de influência. Rodolfo Walsh, Rubén Darío e Guaman Poma de Ayala foram alguns cronistas destacados nessa cronologia. Destacam-se também, nessa memória final do capítulo, as ideias sobre a referencialidade do real, do fato e da verdade. No qual nos utilizamos das áreas do Cinema Documentário e da História para projetar as construções de sentido e os tratamentos simbólicos da *verdade*. Convites à reflexão que resultam na elaboração crítica, e multifacetada do debate que se pretende conduzir. Onde, os espaços “da verdade” são

desestabilizados por suas manipulações e controle. E reconfigurados por outros espaços políticos e criativos que amplificam vivências e as relações memorialísticas – aqui, centrados no jornalismo narrativo.

4. NARRAR O PODER

O jornalismo na conjunção de um passado histórico, no presente que congrega memória e subjetividade, estabiliza a leitura de um tempo político alinhado por mudanças e reconfigurações de atores sociais. O envolvimento, e a atuação política têm mostrado práticas – que até então estavam desfocadas pelas dicotomias liberais e em epistemologias eurocêntricas – que reascendem a subjetividade e o comunitário como centro de disputa. Uma das representações perante o jornalismo, desse espaço de disputa, é embasada por uma insinuante mediação, via cronistas, da experimentação do real em jornais, sites, blogs e revistas.

Portanto, alimentar a palavra poética da comunicação é fortalecer os laços instáveis do elemento factual. Força de atuação que coloca em xeque os elementos hegemônicos da comunicação e o momento político. O que se narra é ação intrínseca do real? Pois, é no jogo incerto, na possibilidade da dúvida, no interstício dos elementos chaves da comunicação hegemônica que a *crónica* se mostra pró-ativa ao se apresentar com uma palavra fora do “padrão” jornalístico. Coligada à potencialidade da palavra poética que se relaciona de acordo à escritura e expõe múltiplos significados (ROCKTER, 1992, p. 227). Formações discursivas que irão amalgamar as relações de poder, um discurso que “*forma parte constitutiva de esa trama de violencia, de control y de lucha que constituye la práctica del poder*” (BARBERO, 2002, p. 70). Ações políticas da palavra, de seus agentes de criação e dos registros que são tomados por aberturas provenientes de crises e das dúvidas dos elementos que organizam o controle, e colocam a atuação comunicacional como recurso contemporâneo de problematizações.

Nesse capítulo visa-se conjugar estudos interdisciplinares sobre a identidade política da região, e que refletem como as noções da subjetividade e produção simbólica resultam em aplicabilidades sobre a vida concreta de povos e grupos subalternizados. A configuração estrutural da comunicação dominante, nesse caso, torna-se outra ferramenta de domínio e sujeição de corpos e pensamentos. Como também, a caracterização do jornalismo narrativo em comparação ao jornalismo hegemônico. Essas primeiras noções comparativas são complementadas por uma discussão sobre a hegemonia, comunicação e democracia. Temas que apresentamos contrastantes e providos de reflexões sobre a formação do jornalismo factual e corporativo.

Apresenta-se questionamentos a partir de principais manchetes de portais de notícias da América Latina, e por meio de estudos relativos as influências da comunicação no imaginário social. Nessa parte do trabalho utiliza-se, principalmente, das ideias de Gayatri Chakraworty Spivak, Frantz Fanon, Catherine Walsh, Walter Mignolo, María Cristina Mata, Jesús M. Barbero e Nestor García Canclini. No prosseguimento, o debate que coloca-se pretende observar

os sentidos de dominação, no corpo e no presente dos sujeitos políticos auxiliado por teóricos como Michel Foucault e o entendimento dos aparatos de poder como formas maleáveis e adaptativas para manutenção do controle. E de Anibal Quijano ao articular historicamente os processos de racialização e de regimentação do trabalho capitalista que constituíram classificações geopolíticas entre populações através de uma modulação binária, patriarcal e centralizadora. No encadeamento do texto, avança-se para visões sobre perfis políticos e estudos da Ciência Política que inserem investigações sobre movimentos sociais e o papel do Estado. Nos sustenta Maldonado Rivera e sua perspectiva que anuncia a ressignificação da comunicação pelo povo *mapuche*, como também a autora Maristella Svampa e sua reflexão, com base na memória, de matrizes sociopolíticas. Complementa a argumentação de nossa investigação, a contribuição de Rita Segato sobre os novos grupos sociais revestidos de influências locais e sua formação de discurso e resolução global. Essas noções serão necessárias para o findar do capítulo que insere uma discussão do aporte social e da sustentabilidade de mídias alternativas para a recomposição política de um cenário comunicativo que possuiu fenômenos como “robôs-redatores” e *fake news*. A discussão que se pretende articula imaginário, mercado, influência narrativa, práticas de controle, humanização dos processos comunicacionais e memória social.

As representações que nos propomos analisar, a partir de revistas especializadas em *crônicas*, concedem formar um perfil político do ser e estar latino-americano. A representação social dessas revistas traça um contraste, demonstra uma evasão de significados e símbolos, assim como sua pulverização, e averigua outras possibilidades de dar conta de uma pluralidade da atuação política e da reconfiguração dos elementos de poder – tidos como tradicionais. “As representações sociais devem ser compreendidas, portanto, como entidades tangíveis, substâncias simbólicas que circulam, se entrecruzam e se confrontam, impregnando nossas relações.” (MOTTA, 2013, p. 32). Desequilibrar a batalha da cena pública entre signos simbólicos e imaginários e a “produtividade social da política”, onde a influência ineficaz do mercado não consegue chegar, mostra, a partir das ideias de Jesús M. Barbero (2009), que se estende um cenário cultural e comunicativo que se torna estratégico, pois “exige que a política recupere sua dimensão simbólica – sua capacidade de representar o vínculo entre os cidadãos, o sentimento de pertencer a uma comunidade – para enfrentar a erosão da ordem coletiva” (p. 15). Como já propomos anteriormente, a leitura da composição do *ser político* na região demonstra um entendimento sobre o poderio simbólico, que carrega em si uma constituição impactante nas resoluções físicas, ou seja, nos elementos do cotidiano que colocam em xeque o direito de existir como fundamento subjetivo e como vida concreta.

Na palestra Epistemologias de Mulheres Negras, a filósofa Djamila Ribeiro cita Abdias Nascimento (1914 – 2011) para falar sobre o genocídio da população negra, e reitera o

impacto decisivo da constituição simbólica na confirmação de múltiplas violências. A leitura da pesquisadora se constata quando frequentemente assistimos corpos negros mortos na televisão, como também em jornais lemos diariamente histórias violentas sobre essa população, ou ainda, se nas redes sociais compartilha-se reiteradamente uma visão de subalternidade e “perigo social” relacionado ao povo negro. Torna-se coerente conceber, dessa maneira, que os dados de assassinatos²¹, o número de presos²², as informações sobre abusos sexuais²³, e outras tantas violências e impedimentos estejam conectadas a essa parcela da sociedade. Nosso repertório simbólico, através da comunicação, demonstra a credibilidade e a “normalidade” desses atos. Portanto, as constituições da cidadania e da vida física se relacionam com a necessidade de revermos nosso “senso comum”, de ideias tradicionais, de estereótipos e de elementos representativos da nossa sociedade. Recompôr esses determinismos simbólicos, ou pelo menos diagnosticar suas problemáticas, que possam avançar sobre questionamentos comunitários de reconhecimento e respeito pelo outro. A investida sobre os elementos simbólicos da produção jornalística é uma reação pela vida.

Em vista disso, a centralidade desse trabalho se propõe a pensar formas de representações para o cenário político latino-americano que apresentem transformações identitárias, como aquelas que “enfraqueceram a velha tese da centralidade da identidade de classe (operária e secundariamente camponesa) enquanto o agente principal da transformação social e de estruturação dos movimentos sociais” (PEREIRA DA SILVA, 2017, p. 9). O nosso objeto, o jornalismo narrativo, acende um fogo que queima lentamente na noite de nossos preconceitos, e revela o calor de novos ensinamentos.

Assim, pensamos a configuração política da região, e sua relação com os principais meios de comunicação. Neles, explicita-se a noção que o jornalismo hegemônico insere para a temática “política”. Frequentemente se utiliza para fazer somente a cobertura dos poderes executivo, legislativo e judiciário, abarcando também as questões da governabilidade desses mesmos poderes, das relações diplomáticas, e outros assuntos que circundam uma noção “política” alinhada à personificação da política partidária, de líderes e seus status. Outras formas de atuação política necessitariam estar nessa configuração. Os movimentos sociais e as lutas pelos direitos

²¹ Segundo a pesquisa Mapa da Violência, negros morrem 2,6 vezes mais que brancos vitimados por arma de fogo. Cf. WAISELFISZ, Julio J. *Mapa da Violência*, 2016. Disponível em: <<https://is.gd/nG32qc>>. Acesso em: 20 jun. 2017.

²² Dados do relatório do Levantamento Nacional de Informações Penitenciárias mostra que 61,6% da população carcerária no Brasil é composta por negros e pardos. Cf. *Relatório Infopen*. Disponível em: <<https://is.gd/mFJGJy>> Acesso em: 22 jun. 2017.

²³ O estudo Violência Sexual da UNICEF indica que a grande maioria das vítimas de violências, explorações e abusos sexuais é formada pela população de mulheres negras e pardas. Cf.: *Violência Sexual*, 2003. Disponível em: <<https://is.gd/QflqYX>>. Acesso em: 21 mai. 2017.

humanos não são contempladas na editoria política dos portais de notícias mais acessados na América Latina. Se navegarmos por esses portais de notícias, que possuem a maior visibilização e impacto nos países latino-americanos, segundo o diretório *International Media & Newspapers* (IM&N) – <https://www.4imn.com/Latin-America/> -, percebe-se essa caracterização da forma como retratar os assuntos referentes à política, que é compartilhada repetidamente por distintos meios de comunicação. Como forma de exemplificação, decidiu-se pesquisar num único dia (22 de Julho de 2017) os temas, manchetes e notícias que eram evidenciados pelos portais apontados pela pesquisa do diretório. Distinguindo pela editoria Política, ou pelas editorias que concentravam os assuntos dentro da palavra-chave política.

O líder do ranking do IM&N é o jornal argentino *Clarín* (<https://www.clarin.com/>), que compõe o grupo de mesmo nome que corresponde ao maior oligopólio comunicacional do país. Na sua editoria Política o diário colocou como destaques a cobertura eleitoral das províncias argentinas²⁴, dando ênfase para duas notícias sobre o tema. E também assuntos internacionais como a “crise da Venezuela”²⁵, e “terrorismo na Turquia”²⁶. Outro país que compõe a lista do diretório é o Brasil, com o portal O Globo (<https://oglobo.globo.com/>) sendo o mais bem colocado em terceiro lugar. A editoria com a temática política é classificada pelo portal com a denominação Brasil, e coloca as palavras-chave “Brasil” e “Política Brasileira” como referenciais. No dia de nossa consulta O Globo destacava a cobertura da operação Lava-Jato²⁷ e denúncias contra Michel Temer²⁸. Em quinto lugar no ranking está o representante colombiano, o *El Tiempo* (<http://www.eltiempo.com/>), que realçava notícias sobre corrupção no judiciário²⁹ e na *Agencia Nacional de Infraestructura*³⁰. O Peru ocupa o sexto lugar na lista com o portal *El*

²⁴ Cf. “*El timbreo de Cambiemos ahora hizo foco en Mar del Plata: Vidal llevó a Carrió y Stanle*”. Disponível em: <<https://is.gd/WgBDWe>>. Acesso em: 22 jul. 2017.

²⁵ Cf. “*Macri reclamó al chavismo que llame a elecciones y ofreció la mediación del Mercosur*”. Disponível em: <<https://is.gd/LyrHX1>>. Acesso em: 22 jul. 2017

²⁶ Cf. “*Detuvieron y deportaron a Turquía a tres sospechosos de terrorismo*”. Disponível em: <<https://is.gd/mBdtXb>>. Acesso em: 22 jul. 2017.

²⁷ Cf. “*Qualidade de provas é o principal fator que faz TRF-4 reverter decisões de Moro*”. Disponível em: <<https://is.gd/oENtD5>>. Acesso em: 22 jul. 2017.

²⁸ Cf. “*Temer comprou imóveis de Yunes que valem R\$ 18,4 milhões, diz revista*”. Disponível em: <<https://is.gd/L1C19f>>. Acesso em: 22 jul. 2017.

²⁹ Cf. “*Dos procesados por corrupción vuelven a sus cargos en la rama judicial*”. Disponível em: <<https://is.gd/ETK9Za>>. Acesso em: 22 jul. 2017.

³⁰ Cf. “*Federico Gaviria aceptó cargos por caso Odebrecht*”. Disponível em: <<https://is.gd/IO3jXk>>. Acesso em: 22 jul. 2017.

Comercio (<https://elcomercio.pe/>), que salientava as mudanças partidárias no governo nacional³¹ e as sanções sofridas pelo congressista Kenji Fujimori³². Mas o que essa pequena amostra nos coloca para pensar a política na América Latina? O que vemos nessas manchetes digitais contribui para a manutenção de poderes, ou influencia novos membros na discussão política na região? Através desses portais, como podemos criar o perfil do sujeito político latino-americano, e como pensamos as maneiras de atuar, criar e fazer política?

Mesmo quando se poderia abordar e repercutir o noticiário político com outras ênfases e enquadramentos – com base, por exemplo, na exposição e explicitação mínimas das razões históricas e institucionais impessoais subjacentes às escolhas dos personagens, ou seja, de seus contextos concretos de tomada de decisão – é praticamente impossível ultrapassar o “círculo de ferro” imposto pela obsessão paranoica com qualquer coisa que possa se insinuar como sendo desvio de conduta e lesão aos cofres públicos. E tudo sempre acaba na consequente uniformização e redução final do complexo universo político, institucional, partidário ou informal, a uma noite em que todos os gatos são pardos. Chegando-se ao ponto previsível em que toda e qualquer prática e instituição política consequentes são deslegitimadas (LATTMAN-WELTMAN, p. 54, 2017)

Desses questionamentos e cenário, a fonte primeira de resolução é o diagnóstico de *quem fala*. A consulta nesses portais confirma a centralidade de quem emana os questionamentos políticos e sociais. Avanços, problemas, dúvidas e emancipações sociais ganham fundamentações pormenorizadas nas leituras feitas pelos produtores desses portais. Pensar sobre quem fala é remontar à indagação feita por Gayatri Chakraworty Spivak (2010), é inserir o subalterno no nível de outro degrau na posição de quem, primeiro precisa enxergar, para depois narrar, falar e repassar conhecimento. No livro, *Pode o subalterno falar?*, a autora concentra críticas ao papel do intelectual. O “sujeito inominado”, diz a escritora, na sua conduta de agir e lutar carregam ameaças na prática de quem exerce o trabalho intelectual. Spivak define a existência de dois modos de execução do termo representação, nos casos de “falar por” na política e “re-presentação” (p. 32) nas artes, e neles se traçam paralelos descontínuos para o grupo subalterno como sujeito e história. “A solução do intelectual não é a de se abster da representação. O problema é que o itinerário do sujeito não foi traçado de maneira a oferecer um objeto de sedução ao intelectual representante” (p. 61). Há um limite de suas ações, uma barreira que a descolonização coloca como fundamental para uma concretização dos modos de falar.

Para Frantz Fanon (1968) é essa barreira transponível que insere o momento possível da vacilação de todo um sistema (p. 184), em que assimilações são desmascaradas e

³¹ Cf. “*PPK prevé dos cambios en el Gabinete y la fusión de sectores*”. Disponível em: <<https://is.gd/iWW46J>>. Acesso em: 22 jul. 2017.

³² Cf. “*La tensión dentro de Fuerza Popular por Kenji Fujimori en 20 frases*”. Disponível em: <<https://is.gd/9C4oMv>>. Acesso em: 22 jul. 2017.

forçadas a serem ferramentas de um contrafluxo entre colonizado e colonizador. “Cada colonizado que torna a transpor a linha é uma condenação radical do método e do regime, e o intelectual colonizado encontra no escândalo provocado por sua atitude uma justificação para sua renúncia e um incentivo para perseverar” (p. 184). Fanon oferece uma escrita interdisciplinar sobre as consequências da colonização e práticas de reação. Ruídos de uma sociedade que ele registrou nos anos 60 e que ecoa na contemporaneidade. O autor expõe em *Os Condenados da Terra* violências físicas e simbólicas por dentro de uma crítica que impulsiona o colonizador e colonizado para reflexões internas de seus atos. A descolonização, de que trata o martinicano, se conjuga no parâmetro da mudança radical do mundo e do sistema constituído, no qual o processo histórico de inferiorização de sabedorias e corpos possuiu variadas situações de confrontação. Explorar esses embates é a forma da resolução desses “homens novos”, atingidos pela transformação do ser (p. 26) que rompe o silêncio.

Retomar a palavra e falar são conquistas íntimas que se tornam coletivas para destituir a totalidade e a simplificação do mundo colonial e sua existência cultural, que antes eram bloqueadas pela negação da realidade comunitária, por suas relações jurídicas, pela condição periférica, pela usurpação e escravização sistematizada (p. 197). A força simbólica colonial, lembramos novamente, fundamentada pela ação física da existência e apagamento via genocídios fica desestabilizada.

A Comunicação – e sua democratização – é fundamento para alavancar outros sujeitos e forças políticas, e ainda "*desmonopolizar la palabra en beneficio de un mayor pluralismo y diversidad*" (LEÓN, 2016, p.1). Por diferentes linguagens jornalísticas em meios "tradicionais" e enlaces ao entretenimento demonstram a necessidade de sua reconfiguração. O cenário político latino-americano carece de uma fortificação da comunicação popular e indígena, bem como transcender experimentações discursivas, expor outras modalidades de narrativas, compreender a necessidade de abertura e diálogo, e sua emancipação e importância no espaço público.

Esa particular y necesaria articulación entre comunicación y política se produce hoy en un espacio público constituido tanto por lo que yo he llamado “la plaza”, es decir, los espacios tradicionales de agregación y acción colectiva – espacios que van adquiriendo nuevas formas con el paso del tiempo-, y “la platea”, es decir, las prácticas mediáticas que se sostienen en nuestra condición de públicos de medios y usuarios de tecnologías de información y comunicación. Ese espacio público mediatizado es uno de los ámbitos principales donde se dirimen hoy las luchas por el poder político, las luchas por la conducción de la sociedad, que no son independientes del poder comunicativo-cultural, es decir de la posibilidad de construir ideas hegemónicas. (MATA, 2016, p.8-9)

O que a pesquisadora e docente María Cristina Mata (2016) concluiu é uma comunicação como ferramenta estratégica que não se desvincula da política. Afetando-a como uma

atividade institucionalizada. A tensão da palavra ocasiona por essa visão comunicativa, assim como o perfil do *sujeto metafórico* exposta anteriormente, replica sua movimentação de produção e significação entre indivíduos e grupos em confronto (p.8). Assim, a pesquisadora indica um momento de definição de uma nova ordem político-cultural, principiado por uma nova maneira de se comunicar. Portanto, temos o perfil e o meio de ação dessa prática, mas onde poderá se localizar o lugar dessa gênese de existência descolonial?

Walter Mignolo (2015) menciona a necessidade em habitar uma fronteira para formatar resoluções, a partir do lugar de uma *diferencia colonial*. Esse lugar, de práxis e existência, ressignifica as diferenças em valores. Ontologicamente e epistemicamente, indica o autor, quebram-se hierarquias de visões externas (p. 50) fortificadas por complexas articulações do imaginário do mundo moderno/colonial (p. 58) que, por consequência, irá engendrar a *diferencia colonial*. O autor confirma a existência desse lugar a partir da viabilidade do *pensamiento fronterizo*, que se torna resposta à possibilidade de uma nova maneira de pensar induzida pela “*expansión imperialista de la modernidad y la matriz colonial del poder que el expansionismo moderno necesariamente implica*” (MIGNOLO, 2005, p. 35). Eleva-se, com o *pensamiento fronterizo*, uma margem aberta das narrativas intelectuais reconstituídas daqueles que foram atacados de maneira ininterrupta pela colonialidade em seus corpos e mentes. Mesmo assim, se faz necessário pontuar a crítica imposta ao conceito de Mignolo por Catherine Walsh (2005). A concepção teórica de Walsh transfere o marco para um pensamento que reitera a reconstituição do fortalecimento e reconhecimento do pensamento próprio. Para Walsh a ideia de Mignolo precisaria deslocar-se da referencialidade do pensamento dominante para alcançar mudanças efetivas, e não somente expor um modo de relação entre distintos conhecimentos (p. 29). A socióloga batizou essa forma de reação como *posicionamiento crítico fronterizo*: “*permite hacer ressaltar la agencialidad de los grupos subalternizados no solo para incidir en o para fronterizar el pensamiento hegemónico, sino también para moverse estratégicamente (incluyendo entre ellos) em uma variedad de esferas*” (p. 30). A formatação dessa atitude pensante emerge formas críticas de ocupar os espaços de dominação e controle, do locus enunciativo, da perspectiva unilateral, e projeta novos dias.

A forma da crítica social, nesse novo momento intelectual, nos faz retomar Frantz Fanon para defender que nesse lugar de práticas e emancipações está um espaço cingido, no qual o autor utiliza-se das imagens de estátuas para traduzir o maniqueísmo e a imobilidade desse sistema moderno colonial vigente – “a estátua do general que efetuou a conquista, a estátua do engenheiro que construiu a ponte. Mundo seguro de si, que esmaga com suas pedras os lombos esfolados pelo chicote. Eis o mundo colonial” (1968, p. 39). Estátuas que decoram nossas cidades e cheiram a bronze, a morte e heranças desabitadas de seu aporte social. A *diferencia colonial*, que nos serve de impulso ao rumo contra-hegemônico necessita que monumentos outros se reconfigurem na

paisagem. Ou derrotados pela performance artística³³, ressignificados por novas resoluções³⁴, ou ainda constituídos de materiais intempestivos, vindos do barro, do chão, da origem, e moldados para não constituir imortalidades, mas para respeitar a conversão histórica daquele que, até então, era considerado subalterno.

4.1. A HEGEMONIA DO DISCURSO

Investiga-se como objeto de estudo o *periodismo narrativo*, e o seu desenvolvimento e atuação frequentemente vinculada à uma ideia comparativa à um outro jornalismo. E é esse *outro*, que quando se indica nesse texto como hegemônico, nos referendamos nessa terminologia um instrumento que mescla (e serve de complemento) as ideias de *diário*, *massivo* e *corporativo*. Que modula as fissuras existentes num modelo, e que ocasiona a sedimentação de *outros* meios de produção possíveis. Entender o hegemônico, é deslocar a sua centralidade e referência como modelo a ser seguido. Levando em consideração, a regimentação ideológica que esses meios produzem, através de representações de um mundo social e “explicável” dentro de sua centralizada mirada (HALL, 2010, p. 300).

Contudo, a força política e econômica do jornalismo hegemônico não se concretiza somente por essas três vias que se destacam. Mas elas servem de ponte para conexões que a atuação hegemônica se impõe e forma aos discursos recorrentes e tidos como *tradicionais*. Noam Chomsky (2014) se apoia sobre o tema quando pensa na manipulação como conjuntura anexada às democracias modernas. Será, para o autor, uma demanda que a propaganda política toma para si ao fundamentar seus locais de “comando” e de autoridade. A divisão da escola, cultura popular e mídia (p. 9) acarretam uma ínfima percepção, uma contextualização específica de uma realidade dissimulada para a contenção. O leitor, o espectador e o ouvinte são direcionados para outras realidades como uma estratégia: “A propaganda política está para uma democracia assim como o porrete está para um Estado totalitário” (p. 10). A construção do consenso, como define o autor, passam por estratégias de manipulação que moldam a opinião pública a partir dos modelos neoliberais – função destacada anteriormente, pois, como já avaliou-se, as consequências políticas, sociais e econômicas do neoliberalismo na América Latina serão determinantes para afloração de

³³ O efêmero como ponto culminante aos símbolos de nossos tempos, problematização que o artista russo Fyodor Pavlov Andreevich provoca com seus monumentos temporários. Cf.: *Temporary Monuments, 2015 – 2017*. Disponível em: <<https://is.gd/e1YdeB>>. Acesso em: 23 jul. 2017.

³⁴ Cf.: *Prefeitura de Taquari derruba estátua de Costa e Silva depois do relatório da Comissão da Verdade*. Disponível em: <<https://is.gd/rpcpoE>>. Acesso em: 23 jul. 2017.

identidades que estão no epicentro da moderação temática e inclusiva trabalhada pelo espectro do jornalismo narrativo.

Chomsky (2010) lista as seguintes características sobre a manipulação midiática: 1) a tática da distração que embaça, mediante distúrbios de informações insignificantes que fomentam o desinteresse e a inatividade; 2) se produz um método de “problema-reação-solução”, no qual eventos premeditados causam o efeito de resolução e voz determinante; 3) a formação e execução gradual de ideias, conceitos e atitudes de controle; 4) o jogo de estimulação de ações impopulares como essenciais para o futuro – mesmo sem justificativa concreta, além dos interesses particulares³⁵; 5) utilização de linguagem perto “da debilidade”, reforçando uma não-ação como expectativa de abafar senso crítico; 6) aproveitamento do sentidos emocionais frente aos aspectos reflexivos; 7) desestimular a compreensão e empoderamento do público; 8 e 9) assim como anexar-se a mediocridade e a “autoculpabilidade”; 10) e aproveitamento de avanços tecnológicos e científicos para concretizar um conhecimento amplo, crescente e direcionado do indivíduo. Essas considerações sobre manipulação, resulta na primeira evidencia complementar ao jornalismo hegemônico – o *massivo*. Autores como Jesús Martín-Barbero (2009) já elevaram a noção problemática sobre o massivo, sobre sua atuação e influência combativa para culturas populares; pensamento que aprofunda o complexo envolvimento cultural e político da massa, se comparamos com as ideias de Chomsky. Porém, a via dupla do ser massivo também indica um forte controle, com uma visão que “autoridades” e membros político-econômicos fundamentaram o discurso que lidam sobre a massa de maneira amorfa, bestializante e fortemente passiva. Por isso, nessa pesquisa, leva-se em conta também essa visão sobre a massa, por definir sua complexidade, e para visualizar mudanças estruturais de como os meios atingem as mediações na atualidade.

Todo ello entendido en medio de **la complejidad** cómo una clave de lectura de la realidad. La diversidad de miradas, pero sobre todo la multicausalidad y la multideterminación de cada uno de los hechos de los que somos partícipes exige cada día miradas más interdisciplinarias en búsqueda de respuestas que también lo son. No hay respuestas sencillas y aisladas a realidades complejas. El reconocimiento de complejidad nos demanda complementación y articulación, de recursos y de actores, en la producción de las respuestas, lo que implica resignar protagonismos y mesianismos inútiles en función de la construcción de respuestas colectivas apoyadas en miradas y acciones diversas y complementarias. (URANGA, 2005, p. 7 – *grifo do autor*)

A concentração dos meios de comunicação convertida em monopólio, por limitar um grupo específico de produção, demanda e reage comandos que também formata a lógica hegemônica do jornalismo. Essa via concentração-monopólio, é traduzido por um forte aparato *corporativo*, no sentido atuante por meio do poderio econômico e político de influência. São casos

³⁵ Um exemplo desses interesses é a cobertura midiática sobre a reforma trabalhista no Brasil. Cf.: *Reforma trabalhista -maior parte da mídia não aborda o impacto negativo das mudanças*. Disponível em: <<https://is.gd/xEmGX4>>. Acesso em 10 jun. 2017.

como o vivido pelo Peru, no qual donos de construtora, de empresa aérea, grupo de investimentos, de imobiliárias e de mineradoras são os principais acionistas de um grupo multimídia que controla 80% dos ingressos da indústria midiática no país. O grupo *El Comercio*, em investigação do projeto *Ojo Público*³⁶ e dos Repórteres sem Fronteiras, controla dois canais de televisão, nove jornais impressos e quinze meios digitais de alcance nacional. Os interesses empresariais associados à comunicação também se expõem na Argentina e no México. No caso deste, a relação se apresenta na administração das televisões. As empresas *Televisa* e *Televisión Azteca* atuam em 532 canais de televisão, isso representa 62% das frequências de todo o país³⁷. No caso da Argentina a luta entre o governo de Cristina Kirchner e o grupo *El Clarín* demonstrou uma trama entre empresariado, políticos e judiciário. A *Ley de Medios* se tornou um capítulo no embate entre forças desconexas que não legitimaram uma aliança, e um pacto de governabilidade. Uma lei que provinha pela democratização da comunicação, se tornou obscura aos objetivos políticos de hegemonia³⁸. Esse duelo aponta uma coligação que intimida qualquer mobilidade à democratização ao acesso e produção de mídia.

A união entre empresariado e agentes políticos, que em muitos dos casos assumem e se resumem na mesma personalidade, remonta no Brasil um controle massivo das atividades comunicacionais. Inibindo de forma econômica, e também via leis e jogos políticos, tentativas de popularizar a comunicação. O Fórum Nacional pela Democratização da Comunicação (FNDC) comprovou, pelo projeto *Donos da Mídia*³⁹, que partidos políticos – a partir de seus correligionários – detêm 254 concessões públicas para rádios (inclusive comunitárias), jornais e televisão em todo o país. Mesmo com a Constituição Federal proibindo que políticos sejam donos de meios de comunicação, o estudo indica que deputados, senadores, prefeitos e governadores – totalizando 270 titulares de mandato eletivo – se associam em diversos grupos comunicacionais.

Essas constatações escancaram a realidade comunicacional e democrática do contexto latino-americano. O *Observador de medios de comunicación em América Latina* (2008) concluiu que a difusão de questões sociais e a articulação entre cidadãos e poder político é exercido escassamente pelos *medios*. Conformando o dado em que onde a cobertura mediática é escassa, predispõe à uma situação que não favorece o desenvolvimento democrático, pois impossibilita ou diminuiu a participação na agenda pública resultando numa cidadania instável (p. 129). O estudo

³⁶ Sobre a reportagem especial sobre os meios de comunicação no Peru. Cf.: *Los dueños de la noticia* (2016). Disponível em: <<https://duenosdelanoticia.ojo-publico.com/>>. Acesso em 10 dez. 2016.

³⁷ Para compreender os dados das televisões no México. Cf.: DELARBRE, Raúl T. *Bajo el imperio de la televisión*. 2011. Disponível em: <<https://is.gd/vrW2h1>>. Acesso em 10 jun. 2017.

³⁸ Sobre o embate político-comunicacional na Argentina. Cf.: VALLE, Gustavo. *Los Kirchner vc Clarin*. 2010. Disponível em: <<https://is.gd/d2adTJ>>. Acesso em 10 de jun. 2017.

³⁹ Para acessar as informações do estudo. Cf.: *Donos da Mídia* (2008). Disponível em: <<https://www.donosdamidia.com.br/>>. Acesso em 10 de jun. 2017.

que analisou a agenda dos principais meios de comunicação do Brasil, Colômbia, Equador, Peru e Venezuela visou perceber o tratamento e a exclusão de certos temas que favoreciam os princípios e ideais do sistema democrático.

los medios de comunicación se constituyen gradualmente en el lugar/espacio de convergencia de la vida pública. Es innegable, además, la enorme influencia que ha cobrado la industria de la comunicación en la arena política. Este marcado predominio e influencia de los medios de comunicación que trasciende lo mediático y se proyecta a lo económico, lo político y lo educativo, ha provocado que la democracia, en nuestros días, se denomine «mediática, de espectáculo, o de sondeos», video democracia o mediocracia, donde los ciudadanos se transforman en prisioneros de una información mediatizada, que se concibe como una mercancía sometida a la lógica del mercado de consumo y participan del sistema político como show mediático. La crisis de representatividad política e institucional facilitó la expansión de los medios de comunicación en general y la televisión en particular, como escenario principal y actor de la política en Latinoamérica: se presentan y legitiman políticos, foros de debates o se constituye un “parlamento mediático”. La imagen televisiva se pone al servicio de la construcción de una nueva credibilidad en la representación política. (...) Los medios de comunicación, en Latinoamérica, impactan en el desarrollo democrático; es decir, tienen capacidad, por sus tradicionales y nuevos roles para fortalecer o debilitar la calidad democrática de una sociedad. Esto se traduce en la valoración de la democracia y sus instituciones que hagan los medios; en el énfasis que pongan en la promoción de los valores asociados a la democracia: libertad, igualdad, justicia, educación, seguridad de personas y bienes; en la promoción de las instituciones de la democracia y la política y en la promoción de la ciudadanía y grupos marginados. (ZUKERNIK, 2008, p. 8-9)

Os processos políticos, com presença demarcada dos meios de comunicação e das tecnologias de informação, enfrentados por Fernando Lugo no Paraguai, Dilma Rousseff no Brasil, e por Nicolas Maduro na Venezuela demonstram esse impacto midiático sobre/pela política.

Na tríade proposta no início desse subcapítulo, abarca-se a designação do jornalismo hegemônico – *diário*, *massivo* e *corporativo* – complementada por opiniões de cronistas da área que colocam em comparação os processos de quem produz *crônica*, e quem produz os temas da agenda da grande mídia. Dessa maneira, pensa-se no complemento da tríade refletindo sobre a ideia do *diário*. Para o argentino Martín Caparrós (2007) a *crônica* seria aquilo que jornais diários fazem cada vez menos, que é privilegiar o leitor; ao lutar com meios visuais por uma espécie de público que editores, segundo Caparrós, classificam como *o leitor que não lê*. A contradição, segue o cronista, está em lutar “contra” os meios visuais usando suas armas, e não mais a palavra e a escritura (p. 1). Sob o prisma temático, Caparrós ressalta outra diferenciação entre os jornais diários – os temas e tratamentos de contextualização.

Porque la crónica, en principio, también sirve para descentrar el foco periodístico. El periodismo de actualidad mira al poder. El que no es rico o famoso o rico y famoso o tetona o futbolista tiene, para salir en los papeles, la única opción de la catástrofe: distintas formas de la muerte. Sin desastre, la mayoría de la población no puede (no debe) ser noticia. La información (tal como existe) consiste en decirle a muchísima gente qué le pasa a muy poca: la que tiene poder. Decirle, entonces, a muchísima gente que lo que debe importarle es lo que les pasa a esos. La información postula (impone) una idea del mundo: un modelo de mundo en el que importan esos pocos. Una política del mundo. La crónica se rebela

contra eso cuando intenta mostrar, en sus historias, las vidas de todos, de cualquiera: lo que les pasa a los que también podrían ser sus lectores. La crónica es una forma de pararse frente a la información y su política del mundo: una manera de decir que el mundo también puede ser otro. La crónica es política. La información no soporta la duda. La información afirma. En eso el discurso informativo se hermana con el discurso de los políticos: los dos aseguran todo el tiempo, tienen que asegurar para existir. La crónica (el cronista) se permite la duda. (2007, p.2)

A fonte da *dúvida* é item demarcado sob a criação dentro do jornalismo narrativo. Onde a certeza, mancomunado com o fato e o furo de reportagem – alimentado pela convicção dos acontecimentos – desaparecem para incitar outras problemáticas no processo comunicacional de recepção. Como elucidada o cronista peruano Julio Villanueva Chang sobre o novo tempo jornalístico da instantaneidade: “*En tiempos en que la sobreoferta de información es una moderna forma de censura*” (2005, p. 1). O diário que aqui enfatiza-se provem da escritura informativa, da anormalidade do tempo, da quebra constante de direitos trabalhistas, de jornadas infundáveis, de soldos irrisórios, de instabilidade empregatícia, de linguagem simples e direta como modelo que estigmatiza a escritura, de formalização de infinitas jornadas de trabalho em distintos meios, de realização de jornada dupla no tempo que precisa-se escrever, fotografar, tuítar, postar, filmar, entrevistar, decupar, editar, publicar, comentar e postar. Na opinião de Chang a imprensa diária possuiu no *tempo*, que pode ser traduzido por imediatez, seu grande balizador – “*El trabajo de un reportero de diario suele ser un tour sin tiempo para el azar ni la reflexión: páginas programadas, entrevistados programados, escenarios programados, respuestas programadas, tiempo programado*” (p.1). A pobreza, continua o peruano, dessa prosa está convertida em eufemismos e na sua conversão em escândalo e publicidade. Por isso, o perfil desse profissional é o perfil do trabalho em série, da precariedade, provindo de uma formação difusa e técnica que limita a reflexão e destituiu, taticamente, a sua personalidade.

Los diarios impusieron esa escritura «transparente» para que no se viera la escritura: para que no se viera su subjetividad y sus subjetividades en esa escritura: para disimular que detrás de la máquina hay decisiones y personas. La máquina necesita convencer a sus lectores de que lo que cuenta es la verdad y no una de las infinitas miradas posibles. (CAPARRÓS, 2007, p. 2)

São essas infinitas possibilidades formativas que mostra um posicionamento contra-hegemônico frente ao jornalismo convencional e diário. De restabelecimento de outra conectividade, não aquela tida como salvadora para muitos meios, mas a ligação que se desvincula da agenda das grandes mídias, sem os personagens predefinidos, alcançando uma conectividade que não se ignora *com quem* e *para quem* se fala. Os critérios da hiperinformação, de fórmulas estandardizadas, de hierarquizações, unilateralidade e visão automatizada fazem com que o jornalismo narrativo module sua produção para outros componentes; como a estética, para diminuir sua caducidade (FALBO, 2007; QUEIROZ, 2017; PUERTA, 2011). Pois, nas páginas jornalísticas

de linguagem descritiva e enxuta, que se pretende objetiva, a manifestação subjetiva é dada como empecilho ao seu tempo e forma de relato (MOTTA, 2013, p. 96). Desse modo, o jornalismo hegemônico se transveste de uma descontextualização das relações sociais, focalizando a formalização dominante de sua instituição (CALEGARO, LAGO, 2010, p. 36). Entender essa modulação é também compreender por quais fissuras foram possíveis estabelecer um outro meio de produção. Por definição do historiador Luiz Antônio Simas (2015), entende-se esse processo de afirmação do jornalismo narrativo em meio à uma “cultura da fresta e das brechas”. O historiador utiliza o termo para entender o contexto pós-abolição no Brasil. E aqui, despretensiosamente é usado, não como enquadramento comparativo, mas como a aplicação de uma *cultura da brecha* como auxílio à sobrevida de uma produção e atuação que reconduz a jornada comunicativa. Porque é no proveito da brecha gerada pela crise econômica e estrutural do modelo capitalista que detecta-se a atuação *corporativa, massiva e diária* se deteriorando. Crise que acarreta uma produção de conteúdo direcionado para novos espaços de legitimação (2010, p. 92), como as revistas digitais. Uma crise que abre brechas, como a resignificação do jornalismo narrativo em nossos tempos, mas que responde de maneira contundente para preservar seu monopólio e influência.

4.2. Os sentidos da dominação, corpo e presente

Os estudos sobre os processos comunicacionais, constantemente, focalizam na atuação receptora de suas audiências, ou na formação dos discursos, como também em inúmeros meios para a sua construção como campo e ratificação científica. Na origem de suas teorizações, a comunicação possuía variadas formas de análises que foram destacadas por Armand e Michèle Mattelart no livro *Histórias das teorias da comunicação* (1999). Uma dessas correntes teóricas era o *Mass Communication Research*, voltado principalmente para questões provenientes de quem administra a mídia. Essa corrente, principiada por Harold D. Lasswell (1902 – 1978), conecta a programação à gestão da opinião pública e da democracia. Essa instrumentalização irá consagrar uma representação onipotente da mídia, segundo os autores, - “A audiência é visada como um alvo amorfo que obedece cegamente ao esquema estímulo-resposta” (p. 37). Para Lasswell, e seu modelo de “agulha hipodérmica”, os indivíduos estão ausentes de suas subjetividades políticas.

Entender os efeitos do discurso midiático também possuiu como referência o modelo linear de Claude Elwood Shannon (1916 – 2001) com uma reprodução que passa pela fonte, codificador, mensagem, canal, decodificador e destinação como resposta permeada por fenômenos aleatórios, porém de atuação mecânica (p. 60). Esses modelos teóricos do início dos anos 1950, atrelados ao contexto do pós-guerra e a utilização dos novos meios de comunicação, assim como um dos embriões da sociedade do espetáculo – “o reino autocrático da economia mercantil que

acelera ao status de soberania irresponsável” (DEBORD, 1997, p. 168) – corroboraram para a segmentação dos primeiros passos de encobrimentos via mobilização da comunicação de massa, sustentados pelo cientificismo.

As narrativas e narrações são dispositivos discursivos que utilizamos socialmente, em contexto, de acordo com nossas pretensões. Narrativas e narrações são formas de exercício de poder e de hegemonia nos distintos lugares e situações de comunicação. Os discursos narrativos literários, históricos, jornalísticos, científicos, jurídicos, publicitários e outros participam dos jogos de linguagem e dos jogos de poder. Analisar as narrativas se transforma em observação de ações e performances socioculturais, mais que de relatos isolados. (MOTTA, 2013, p. 82-83)

Por conseguinte, comunicar é fazer política e fazer leituras sobre o poder, e uma das possibilidades de concretização de uma outra linguagem fundante, como suas fontes de informação, teorias, educação e outro modo de lidar com as palavras e as pessoas, é projetar uma comunicação que habita o jornalismo narrativo – “as narrativas criam significações sociais, são produtos culturais inseridos em certos contextos históricos, cristalizam as crenças, os valores, as ideologias, a política, a cultura (MOTTA, 2013, p. 121). Portanto, esses significados e essa escrita narrativa, e sua interconexão com a atualidade política *latinoamericana*, é processo que demanda entender pensamentos clássicos sobre o poder, como o de Michel Foucault (2002), que incluiu a vigilância e a punição como ferramentas para a manutenção de um poder "impotente" que precisa instituir novos meios de ação entre relações.

O que faz com que o poder se mantenha e que seja aceito é simplesmente que ele não pesa só como uma força que diz não, mas que de fato ele permeia, produz coisas, induz ao prazer, forma saber, produz discurso. Deve-se considerá-lo como uma rede produtiva que atravessa todo o corpo social muito mais do que uma instância negativa que tem por função reprimir. Em Vigiar e Punir o que eu quis mostrar foi como, a partir dos séculos XVII e XVIII, houve verdadeiramente um desbloqueio tecnológico da produtividade do poder. As monarquias da Época Clássica não só desenvolveram grandes aparelhos de Estado – Exército, polícia, administração local –, mas instauraram o que se poderia chamar uma nova “economia” do poder, isto é, procedimentos que permitissem fazer circular os efeitos de poder de forma ao mesmo tempo contínua, ininterrupta, adaptada e “individualizada” em todo o corpo social. Essas novas técnicas são, ao mesmo tempo, muito eficazes e muito menos dispendiosas (menos caras economicamente, menos aleatórias em seu resultado, menos suscetíveis de escapatórias ou de resistências) do que as técnicas até então usadas e que repousavam sobre uma mistura de tolerâncias mais ou menos forçadas (desde o privilégio reconhecido até a criminalidade endêmica) e de cara ostentação (intervencções espetaculares e descontínuas do poder cuja forma mais violenta era o castigo “exemplar”, pelo fato ser excepcional). (FOUCAULT, 2012, p. 45)

Portanto, a noção de poder para o pensador francês se conjuga através de uma “evolução” experimental do controle. Ele ainda atrela aos tempos modernos a utilização do “regime da verdade” como meio que perpetua procedimentos em inúmeras áreas da sociedade que garantem

o acesso e manejo do poder. Esse regime “foi uma condição de formação e desenvolvimento do capitalismo. É ele que, com algumas modificações, funciona na maior parte dos países socialistas” (p. 54). Verdade como política – como já pontuamos no capítulo anterior – no qual instâncias legitimadas irão exercer seu avatar de inquisidores da funcionalidade social.

Conjuntamente com as ideias de Foucault, pode-se pontuar outra visão da aplicabilidade e execução dos aparatos do poder, através dos estudos do programa de investigação *Modernidad/Colonialidad*. Um dos temas chave de suas pesquisas é o conceito desenvolvido por Aníbal Quijano, no qual ele insere o elemento da *colonialidad del poder* para problematizar padrões específicos do poder e o seu desenvolvimento hegemônico provindo desde a Conquista, a partir da classificação racial e do trabalho, de espaços e pessoas em benefício do capital (ESCOBAR, 2003, p. 62). A proposta de Quijano (2005), portanto, se apresenta por processos históricos que validaram a emolduração de diferenças entre conquistadores e conquistados pela ideia de raça, perpetuando dominação e classificações da população; e também o elemento do controle do trabalho como usurpação de recursos, conhecimentos e tempo que se convergiram em capital dominante eurocentrado. O autor demonstra com essa perspectiva uma resignificação de identidades geoculturais – “nova intersubjetividade mundial”, credita o escritor – modulação binária, patriarcal e centralizadora, que impulsiona o primeiro padrão de controle global. “Por isso as instituições hegemônicas de cada âmbito de existência social, são universais para a população do mundo como modelos intersubjetivos” (p. 124). Desse modo, junto ao Estado-nação, família burguesa, empresa, incluímos a comunicação nesse conjunto estável e universal de valoração.

El Estado comunicador y la mediática del poder son posibles porque los medios de comunicación inciden en los modos de la política, la gobernabilidad y la democracia; porque habitamos una democracia mediática, una política del espectáculo y una gobernabilidad que se juega en encuestas de favorabilidad; porque comunicación y política son juegos de afectos y celebraciones del ego. La comunicación, por su gran capacidad de seducción pública y por su valor estratégico en lo económico, tecnológico y político, despierta pasiones excesivas y casi perversas por parte del poder. El poder del gobierno, el poder de los empresarios, el poder de los políticos, el poder de los ciudadanos. Así, en América Latina los medios de comunicación expresan y son escenarios de conflicto y tensión que afectan la calidad de la democracia. (RINCÓN, 2010, p.6)

Percebe-se nesses exemplos teóricos, portanto, a não aplicabilidade de uma ideia de poder estático e soberano. Contudo confirmam uma visão maleável das inter-relações de dominação e controle. Assim, o dinamismo dessa dominação se apresenta e serve como elemento de análise para expor ferramentas de indução de sentido e poder. Como são os casos dos meios de comunicação – “O poder simbólico é um poder de construção da realidade que tende a estabelecer uma ordem gnoseológica: o sentido imediato do mundo” (BOURDIEU, 1998, p. 9). Por isso, pensar as formas de criação, via crônicas, é dinamizar territórios simbólicos que buscam uma

horizontalidade em comparação ao jornalismo tradicional e corporativo – “*Su estatuto transgresor altera la comodidad de las representaciones sociales instituidas por el periodismo clásico, al abordar las tensiones sociales haciendo emerger el conflicto y las disputas*” (CALEGARO, LAGO, 2015, p. 4). Uma representação textual que se mina de força ao entender o processo identitário na atualidade, reforça detalhes, impõe visões ao minúsculo, e se projeta uma totalidade acompanhada a uma minuciosidade fragmentada e única em várias vozes.

no debería extrañarnos que hoy – en una nueva encrucijada de transformaciones culturales profundas con el consiguiente desafío a las jerarquías culturales existentes – la crónica (re)aparezca, al menos en mi hipótesis, como el espacio para contemporáneos fenómenos de medicación entre la nueva organización de la producción intelectual y nuevas formas de discursividad pública, entre nuevas prácticas y demandas de consumo lector y los géneros escriturarios dominantes, entre los imaginarios nacionales y urbanos y las formas de discursividad globales. (POBLETE, In: FALBO, p. 73, 2007)

Formação que joga luz aos sujeitos políticos que fazem parte das disputas contemporâneas, formação essa que se torna um desafio para o diagnóstico e compreensão das forças heterogêneas que conduzem o ser político *latinoamericano* em nossos tempos. Tanto na maneira como se proliferam os campos de disputa, como as vias de adesão a opções características conservadoras e de direita, impulsionadas por inúmeras fissuras que possibilitou uma reorganização a partir de demandas de governos entendidos como liberais e de esquerda (GORI, 2016, p. 44). Como também a indicação de movimentos sociais que derrubam dicotomias de dinâmicas da transnacionalização econômica e a desterritorialização cultural (2002, p. 151). Acompanhar esses diagnósticos é salientar particularidades de cada povo, grupo e questão sociopolítica, conduzindo uma reação à universalidade e à vigilância imposta às suas perguntas e ações sobre os sistemas de poder.

4.3. Rebento identitário e outros perfis políticos

O imaginário contemporâneo sobre atores, práticas e ações políticas é alicerçado em visões institucionalizadas, de uma personalização manipulada e customizada por novas aplicabilidades da globalização, com correntes fortemente alinhadas a apropriações e distinções – como já ocorreu em décadas passadas, ou seja, manutenção – como já demonstramos anteriormente ao inserir as notícias dos principais portais da América Latina e seus destaques políticos. O reduto dessas noções sobre política também acompanha uma tendência mundial de crescente descrédito de

sua representatividade. Dados da *ONG Transparencia Internacional*⁴⁰ demonstram que 51% de 114 mil entrevistados em todo mundo acreditam que governos e partidos são as instituições mais corruptas, seguida da política com 31%, e o poder judicial com 24%. Dados que podem ser cruzados com a pesquisa do instituto *Pew Research Center*⁴¹ sobre posicionamento político partidário da mídia. Os dados revelam que na América Latina 54% dos entrevistados acreditam que a imprensa não cobre de maneira satisfatória os diferentes posicionamentos e debates políticos. A média chega aos 70%, em países como Argentina, Chile e Venezuela, para entrevistados que renegam meios de comunicação que favoreçam partidos políticos em detrimento de outro. O informe *Latinobarómetro*⁴² é outro levantamento que nos auxilia na contextualização política da região. A pesquisa constatou o declive de 53% de satisfação com o sistema democrático em 2017. A pesquisa concluiu que a indiferença (25%) ao sistema político gerou a consequência negativa frente à democracia. A ideia de aprovação à democracia, na verdade está içado aos desempenhos governamentais, no qual critérios como corrupção e desigualdade agravam essa avaliação.

Esses números, na verdade, nos servem para transcrever um panorama complexo que se contrai, evolui e se adensa social, mas principalmente, cultural. Portanto, pessoas e movimentos sociais têm reconfigurado suas atuações políticas frente ao debate democrático. O significado do ser político se altera por diálogos intensos com as artes, com mídias digitais, com o espaço público, entre outros. Os modelos de quebra, que se utilizam de fragmentações e permeabilidades, ocasionam a refundação de certa hegemonia.

Hoy diversos movimientos sociales, grupos indígenas, estudiantes, entre tantos otros, hacen uso de estas tecnologías con el claro propósito de transgredir los mecanismos de dominación que han operado en desmedro de una vasta población a escala planetaria. Estamos asistiendo a la configuración de una tecnopolítica comunicacional que emerge “desde abajo” para desafiar las estructuras estructurantes del mundo hegemónico. Las formas de producción y reproducción del capital en este nuevo marco de estructuración cultural no sólo se han centrado en la acumulación de riquezas materiales, sino también en la circulación de mercancías de carácter simbólico, cuyas formas de valor quedan supeditadas a las regulaciones de producción de las industrias culturales que dominan el mercado de la comunicación, la información y la cultura. (MALDONADO RIVERA, 2014, p. 15)

⁴⁰ Cf.: *Transparencia Internacional constata el descrédito global de la política*. Disponível em: <<https://is.gd/wf6gnO>>. Acesso em: 25 jul. 2017.

⁴¹ Os dados da média global, referente à 42.000 pessoas, em 38 países, mostram que três quartos dos entrevistados não aceitam o favorecimento midiático à um partido político em detrimento de outro. Cf. *O que o brasileiro pensa sobre o viés partidário da imprensa*. Disponível em: <<https://is.gd/rF6L4f>>. Acesso em: 13 jan. 2018.

⁴² A pesquisa aplicou 20.200 entrevistas, em 18 países da América Latina, entre os meses de junho e agosto de 2017. O estudo possuiu como apoiadores BID (Banco Interamericano de Desarrollo), INTAL (Instituto de Integración de América Latina), CAF (Banco de Desarrollo de América Latina), e os governos da Noruega e México. Disponível em: <<https://is.gd/74LVWU>>. Acesso em: 17 jan. 2018.

O estudo de Maldonado Rivera revela narrativas desabituais da herança tradicional, hegemônica e eurocentrada, abolindo meros contrapontos entre mercadoria e radicalidade de um povo – no caso, a do povo *mapuche*. Para o autor, dessa reconfiguração de uma tecnopolítica comunicacional se obtêm um enfrentamento de particularismos identitários e culturais de grupos renegados do “desenvolvimento civilizatório” sob um projeto totalizador (p. 176). Articulações e mediações que problematizam a partir de outra perspectiva o sentido sociopolítico das vivências. “O que se encontra em processo de mudança, hoje, é a própria concepção que se tinha dos sujeitos políticos” (2009, p. 286). O que está em jogo é a organicidade ramificada dos discursos de alteridade. E essas alteridades, tradicionalmente é entendido pelo prisma político dos movimentos sociais.

Esquematisando, podemos distinguir a existência de duas correntes na reflexão dos clássicos. De um lado estão os que, como Le Bon, Tarde e Ortega y Gasset, se preocupam com a irrupção das massas na cena política e vêem nos comportamentos coletivos da multidão uma manifestação de irracionalidade, um rompimento perigoso da ordem existente; antecipam assim os teóricos da sociedade de massa. De outro lado estão os que, como Marx, Durkheim e Weber, se bem que com alcance e implicações diversos, vêem nos movimentos coletivos um modo peculiar de ação social, variavelmente inserida ou capaz de se inserir na estrutura global da sua reflexão, quer eles denotem transição para formas de solidariedade mais complexas, a transição do tradicionalismo para o tipo legal-burocrático, quer o início da explosão revolucionária. Em todos estes autores, bem como naqueles que lhes haviam de seguir, existem alguns elementos comuns na análise dos comportamentos coletivos e dos Movimentos sociais: o acento sobre a existência de tensões na sociedade, a identificação de uma mudança, a comprovação da passagem de um estágio de integração a outro através de transformações de algum modo induzidas pelos comportamentos coletivos. (BOBBIO; MATTEUCCI; PASQUINO, p. 787, 1998)

Por conseguinte, é necessário reconhecer a dificuldade em estabelecer uma normalização aos movimentos, assim como categorizar um marco sobre estruturas governamentais. Maristella Svampa (2016) lista as seguintes características dessa dificuldade: “*Desajuste, asimetrías, heterogeneidad estructural, abigarramiento, dislocación y, más aún, la dependencia como gran marco maestro y el populismo como especificidad*” (p. 495). A socióloga, reconhecida pelo seu trabalho de leitura sobre os movimentos sociais e investigações sobre política interna e Estado, assinala um campo geopolítico da região provido de dinâmicas e entrecruzamentos dos movimentos sociais contemporâneos constituídos de autonomia nos campos organizativo e estratégico (2010, p.8). Percebe-se, por exemplo, a valoração radical sobre atos de resistência sobre territórios e territorialidades, um centro nas discussões de indígenas, camponeses, quilombolas e socioambientalistas.

O novo modo que o capital lida com o extrativismo (as grandes represas, privatizações de bens naturais e alterações geofísicas de territórios sagrados⁴³ são alguns exemplos) e suas consequências em distintas áreas de entendimento urbano e rural, fazem com que Svampa (2016) classifique os movimentos sociais latino-americanos como *movimientos socioterritoriales* (p. 491). Esse indicativo teórico nos faz pensar nas lutas pelo direito de terras e a relação do papel da comunicação, pois será ela quem permeará a territorialidade do espaço público das discussões. Ela formata, portanto, as discussões que estarão nos pleitos de pressões e apoios populares. Os *movimientos socioterritoriales* demandam também a ocupação de territórios comunicacionais.

En este mismo sentido, estos espacios de comunicación son, tal como nos han contado sus protagonistas, ámbitos de recuperación, construcción y legitimación de conocimiento sobre las memorias y saberes de cada pueblo, sobre sus prácticas religiosas, sus valores ancestrales tantas veces negados, silenciados y distorsionados, tanto para las propias comunidades, que comienzan a escuchar en las radios sobre saberes y tradiciones tantos años deslegitimados, como para el resto de la sociedad, que encuentra en estos medios conocimientos sobre riquezas culturales que desconoce. Finalmente, la recuperación de este territorio comunicacional es fundamental en relación con el espacio y el modo de poner en común a las propias comunidades: de intercambiar saberes, definir soluciones a distintas problemáticas y necesidades, de revertir desigualdades expresivas que a veces existen en el interior de las mismas, habilitando la participación de distintas voces en la construcción de posiciones colectivas. En esse sentido, muchas veces la lucha pasa también por democratizar la palabra dentro de cada pueblo, ya que este territorio es, al mismo tiempo, un espacio de construcción de comunidad y organización política. (DOYLE. In: ALER et al, 2012, p. 18)

A autonomia dos povos, uma nova agenda de reconhecimento e de enunciação, como uma reinvenção identitária, são alguns dos elementos que Svampa conecta aos subsídios desses novos modos de comportamento político. A autora, no artigo intitulado “*Movimientos Sociales, matrices socio-políticas y nuevos escenarios en América Latina*”, projeta sua análise por distintas matrizes que estão divididas em memória larga, mediana e curta. Nesse esquema ela coloca a matriz indígena como um marco da *memoria larga*, com uma dinamicidade entre a tensão do projeto de recriação das autonomias e do projeto identitário de refundação das comunidades. Dentro do marco *memoria mediana*, se encontra a matriz nacional-popular, a partir das experiências populistas e sustentadas pela afirmação da nação, de um estado redistributivo e conciliador, com um líder carismático e massas organizadas. Provém de uma tensão entre o projeto nacionalista revolucionário e o projeto de participação controlada. A matriz da esquerda tradicional partidária também está dentro do marco de *memoria mediana*, e predispõe uma distensão entre as vias revolucionárias e reformistas.

⁴³ Para a construção da Hidrelétrica Teles Pires, na divisa entre os estados do Pará e Mato Grosso, dentro do território do povo Mundurucu, urnas funerárias de antepassados foram retiradas e tomadas pela empresa responsável – que está de posse do material desde de 2014. Agora os restos mortais de familiares se tornam peças de museu, e o local sagrado se desfigura. Cf.: *Hidrelétrica inunda cachoeira sagrada, retira urnas indígenas e gera crise espiritual na Amazônia*. Disponível em: <<https://is.gd/IIwiZB>>. Acesso em: 28 jul. 2017.

Nesse esquema de Svampa, os novos modos de ação política se constituem do marco *memoria corta*, operando em sua matriz a afirmação da autonomia, a horizontalidade e a democracia pelo consenso (p. 8-9). Esse modelo, classificado como provisório pela própria autora, reivindica um marco para entendermos as representações que aqui pretendemos analisar. Destaca-se a ideia de Svampa por trazer sua significação a partir da memória social, que aqui se entende como elemento que funda a experiência de vida, assim como as transformações das vivências (SANTOS, 2003, p. 25). Uma memória que se torna prática e exercício coletivo formando uma composição variável, no qual as mesmas peças formam variadas figuras de sentidos e realizam conexões temporais que carregam uma contraposição ao relato único (CALVEIRO, In: CAETANO, 2006). A formação de uma temporalidade que sedimenta dimensão social e narrativas também salienta, pelo ininterrupto, um espaço de conflito das experiências contemporâneas. O tempo, que segundo Marinalva Barbosa (2017), formulado pela comunicação “que presentificam o passado, construindo-se como produtores de uma história imediata e reconstrutores da integralidade do passado” (p. 22), conserva padrões temporais de história, pensamento, controle e tradição – “o presente sem passado dos deslocados, dos que vivem as múltiplas diásporas sociais e onde não há um futuro, já que o tempo dos projetos nunca esteve aberto para eles” (p. 22). O tempo torna-se narrativa, e controle. E em seu tempo, o jornalismo narrativo fora da temporalidade dominante, demanda a rearticulação do passado, presente e futuro automatizados.

Em vista disso, no fundo desses marcos e matrizes há elementos imaginários e simbólicos que configuram a vida. Pois, na maioria desses grupos é impensável isolar a luta e o cotidiano das escalas pessoais e microsociais, um comportamento que destitui a formalização binária e racionalizada da vida.

A não-linearidade se torna símbolo, porém constitui-se de uma demanda inventiva, em suas formas entre fronteiras ao diluir os processos dominantes gerando comportamentos de uma contranarrativa. O que germina é um rebento identitário, algo similar ao que Walter Mignolo chamou de desobediência epistêmica, mas que provém da resistência do simples fato de existir, e que se torna vocábulo corriqueiro em meio à sobrevivência dentro do que “sobra” e do que “resta” dos sustentáculos desenvolvimentistas e civilizatórios. É nascer na birra, é se criar na teimosia, desafiando os sufocos⁴⁴. É rebento, porque se renova e encerra através de consequências completares em si. Um “acidente” frente aos fatos e possibilidades, no qual a simples constatação da existência se transforma em reação ao abatimento – “Rebento, esse trovão dentro da mata”⁴⁵. A teimosia, que não pode ser confundida com uma visão endurecida da realidade, e sim

⁴⁴ Referência a composição *Gênesis*, de João Bosco e Aldir Blanc. 1977.

⁴⁵ Trechos da música *Rebento*, de Gilberto Gil. 1979.

pela obstinação de ideias e sujeitos. Fonte dos encontros, do reconhecimento, do antagonismo. Ou seja, da resolução frente às sobras e restos fora de qualquer missão civilizatória.

Dessa paragem, na qual nos sentamos para olhar o sujeito político latino-americano, percebemos uma arquitetura instável e difícil de qualificar. Nela encontramos estruturas de aço, cimento e ferro, mas no seu bojo está a sustentação moída no bagaço, barro e couro. Tudo se mescla, se reanima, se reinventa constantemente. Aceitar esse multifacetado lugar é o desafio. Entender que essa *paragem* se mantém como um forte, mas que possuiu acessórios e detalhes internos que são facilmente trocados e reinseridos – sem perder a sua armação. A intempérie pode prolongar a estadia nesse lugar, mas se percebe a necessidade da utilização do plural para falar dos sujeitos políticos de nossa região. Então, se configura um casebre de tempo e desígnio que nos protege e revive, se sustentando no marco da efemeridade e da constância.

As identidades dos sujeitos formam-se agora em processo interétnicos e internacionais, entre fluxos produzidos pelas tecnologias e as corporações multinacionais; intercâmbios financeiros globalizados, repertórios de imagens e informação criados para serem distribuídos a todo o planeta pelas indústrias culturais. Hoje, imaginamos o que significa ser sujeitos não só a partir da cultura em que nascemos mas também de uma enorme variedade de repertórios simbólicos e modelos de comportamento. Podemos cruzá-los e combiná-los. Somos estimulados a fazê-lo com a frequência das nossas viagens, das viagens de familiares e conhecidos, que nos relatam outros modos de vida, e pelos meios de comunicação, que trazem para dentro de casa a diversidade oferecida pelo mundo. Até os indígenas e camponeses migram e reconvertem seu patrimônio grupal e pessoal para ser operários ou comerciantes em outro país, talvez em outra língua ou em várias. Por causa da sua maior liberdade de escolha ou da redução de oportunidades imposta pelas crises econômicas ou políticas, os sujeitos vivem trajetórias variáveis, indecisas, modificadas muitas vezes. (CANCLINI, 2009, p. 201)

Logo, nos interessa assinalar com Néstor García Canclini (2009) que desse marco contraditório da efemeridade e da constância se expande inúmeras outras questões de uma resolução do ser político. Muito longe de indicar um limite, essa constatação da heterogeneidade das afirmativas sócio-político-culturais embasa também um cenário de oscilação e incertezas. Esse hiato identitário abarca um reduto perigoso para os rumos das narrativas⁴⁶ – “A liberdade para ser sujeitos multi e interculturais restringe-se a minorias anônimas que administram os grandes investimentos, projetam os produtos e entretenimentos que serão consumidos” (p. 206). A impessoalidade desses processos, a formação “anônima” de dominação, segundo o autor, resulta na “despersonalização do poder [que] desidentifica também a maioria dos habitantes do planeta”, (p. 206). A preocupação do antropólogo direciona sua crítica às relações e possibilidades da hierarquização das diferenças via

⁴⁶ Um exemplo dessa movediça conjuntura foram as manifestações de 2013 no Brasil, que partiram do Movimento Passe Livre (MPL) – caracterizado por demandas do transporte público – e se tornou um poente para distintas reivindicações (entre elas o impeachment de Dilma Rousseff, investimentos à saúde e educação, combate à corrupção, apoio à operação Lava Jato, etc.). A estrutura sem líderes e apartidária do MPL propiciou, entre outros motivos, a cooptação das narrativas daquele momento social do país.

indústria cultural global, providas principalmente pela convergência comunicacional e tecnológica. O que, de acordo com o autor, “retira da competência dos Estados a gestão de muitos saberes, formas de representação e imaginários sociais” (p. 228). Esse presságio, porém, demonstra ainda a aplicação dos sujeitos numa encruzilhada entre se alojar na evolução dos fatos históricos ou radicalizar suas formações emancipatórias.

Contudo, é necessário corroborar também que esse cenário não ocasiona necessariamente uma *desdiferenciación* social, como explica Maristella Svampa (2000): “*la tendencia pareciera indicar que estas prácticas sociales y culturales están en el origen de nuevas estrategias de distinción (y de discriminación) entre diferentes grupos sociales*” (p. 130). Deste contexto, a visão de Rita Segato (2007) elabora um conceito que sustenta a aplicabilidade desses novos movimentos dos grupos sociais. A ideia de *formaciones nacionales de alteridad* focaliza subjetividades que contemplam, desde a mirada global, suas emergências locais. Lança um entendimento que define um sinal de um sujeito local “pessoal” que desloca seu entendimento a um coletivo de reconhecimentos que estão dispersos, e não constituem uma formação de grupo cultural comum, mas sim revigora a constituição política abarcando pleitos e direitos (p. 28-29). O que planteia Segato é a indicação de reconhecimentos para além da indústria cultural e mercadorias, essas formações colidem para disputar seus direitos partindo de atos de empatia e reconhecimento político. A autora ressalva que essas formações também podem se efetivar por uma matriz nacional, gerando alteridade com bases por distintas narrativas incorporadas pela elite e Estado (p. 29). Conceber um mundo plural e com diferenças aprofundadas ocasiona esse tipo de análise, envolta em aspectos de hesitação e conformidade que se entrelaçam e se deslocam abruptamente. Sendo assim, a participação social não estaria relacionada a um permanente fluxo de mobilização. Singularidades, que Thwaiters Rey (2010) irá considerar para caracterizar a participação, ora alimentada por um “clímax participativo”, e ora composta por uma diluição potencial (p. 18). Motivação versus apatia, empoderamento contra estabilidade, reação versus contradição – aos poucos se entende que o aparato político contemporâneo não é uma via de mão única, e muito menos um simples duelo.

La revolución mundial de las comunicaciones y de las tecnologías de la información; la emergencia consiguiente de un nuevo paradigma tecno-económico, con consecuencias impactantes en el plano de la organización social (desaparición de la clase obrera tradicional, crecimiento exponencial del sector servicios, disminución fuerte de la población que trabaja en agricultura, reformulación radical de los mapas de empresas y mercados, etc.); la emergencia de un nuevo tipo de sociedad red (como señala, entre otros, Manuel Castells), con fórmulas alternativas de vínculos y diferenciación; modificaciones en el campo de lo que concebimos como acción social o iniciativas públicas, muy unidas con la emergencia de nuevas fronteras entre lo público y lo privado; fuertes modificaciones en el plano de la llamada nueva subjetividad y de la vida cotidiana, con procesos de la envergadura de una resignificación profunda de la definición del género, una reestructuración radical de la familia, la relación con el lugar del trabajo en el nuevo

capitalismo; el retorno de Dios (o la revancha de Dios, como dice más explícitamente el siempre polémico Samuel Huntington), impregnando las áreas más diversas de la vida personal o colectiva; entre otros muchos fenómenos que podrían citarse. Todos estos fenómenos y procesos, por cierto, tienen un fuerte impacto en torno a las formas de concebirse y practicarse la vida política. (CAETANO, 2006, p. 255)

As pensadoras e pensadores nos quais se apoia até o momento possuem divergências partindo de um marco teórico e suas projeções. Mas na sua maioria apontam um refluxo derradeiro de um tempo. A atenção, nesses nossos dias, se recai para quem (ou o quê) irá quantificar (ou qualificar) as tramas históricas do fim de uma era. Esse ciclo que se finda, e uma modalidade de transição que se espera, é resultado de crises políticas e econômicas, da resignificação dos discursos silenciados, da ascensão e queda dos governos denominados “progressistas” e de centro-esquerda (SVAMPA, 2010, p. 4), e aplica uma tessitura crítica sobreposta, emaranhada e desafiante. A forma de um mundo multipolar também se relaciona com as renovações dos meios tradicionais.

O perfil desses novos-velhos grupos políticos se mostra impactado pelos novos tempos e discussões, sem necessariamente estar nostálgico ou anexado a políticas neoliberais (2016, p. 43). Incluindo nesse contexto o papel do Estado, que segue como centralidade devido à sua articulação política – seja ela divergente ou não – continuamente encarregada da institucionalização política de suas regras e exercícios governamentais (2010, p. 13). Visto desse modo, se reconhece que as transformações sociais revestidas de reencontros comunitários e subjetivos ainda congregam uma institucionalidade na qual dão “forma às pulsões e aos deslocamentos da cidadania para o âmbito cultural e do plano de representação para o reconhecimento instituinte” (2009, p. 18), frente aos partidos, nacionalismo e instituições estatais. Porque sempre haverá a ameaça da cooptação e “domesticação” das pautas e demandas dos movimentos sociais.

Las identidades nacionales no subsumen todas las otras formas de diferencia dentro de ellas y no son libres del juego de poder, de las divisiones y contradicciones internas, de las lealtades entrecruzadas y de la diferencia. Entonces, cuando consideramos si las identidades nacionales están siendo dislocadas, debemos tener en cuenta la manera en que las culturas nacionales ayudan a “concertar” las diferencias en una sola identidad. (HALL, 2010, p. 387)

Assim sendo, os espaços públicos de disputa estão submetidos a resistências que se chocam com a violência repressiva policial-militar-governamental, ou com a aproximação de governos que defendem a continuidade mediante “corretivos” conservadores (MODONESI, 2007, p. 14), ou ainda o espectro do limite e do findar das suas ações.

Fueron entonces las organizaciones y movimientos sociales los grandes protagonistas de este nuevo ciclo, los que a través de sus luchas y reivindicaciones, aún de la práctica insurreccional, lograron abrir la agenda pública y colocar en ella nuevos problemas: el reclamo frente a la conculcación de los derechos más elementales, la cuestión de los recursos naturales y de las autonomías indígenas, la crisis de representación de los sistemas vigentes, contribuyendo con ello a legitimar otras formas de pensar la política y las relaciones sociales. Así, en las últimas décadas, los movimientos sociales en América Latina se han multiplicado y han extendido su capacidad de representación, esto es, han ampliado enormemente su plataforma discursiva y representativa en relación a la sociedad: movimientos indígenas y campesinos, movimientos urbanos territoriales, movimientos socio-ambientales, movimientos y colectivos glttb, en fin, colectivos culturales, dan cuenta de la presencia de un conjunto de reivindicaciones diferentes, con sus respectivos clivajes identitarios, configurando un campo multiorganizacional extremadamente complejo en sus posibilidades de articulación. Heterogéneos en sus demandas, al igual que en otras latitudes, los movimientos sociales nos transmiten una tendencia a la reafirmación de la diferencia y el llamado al reconocimiento. (SVAMPA, 2010, p. 4-5)

Pensar esses perfis políticos, a partir de sua heterogeneidade e importâncias é entender dos redutos onde também se registram e publicitam: os meios de comunicação. Portanto, conceber uma opinião pública com essa representatividade e participação é abater interesses de empresas midiáticas, como também a despadronização dos elementos textuais, pois segundo Paim (2017) “toda a diversidade dos temas de interesse público precisa ser eliminada para se encaixar em um molde único que é o texto jornalístico padrão” (p. 87). Uma perda enorme para a caracterização dos novos tempos, assim como as identidades, a elaboração estilística textual e compromisso ético-político precisam ser revistos no campo jornalístico. Reconhece-se, juntamente com Maldonado Rivera (2014), que pensar essas relações é prover-se das noções geopolíticas e psicopolíticas de formação, que configuram estratégias contestatórias desse cenário padronizado (p. 187). Reconduzindo a multiplicidade de identidades partindo de seus imaginários, temporalidades e memória social para um campo que pode “*significar una “estetización” de la experiencia cultural mediática, y por eso es clave pensarlas desde lo político como lo inestable y conflictivo de lo social*” (RINCÓN, 2013, p. 8).

Em épocas de fortalecimento de *fake news* e de criação de “robôs” com capacidade de escrita e divulgação se reitera essa despadronização. Empresas como a Syllabs, que se apresenta como analista semântica e de produção de textos automatizados, se tornam uma concepção nova no jornalismo alimentado por *views*, compartilhamentos e cliques. A empresa de origem francesa disponibiliza um serviço de uma “*agencia de redactores robot que transforman sus datos en textos (...) Una vez que los lingüistas han programado un robot, éste es capaz de redactar miles de textos por hora. Además, nuestros robots son políglotas*”⁴⁷. A empresa fornece conteúdo para cinco meios de comunicação da França, incluindo o jornal *Le Monde*, que nas eleições de 2015

⁴⁷ Apresentação disponibilizada pelo site da empresa. Disponível em: <<https://www.syllabs.com/>>. Acesso em: 25 jul. 2017.

produziu notícias locais para 34 mil⁴⁸ municípios franceses – colocando o jornal como o mais visitado no segundo turno das eleições. Já a agência *Press Association*, ganhou investimento do Google para criação de um serviço de notícias feito por computadores que criarão 30 mil notícias locais ao mês⁴⁹. Mesmo que o serviço tenha ainda um “pontapé” que necessita de jornalistas-humanos (sic), esse tipo de serviço de inteligência artificial, ainda mais tendo o grande líder de buscas da internet como financiador, se mostra potencialmente monopolizante. Esse projeto, como o da empresa francesa, possuiu objetivos bem específicos, como aumentar o volume de textos, para crescer a audiência e melhorar o posicionamento nos sites de buscas, resultando em elevação de investimentos de publicidade e influência⁵⁰.

Geralmente, esse sistema *robot* abafa uma discussão que surge espontaneamente na rede. Ora controlados por softwares, ora por humanos, essa ferramenta já se tornou substância do debate midiático e social, e compromete o campo democrático e social, como aponta o estudo *Robôs, redes sociais e política no Brasil*⁵¹. Ainda, devido os algoritmos desse sistema “aprenderem” com a interação, discussão e significados das palavras usadas pela rede “humana”, essa *inteligência artificial* começa a replicar um padrão comportamental machista, sexista e racista⁵².

Essa enxurrada de produção e manipulação, traz consigo a criação de um mercado voltado para a criação de notícias falsas, as *fake news*. Intimamente conexa à elementos de manipulação da opinião pública, que começa a se tornar uma ferramenta de Estados nacionais⁵³ que especializam ministérios e unidades militares para fins de controle da informação. Segundo a reportagem do site Nexos⁵⁴, as eleições presidenciais em 2016 dos Estados Unidos foi, marcadamente, o evento que deu destaque a essa modalidade. A disputa eleitoral trouxe afirmações

⁴⁸ Cf. *Llegan a los medios robots "periodistas" que transforman los datos en textos*. Disponível em: <<https://is.gd/E6fAsg>>. Acesso em: 25 jul. 2017.

⁴⁹ Cf. *¿Una amenaza? Google financia sitio web con robots escritores*. Disponível em: <<https://is.gd/kAYbue>>. Acesso em: 25 jul. 2017.

⁵⁰ A agência Reuters, considerada uma das principais agências de notícias do mundo, realizou o processo inverso aos *robôs-redatores*. Conferiu um algoritmo para monitoramento de comentários no Twitter, e dessa checagem de postagens verídicas e relevantes, produz as notícias. Cf. *Reuters automatiza la identificación de noticias en Twitter*. Disponível em: <<https://is.gd/CauP3F>>. Acesso em: 13 dez. 2017.

⁵¹ O levantamento da Diretoria de Análise de Políticas Públicas da Fundação Getúlio Vargas (FGV/DAPP) analisa a atuação de perfis automatizados nos principais acontecimentos políticos na atualidade brasileira, casos como eleições de 2014, impeachment presidencial em 2015, greve geral e votação da reforma trabalhista em 2017. Disponível em: <<https://is.gd/0i6Ljz>>. Acesso em: 20 ago. 2017.

⁵² Cf.: *Even artificial intelligence can acquire biases against race and gender*. Disponível em: <<https://is.gd/RmZ1x2>>. Acesso em: 15 abr. 2017.

⁵³ Essa, entre outras técnicas de manipulação e controle da informação, via Estados nacionais, são temas do relatório *Troops, Trolls and Troublemakers: A Global Inventory of Organized Social Media Manipulation*. Disponível em: <<https://is.gd/yUXpol>>. Acesso em: 17 jul. 2017

⁵⁴ Informações contidas na reportagem do site Nexos. Cf.: *Como notícias falsas e curtidas artificiais se tornaram um mercado mundial*. Disponível em: <<https://is.gd/kpFAoj>>. Acesso em: 25 de jul. 2017.

sobre o comando de uma rede de prostituição infantil ligada ao casal Clinton, que gerou um atentado em Washington, e a criação de 140 sites pró-Trump que se tornou um negócio que movimentou anúncios via *Google AdSense*. Segundo a mesma reportagem, no Brasil o evento culminante foi o impeachment de Dilma Rousseff, que gerou de cada cinco matérias compartilhadas no Facebook, três contendo conteúdo falso. A reportagem também cita a criação de perfis robôs para movimentações manipuladas da opinião pública. Após a campanha presidencial de 2014, 16 milhões de “perfis robôs” se anexaram a outros grupos de oposição ao governo do Partido dos Trabalhadores (PT) para fazer coro na derrubada da presidenta. Grupos pró-PT possuíam 3 milhões desses perfis.

Esses dois exemplos, de robôs-redatores e de *fake news*⁵⁵, são fenômenos evidenciados que resultaram na aplicação do termo pós-verdade⁵⁶ – eleita a palavra do ano de 2016 pelo dicionário Oxford. Nos dias atuais, a desinformação é elemento influente e os fatos não se sobrepõem às crenças pessoais. Um campo extenso e sinuoso para as práticas políticas de controle. O papel da comunicação é apontar essa concreta desumanização dos elementos produtivos. Não que as práticas tradicionais de criar notícia não sejam automatizadas através de modelos e padrões de escrita, porém é necessário realçar sua importância enquanto ferramenta social de transformação. Uma resolução possível dessa produção robotizada que ameaça a vivência democrática é tornar o espaço do jornalismo narrativo uma alternativa sustentável que possa responder as dúvidas, atravessar opiniões, deslocar o senso comum, e estabelecer outras maneiras de se comunicar.

A exposição desse capítulo buscou estimular uma reflexão frente aos imaginários sociais, das ações do mercado, das práticas de controle, dos perfis políticos, grupos e movimentos sociais, e da memória social. Uma articulação de debates propositivos de distintos teóricos e pensadoras, assim como a incubação de questionamentos que optou-se compartilhar com os leitores apontando escolhas para aprofundamentos. A reflexão também abarcou a compreensão sobre o jornalismo hegemônico, dentro de um comparativo entre os meios de produção, atuação e controle do discurso. Dessa observação pretendeu-se enumerar a formação hegemônica dentro de uma estrutura alicerçada pelo *diário, massivo e corporativo* como formação dominante.

A resolução dessa parte do trabalho se encontra no diálogo possível entre diferentes áreas do conhecimento, assim como a plausível complementação epistêmica dessas conexões. O debate da movimentação, estruturas e poderio político, alicerçado dentro da ação

⁵⁵ Salienta-se que as *fake news* não é uma invenção da “pós-modernidade”, pois a utilização midiática com o intuito de manipulação acompanha a própria história do Jornalismo. Essa concepção somente se reveste de um novo suporte de divulgação, produção e reelaboração mercadológica frente aos processos políticos atuais – no qual, atrelamos a afirmação identitária como um dos elementos de diferenciação nesse contexto.

⁵⁶ Cf. *La postverdad*. Disponível em: <<https://is.gd/ONJbP>>. Acesso em: 25 jul. 2017.

comunicacional, chega ao ponto de convergência que embasou desde o início desse trabalho. Uma formação política delineada de redefinições de territorialidades, cidadania, instituições e relações socioculturais. O constante caminhar entre *paragens* assume agora a forma de análise, no qual no próximo capítulo apresenta-se *crônicas* que traçam a representação política na mirada desses novos cronistas latino-americanos sobre as formações plurais, instáveis e/ou duradouras das práticas políticas da região.

5. FERRAMENTAS DE *MOLER E VIVER* (ONDE HABITA A *CRÓNICA*)

Nessa última *paragem*, depois de caminharmos pelos lugares do aporte teórico, chegamos ao lugar onde habitam as narrativas em que cronistas contemporâneos representam a atualidade política da América Latina. Nesse estágio da pesquisa expõe-se o inter cruzamento de narrativas das *crónicas* indicadas como objeto de estudo, e o conteúdo das leituras teóricas e questionamentos anteriormente propostos. Nesse capítulo pretende-se responder a pergunta-problema: como ocorrem as representações políticas das figuras de poder na América Latina pelo jornalismo narrativo?

Nesta etapa, através do *corpus* de análise, adotou-se a seleção de duas *crónicas* e/ou reportagens de cada revista selecionada, totalizando dez trabalhos jornalísticos da primeira década dos anos 2000. A palavra-chave “política” direcionou a pesquisa em cada revista, resultando uma seleção que levasse em conta *figuras de poder tradicionais* (configuradas como tradicionais por meio e a partir da legitimação do Estado-nação – como representantes governamentais e partidários, do poder jurídico, representantes religiosos, etc.) e *outras figuras de poder* (contrastantes pelo modelo e o fazer político – como líderes feministas, indígenas e quilombolas, grupos sociais, coletivos, etc.).

A *palavra-política* na posição de sua mediação, discutida no capítulo inicial dessa dissertação, estabelece o ponto de (des)equilíbrio dessa análise. Pois é através do seu movimento e constituição, na forma de discursos ambíguos, de desconexão de sua força pública e enraizamento multifocal, que adensa-se o caráter identitário embasado nas duas dimensões alicerçadas pelas figuras de poder. Dessa dicotomia disfarçada, o que se apresenta é uma variação enorme entre essas duas forças que se mostram como conflito, fonte e união de uma configuração política da região. Portanto, a *palavra-política* é o prumo da casa que reivindica sustentação. A palavra, relembramos, como mediação sociocultural acrescenta a criação de imagens “*empalavradas*”, como propõe Albert Chillón (1998), para um contexto histórico-político e dinamizado pelo jornalismo narrativo. Assim, ao tentar entender a América Latina passamos pela complexificação dos processos de mediação comunicacional e de poder. E funde na necessidade de formação a intensidade dos modos de usar a *palavra-política* como detentora da redação de histórias silenciadas, pluralizando vozes e inter cruzando uma palavra cuidadora na concepção de outra narrativa social e histórica. Reafirmamos a importância inicial desse debate, partindo da representação da palavra, pois nela se transparece a força narrativa. É nela que compreendemos o enlace social entre o discurso e atemporalidade, que geram elementos político-poéticos que alargam os campos identitários. Ao conceber os *dueños de la letra* entende-se quem está fora do campo de ação, ou melhor, o ponto de

(des)equilíbrio que engendra hierarquias e controle. Portanto, discutir a palavra (dentro e fora da análise) é alçar modos de representação formados por ação política, oralidade, força poética e vivência. A *outra* história da palavra trata-se do que denominamos de *palavra-política*.

Para análise resolveu-se adotar uma metodologia sobre quesitos temáticos que envolvem o termo “política”. Essa opção temática favorece a configuração de uma “unidade de significação” (BARDIN, 2008, p. 131). Para Laurence Bardin, essa configuração estabelece núcleos de sentidos sobre os objetivos do texto. Esses núcleos se estruturam, nesse estudo, para ir ao encontro de uma teorização que possuiu como método a pesquisa qualitativa-descritiva, no qual será utilizado o procedimento de estudo de caso. Irene Vasilachis de Gialdino (2006) afirma que a investigação qualitativa se aplica em formas que experimentam e compreendem o mundo em meios de contexto e processos sociais, e da experiência dos relatos; sendo uma investigação que se mostra indutiva, interpretativa, multimetódica e reflexiva com métodos e análises flexíveis e sensíveis ao contexto social. A autora insere essas características ao estudo qualitativo, pois elas teriam como finalidade resultar uma investigação que busca o “novo” e dá uma compreensão de casos particulares para a formação de perspectivas sobre o que se conhece, descreve, explica, elucida, constrói e descobre (p. 4). A investigação qualitativa, para a autora e pelo qual se adota nesse trabalho, se interessa pela vida das pessoas, por suas perspectivas subjetivas, por suas histórias, comportamentos, experiências, interações e ações, e é frequentemente utilizada para estudos que relacionam organizações, instituições, movimentos sociais, transformações estruturais, entre outros (p. 7). Aplica-se o método qualitativo-descritivo por conjugar um estudo de caso com uma interpretação crítica que está anexada em análises de discurso e de conteúdo dentro de nosso *corpus* de análise.

Logo, os procedimentos técnicos utilizados serão o estudo de caso, com procedimento de análise comparativo e crítico do material de pesquisa para sustentar as reflexões e críticas resultantes do objeto. Esses elementos metodológicos do “artesanato intelectual”⁵⁷ expõe uma preocupação em ressignificar a trilha da investigação. Propondo uma leitura interdisciplinar, constantemente vinculada aos processos práticos de experiência e prática. Por isso, nossa leitura já circulou *paragens*, aparentemente, distantes umas das outras, mas de grande conexão. Conceitos de diversos campos que foram assumidos para ampliar o campo de visão desse território narrativo.

No entre-lugar da formação dessa pesquisa, o *pensar epistêmico* coloca-se como sentido que involucra problemas constituídos de observação, aprofundado por realidades e

⁵⁷ Termo cunhado pelo sociólogo Wright Mills. Cf.: MILLS, C. W. *Sobre o Artesanato Intelectual e outros ensaios*. Rio de Janeiro: Zahar, 2009.

potencialidades que tradicionalmente se ocultam e que, nesse momento, se tornam essenciais na exposição da encruzilhada do conhecimento. Abrir a forma de construção do conhecimento passa pelas opções narrativas da própria escrita acadêmica (seu formato, gênero e linguagem), e pela interação imediata de uma metodologia e aplicabilidade que se apresente coerente com a(s) realidade(s) de pensamentos e conhecimentos que começam ganhar vez na produção acadêmica. Leva-se em consideração essa potencialidade epistêmica, pois onde se engendra a Ciência se realoca a vivência do conhecimento, tendo na escolha de procedimentos maleáveis e adaptativos aos paradigmas que se pretende discutir. Intencionalmente inacabado, desajustado e potencialmente incompleto são quesitos relevantes na escrita desse trabalho. Por exemplo, quando o sociólogo Hugo Zemelman (2005) fala em “desajuste” entre a teoria e a realidade. É precisamente essa reconfiguração e ajuste que se objetiva no marco epistêmico desse trabalho – *“Al no tener conciencia que se está dando un desajuste entre la teoría y la realidad que se pretende denotar, resulta que estamos inventando realidades.”* (p. 2). Todavia, a leitura dessas realidades podem inserir ressignificações baseadas em espectros multidimensionais (e convergentes), como a leitura de subjetivação política. Ter como horizonte a contribuição dessa perspectiva, enquanto meio e forma de método, é precaver-se de distanciamentos entre sujeito, identidade e subjetividade: *“Sujeto y subjetividad se referen más a un estado del ser, a un momento estable con permanencia en el tiempo, mientras que subjetivación hace relación a un proceso, a un movimiento incesante.”* (ECHANDÍA, 2013, p. 16). Tais movimentos refletem na formação metodológica que alicerça a nossa argumentação de identificar, pensar e projetar as formas de se *fazer* política. O ato político da investigação, portanto, embasado na sua dinâmica, atualiza resistências minoritárias que indicam transformações e quebras de ordenamentos e configurações institucionalizadas (p. 24). Essa constatação problematiza o marco de um dos dilemas da Ciência Social, em que se faz necessário observar as constantes e móveis realidades – diversa nas suas composições e práticas, no qual estudos e pesquisas precisam levar em consideração, sem se isolar na sua prosa.

O conjunto temático dos trabalhos selecionados, e seus meandros autorais, pretendem-se diversificado na representatividade do jornalismo narrativo na América Latina. Portanto, está radicada nas especificidades de interpretação de um marco teórico em contínuo desenvolvimento, e em constante modificação dentro da comunicação digital, do jornalismo textual e das representações identitárias. Marcos que buscam significados no ponto nuclear do contemporâneo.

Como já foi assinalado, para análise dos textos se mantém a divisão de dois grandes grupos, assim como foi na escolha do *corpus*, que são: *Figuras de poder tradicional*, e *Outras figuras de poder*. No qual, os seguintes itens serão base para as discussões: 1) Discurso/Enunciados ("quem fala" – entrevistados com citações diretas no texto); 2) Tema e

contextualização; 3) Posicionamento da/do cronista (o "eu" identificado, ou não, no texto); 4) Perfis políticos (quais são identificados e como se caracterizam); 5) Exposição de vozes oponentes e/ou componentes 6) Metáforas e Imagens (“como fala” – o narrador e os significados políticos e estéticos). E informações secundárias complementam a exposição ao responder sobre: a) Marco geográfico (de onde é o cronista, e qual lugar ele/ela retrata); b) Tipos de fontes de informação.

Nas próximas páginas as *crônicas* são dispostas conjuntamente, divididas nos dois referentes temáticos, cada um com cinco trabalhos. Essa escolha costura o diálogo e intervenção entre cronistas, contextos e interpretação das análises.

5.1. FIGURAS DE PODER TRADICIONAL

Conforme relatado, as *Figuras de poder tradicional* representam nessa pesquisa as formações que se legitimam a partir do Estado-nação. A tentativa de conceituar o Estado-nação passa por distintos conceitos conflitantes e complementares, como o que afirma o Estado-nação como resultado da efetivação da economia capitalista e das classes sociais que serão protagonistas nos embates contemporâneos, sendo representada pela unidade político-territorial composta pela nação, estado e território (BRESSER-PEREIRA, 2008, p. 2-3). Ou ainda, como elemento central na execução da livre circulação do capital internacional, que gera consequências em diferentes âmbitos no chamado “capitalismo tardio” (MACHADO, 2004). Como também a interpretação que o insere como noção-ideológica, interpretativa e movediça pelas necessidades e o contexto do Estado – “atravessada por processos de integração e dissociação, desenvolvimento e distorção, acomodação e fragmentação.” (IANNI, 1999, p. 133). Entendimentos que se mesclam na relação discutida no início desse trabalho sobre a “comunidade imaginada” proposta por Benedict Anderson, e que agora, complementarmente visualiza-se no questionamento da produção homogênea do *ser nacional* levantado por Homi Bhabha (1998): “a unidade política da nação consiste em um deslocamento contínuo da ansiedade do espaço moderno irremediavelmente plural” (p. 211). As representações se perdem entre signos e significados, que dinamizam as tentativas de manutenção do homogêneo, do unitário e da verticalidade estatal – “A nação revela, em sua representação ambivalente e vacilante, uma etnografia de sua própria afirmação de ser a norma da contemporaneidade social” (p. 212). Essas indicações não eliminam a concepção que entende a formação tradicional do poder dentro do contato colonial. Na verdade, essa escolha salienta a conjunção dinâmica do controle e do poder, com ações em constantes movimentos frente a sua renovação e atualidade, sem perder seu epicentro.

A visão sobre o Estado-nação, nesse trabalho, também está acompanhada pela avaliação de Bobbio, Matteucci e Pasquino (1998), ao listar a formação da burocracia estatal, o recrutamento de um exército e de uma polícia leal, junto à unificação de mercados, moedas e infraestruturas de comunicação, que anexada à aceitação comunitária de leis emanadas pelo Estado, resolvem a crise de identidade e legitimidade de autoridades em dois movimentos: “de um lado, e numa dimensão vertical, às relações dos cidadãos com as autoridades e, do outro lado, e numa dimensão horizontal, às relações entre os vários grupos sociais, econômicos, religiosos, étnicos e regionais” (p.769). Dessa resolução, concluiu os autores, resulta a formação do Estado-nação – fusão que dinamiza o poder político com a formulação ideológica de nação. Uma ideia que implica a crítica de Aníbal Quijano (2014), ao salientar a posição do Estado-nação moderno como um espaço que mantém um padrão exploração-dominação-discriminação com eixos estruturais de um lugar particular e estável (p. 617). A crítica de Quijano mescla-se com relações intersubjetivas de uma “identidade nacional”.

Portanto, retoma-se Benedict Anderson (2013), pois, a concepção de nação passa pela via da *palavra-política*. De uma correlação entre nacionalismo e sua função moderadora, complemento cultural que cria a empatia fidelizadora daquele lugar de pertencimento em particular. Por isso, o historiador lança uma definição sobre a Nação como uma “comunidade política imaginada como inerente limitada e soberana” (p. 23). E essa concepção, se torna própria para essa dissertação, porque essa cronologia do fenômeno político é acompanhada intimamente pela criação e pró-ação da imprensa. O papel jornalístico nessa formatação imaginada, cultural e discursiva, é quem garante a “simultaneidade sólida e constante ao longo do tempo” (p. 104). Os primeiros folhetins, jornais, informativos e gazetas narravam sobre personagens e um sistema hierárquico que, posteriormente, movimentaria uma completude simbólica aos seus compatriotas. No entanto, visto que o cenário instável de protagonismo do modelo Estado-nação provenientes da unidade de território e soberania, indicada por alguns autores, subverte-se na aplicabilidade eficiente (e subserviente) a uma hegemonia opressora e reguladora. Uma aplicabilidade que responde a um poder global que emana centralidade no funcionamento do sistema-mundo.

Para Maldonado Rivera (2014) é necessário, portanto, o reconhecimento dessa dimensão geopolítica que reproduz um panorama matizado pelo neocolonialismo e a soberania interna dos Estados (p. 150). Formas de revitalização dos espaços de controle. Deste modo, as análises propostas e trabalhos escolhidos versam com os elementos de dominação, controle e hierarquia que estão em mutação, criando uma conexão entre velhos e novos elementos que se constituem e reformulam o *poder tradicional*. Nesse momento, se aprofunda essas relações e tenta-se caracterizar suas principais figuras.

5.1.1. Mídia e religião

Elementos de atualização e revigoração do *poder tradicional* são detectados na primeira *crónica* selecionada da revista peruana Etiqueta Negra. O texto *El pastor electrónico como estrella de TV*, de autoria de Camila Moraes, foi publicada em 2011. E de forma retórica inicia com uma pergunta aos leitores: *¿Por qué la televisión evangelista es más divertida que ir a misa los domingos?*. As palavras-chave para o entendimento do texto circulam entre comunicação e religião. A relação entre religião e midiaticização é tema da *crónica* que focaliza a ascensão popular das igrejas evangélicas, mas reflete também sobre os movimentos equivalentes de distintas congregações, independente do evangelho que sigam. Pedro Gilberto Gomes (2008) é pesquisador na relação comunicação e catolicismo e já referendou o mesmo processo dentro da religião, indicando a comunicação como uma “solução” para as demandas atuais: “O importante não são os meios, mas a transmissão da mensagem” (p.19). Ação que realiza mediação, concentra, e populariza a “mensagem”, faz o Papa tornar-se tuiteiro, e ocasiona declarações como do bispo Paul Tighe sobre seu *Ipad*: “Virou minha televisão, meu rádio, meu despertador, mas, sobretudo minha Bíblia”⁵⁸. No texto de Moraes, a dinâmica da comunicação, e principalmente a construção de figuras legítimas de confiança e admiração inicia dessa forma:

Como un astro de la música pop em un concierto, un pastor entona una canción desde el escenario, invitando a la audiencia a seguir los versos que canta al ritmo de un orquesta. La letra se exhibe em pantallas de televisión esparcidas en el lugar. Todos lo hacen, unos más tímidos y otros tan cómodos como si estuvieran en un karaoke. Pero lo más curioso es que ni una sola persona parece hacer caso de un inmenso monstruo negro que lleva una videocámara a los rincones más alejados del salón mientras cientos de personas cantan. (MORAES, 2011, p. 76)

O texto de Camila Moraes percorre a popularização da Igreja Evangélica em países latino-americanos. Para isso, ela escolhe o pastor R.R. Soares como personagem para destacar a influência e os meios de persuasão escolhidos pela doutrina – intimamente ligado aos efeitos televisivos. A jornalista produz um perfil que perpassa o histórico pessoal do pastor, da criação de sua igreja, os dispositivos publicitários utilizados, as características de seus seguidores e a revelação de cultos e depoimentos.

A junção de elementos da cultura *pop* e a produção visual como pretexto religioso é fundo de ação da Igreja Internacional da Graça de Deus. Instituição fundada pelo pastor R.R.

⁵⁸ O bispo é secretário-adjunto do Conselho de Cultura do Vaticano, e deu a declaração em entrevista ao El País. Cf. Paul Tighe, *o homem que transformou o Papa em tuiteiro*. Disponível em: <<https://is.gd/kV63nz>>. Acesso em 17 set. 2017.

Soares, personagem principal do texto – o maior astro (sic) das transmissões televisionadas que se espalham pela América Latina como um produto enlatado brasileiro. A *crónica* centra sua representação na interpretação direta da jornalista, quase sem falas, entrevistas ou citações. A reportagem traz constantes ambientações das igrejas, cultos e pessoas que frequentam o “estúdio-igreja-show”. A jornalista opta pelo termo *teleevangelistas* para descrever o desempenho que o pastor realiza nos cultos sobre seus assistentes: “*Están atentos, concentrados y son guiados por un líder que se esfuerza por atender e divertir a su público. Nadie carece de convicción. Es el encuentro perfecto de la necesidad con la ‘solución’*” (p. 76). A formação, escolhida pela autora, que conjuga o elemento de composição “tele” à terminologia que define o sacerdote que detêm o controle da cerimônia e ação doutrinadora, revela uma tradição sendo renovada. A noção de “tele” como controle e distância e a efetividade da *palavra-política*, sendo retransmitida via televisão, preconizou a *boa nova* da renovação de líderes religiosos através da mídia. Essas primeiras características performatizam o *sujeto metafórico* do texto, alicerçado na condução do diálogo e compreensão de tempos distintos. Ao mesmo tempo colocando-se como sujeito-mediador entre as tramas culturais e políticas: “*Bajo las ropas elegantes están los más distintos orígenes y las más complicadas historias de vida, pero se trata de un día especial, y el traje traduce la única exigencia de la ocasión: querer ser mejor de lo que se es.*” (p. 79). A popularização de pastores, assim como sua atuação e defesa de mensagens conservadoras, fez com que os *teleevangelistas* tornassem temas de programas popularescos, personagens tidos como modelos de ascensão com um engenho de fama e *status*, enfim, um “líder” como ponte desse encontro midiático-religioso. Conecta-se a produção de milagres, os transes, as pontes emocionais, as palavras de sabedoria, que refletem no texto – de formato rápido, com frases curtas e diretas – de como ser um *bom pastor*:

Un buen pastor sabe poner la retórica antes que sus conocimientos religiosos, lo que no significa que no los tenga o que no los pueda dispensar. Nada se dice sin hacer referencial al Señor, a su sabiduría y a su amor infinito por los pecadores allí presentes. Testimonios personales, de los que generan la ilusión de cercanía y hasta de intimidad entre amigos, se mezclan con términos respetuosos, elegidos con cuidado. Una cita bíblica aparece de vez en cuando, en un esfuerzo por demostrar que lo dicho está documentado. Esta fría mañana de invierno de 2011, el showman es R.R. Soares, uno de los pastores más famosos de la televisión brasileña. (MORAES, 2011, p. 76).

Para a jornalista é essa união que configura de forma paralela e ambígua – mas nunca inconsciente – o pastor em *showman*. É essa figura, retratada como líder, como a voz que sobressai que é apresentada de maneira atualizada uma *figura tradicional de poder*. O pastor “*más famoso de la televisión brasileña*” possuiu um histórico que, no qual, desde 1958 trabalha para a constituição de sua *imagem e semelhança* nos televisores brasileiros, e que agora vem ganhando força em outros países na América Latina – como Peru e Argentina. O *pastor electrónico* que

estudou medicina na Rússia e fundou a sua primeira igreja com seu cunhado Edir Macedo⁵⁹, possuía na época mais de três mil igrejas no Brasil e quarenta outras em países vizinhos. A ascensão do missionário está intimamente vinculada ao seu estilo comunicativo no programa Show da Fé, aos passos de “investimentos” de seus seguidores e a proliferação da sua marca na imprensa especializada em editora de livros, produtoras de cinema e música, e nas mensagens via internet que aumentam sua influência. A necessidade da democratização da comunicação é evidente nesse caso, no qual a concentração de concessões públicas e atividades midiáticas, alinhadas aos dividendos públicos de isenções fiscais transformam a máquina da igreja num reduto de discurso centralizador e antidemocrático. Conforme assinalado no capítulo Narrar o Poder, apontou-se para a necessidade da promoção da cidadania midiática, pois a ascensão de sujeitos e forças políticas estão intimamente ligadas às formas de comunicar, entender e de se reconhecer como sociedade.

De forma, contextual a *crónica* apresenta o ambiente que propiciou a ascensão do pastor. Por intermédio da ditadura militar nos anos 1970, houve uma abertura para igrejas evangélicas conectas ao modelo norte-americano. Uma necessidade que conjugava o crescimento industrial e o capital estrangeiro. Uma disputa de narrativa, pois na época a Teologia da Libertação⁶⁰ ganhava os primeiros laços de identificação. A constante e permanente voz da narradora apresenta um trabalho que entoia orações, sermão e sensações pessoais da sua presença, algo que ela nomeia como “*una experiencia intimidante en términos religiosos*” (p.79). A narradora assume sua função mediadora, conforme visualizamos com Barbero (2011) e Orozco Gomez (2002), ao momento que instiga o leitor – “*Los que no creen en milagros sólo necesitan ver más televisión*” (p. 76) –, que permite a crítica geopolítica da região – “*al país que poco a poco deja de ser conocido solo como tierra del fútbol para convertirse en productor líder de sermones inspiradores pero también, algunas veces, de modelos de estafas en nombre del Señor*” (p. 78) –, alicerçando não somente a crítica, mas a sua compatibilidade para o entendimento pessoal do que é retratado – “*Para ellos, que acaban de experimentar la cura, el show, la catarses, hay una promesa: las cosas están a punto de cambiar. Mañana podrán ser patrocinadores.*” (p. 79). São essas miradas pessoais, íntimas e intransferíveis que fazem do olhar cronista algo que nos ajuda a levantar as crises representativas e as crenças (religiosas ou não) que se assumem nesse novo tempo.

⁵⁹ Atualmente, depois da associação com de R.R. Soares, Macedo criou a Igreja Universal e controla a segunda maior rede televisiva do país – a Rede Record.

⁶⁰ Segundo Enrique Dussel, a Teologia da Libertação é um movimento eclesial resultante da leitura do evangelho a partir de noções políticas e sociais. Ação que promoveu uma crítica às estruturas católicas, e obteve uma forte reação do Vaticano. No contexto da América Latina, o movimento reuniu intelectuais de distintas áreas e exerceu influência nos debates, principalmente, entre os anos de 1960 e 1970. Além do próprio Dussel, destacam-se os nomes de Gustavo Gutiérrez, Leonardo Boff, Juan Luis Segundo, Frei Betto e Jon Sobrino. Cf.: DUSSEL, Enrique. Teologia da Libertação. Vozes: Petrópolis. 1995.

Después de una hora, el encuentro termina. La gente se ve satisfecha y relajada. Saliendo del recinto, tal vez se asomen otra vez los miedos y las frustraciones del mundo real. Pero no tienen que esperar a volver a venir para experimentar lo que acaba de suceder aquí. Para eso en casa podrán sintonizar el *show*. (MORAES, 2011, p. 79)

O que se lê são núcleos narrativos que contam vivência e experimento físico na concepção dos jogos culturais e sociais. Moraes estabelece sua visão, contida pelo movimento poético e de sua trama ao *sujeto metafórico* de tempos e metamorfoses ao “novo olhar”. Condensa como relato, conforme Rossana Reguillo (In: FALBO, 2007, p. 42), a irredutibilidade da ambígua e complexa vida social. Presente no texto, não se esconde, e nos diálogos possíveis entre a ambientação física da experiência, diluída pelo show da TV, confere o poder do discurso.

En la grabación em vivo de un culto, se siente em la piel el contenido de un eslogan en apariencia sencillo, pero tan eficaz como el principio activo de una droga poderosa. ‘Pare de sufrir’ es la marca del cuñado de R.R. Soares, en la Iglesia Universal, pero también es una fórmula en la que otros cultos evangélicos se inspiraron para lograr una manera clara y precisa de transmitir su especialidad. Es un imperativo al estilo publicitario. A todos nos sirve: queremos y necesitamos dejar de sufrir. Los compramos. (MORAES, 2011, p. 78).

A fonte do discurso dessa ação midiática da fé é quase como a *premonição* de Walter Benjamin (2003) sobre o cinema quando afirmou a sua capacidade de “ser melhorada”. Em *A obra de arte na época de sua reprodutibilidade técnica* se associa a independência da reprodução técnica, o desenvolvimento de algo “original”, com uma recepção facilitada: “*La catedral abandona su sitio para ser recibida em el estudio de um amante del arte*” (p. 43). Para Benjamin, a arte enquanto cinema está intimamente ligada à sua reprodutibilidade; ação que R.R. Soares comprova através da televisão, enquanto religião. Aura, fé, ação! Será que Benjamin diria aleluia em frente ao televisor?

Estamos em un estudio, pero el objetivo es orar. Bajo el mando de Soares, que luego transmitirá la batuta a un colega, se inicia con una invitación a expulsar las tentaciones y los demonios interiores. Al ritmo creciente del sermón del pastor, todos los que antes tenían los ojos abiertos y puestos sobre el escenario ahora lso cierran para concentrarse en un automurmullo que, poco a poco, se transforma en una nube sonora y penetrante que estalla en un grito que nos despierta a todos del trance. Hay una cura, determina el pastor. En nombre de Jesús desaparecen los dolores: los que no se podían mover se agachan, se levantan y empiezan a brincar. Se comprueba el efecto de la sanación con los testimonios que los asistentes de producción solicitan a la audiencia con sus micrófonos en mano. Todo sucede muy deprisa. De repente, por los tres pasillos del salón surge un treintena de personas alzando terminales de tarjetas de débito y crédito. Se aceptan Visa, Mastercard y otras. Los feligreses atienden al llamado del pastor, que recuerda que la obra del Señor debe continuarse. (MORAES, 2011, p. 79)

Nesse trecho, uma tradução resumida de uma modernidade capitular. A sua agilidade e fruição, ao introduzir a destituição da aura (nesse caso, da fé) através de um ritmo acelerado de cooptação discursiva. A “reprodutibilidade técnica” da religião torna o poderio de alcance sedimentado nas mesmas relações políticas tradicionais. A ferramenta comunicacional como reprodução que induz a popularização, no qual a autenticidade dos atos (nesse caso, religiosos) detém a verdade em sua transformação como evento atualizado no televisor. Nesse momento, o *pastor eletrônico* se reafirma como definidor ao se aliar a partidos políticos, e outras esferas de poder e controle. O estado laico, composição teórica de muitas nações democráticas, possuiu uma relação intensa na configuração partidária de muitos países latino-americanos. Porém, a atuação de organizações religiosas na política, assim como apoio ou criação de partidos tem como marco no século XX a eleição democrática do ex-sacerdote Jean Bertrand Aristide⁶¹ como presidente do Haiti em 1991. O contexto de crise de representação conformaria a ascensão de líderes religiosos com pleitos legitimados pelo voto. Casos como o do Brasil explicam esse poderio, em 2017 a Frente Parlamentar Evangélica é composta por 198 deputados e quatro senadores. Assim, mídia e religião são as nossas primeiras *figuras de poder tradicional* encabeçando uma forma renovadora de bases conservadoras sobre o domínio e o controle. A *crônica* destacada revela um exemplo de atuação dos *televangelistas* que transformam o púlpito de seus cultos em plataformas em direção ao congresso.

5.1.2. Exército e partidos políticos

A voz do pastor eletrônico, transformado em político, aliando-se aos mecanismos da governabilidade e do militarismo. Um encontro potente, como a força da morte. Na edição 46, a revista Piauí publica a reportagem *O exército, o político, o morro e a morte*, de autoria de Cristina Tardáguila. É uma revisão do caso ocorrido em 2008 sobre a ocupação militar do morro da Providência no Rio de Janeiro, devido um projeto político-partidário, e que ocasionou a morte de três jovens da comunidade.

Através do conceito biopolítica, de Michel Foucault, podemos entender o que é narrado nessa reportagem de 2010. Esse conceito entende a função de controle da vida como tomada de poder perante aos sujeitos, uma ação que o Estado (o Poder) irá escolher quem pode viver listando possibilidades e direitos. Agindo, principalmente, na criação de divisões, agrupamentos e subdivisões, de suporte biológico, apoiados no racismo. Para Foucault (2010), a

⁶¹ Informação coletada pela coleção *Religión, política y cultura en América Latina* (2012), organizada por Cristian Parker G. e editada pela Universidad de Santiago de Chile. Disponível em: <<https://is.gd/dor90L>>. Acesso em: 20 out. 2017.

partir da segunda metade do século XVIII se inicia⁶² as ações da biopolítica (p. 204). Dessa “nova tecnologia de poder” (p. 206), a noção de população é emblemática por ser vista pela biopolítica como um problema político, e conjuntamente científico, biológico e do próprio poder. Em 2007, o senador Marcelo Crivella – pastor da Igreja Universal do Reino de Deus – possuía uma solução para esse problema.

Crivella pediu a palavra. Tirou da pasta uma fotografia do morro da Providência alterada por Photoshop. Nela, via-se a favela com barracos decadentes ao lado de casas remodeladas, com fachadas refeitas e telhados novos. “Presidente”, disse o senador, “a Providência pode ficar assim.” Crivella vendia diretamente ao governo federal o diamante de sua próxima campanha eleitoral: o projeto Cimento Social. A proposta previa a recuperação de 782 casas da favela. Tetos e janelas seriam trocados e paredes, repintadas. Os barracos seriam revestidos com placas pré-moldadas de 1 centímetro de espessura feitas com uma argamassa patenteada pela Universidade de São Paulo que duraria “mil anos”. Pelo projeto, as novas estruturas resistiriam “ao impacto de balas de até 7,5 milímetros de calibre, a uma distância mínima de 20 metros”. Também se previa a implantação de um sistema de esgoto, a instalação de centros comunitários, creches, postes de iluminação e a criação de um sistema de proteção para a rede elétrica e telefônica. Por último, a área seria reflorestada. (TARDÁGUILLA, 2010, p. 6)

O relato sobre a reunião do senador do Partido Republicano Brasileiro (PRB), com o então presidente Luís Inácio Lula da Silva, fazia parte de uma solução não mais contida na biopolítica, mas no entendimento da efetividade de outro conceito, a *necropolítica*. A ideia foi formulada pelo pesquisador, professor de História e Ciências Políticas, Achille Mbembe (2016). O conceito cria uma revisão do conceito biopoder do filósofo francês, que de acordo com Mbembe se tornou insuficiente para os movimentos contemporâneos de “subjugação da vida ao poder da morte” (p.146). A ideia do pesquisador camaronês é que os novos contextos de ocupações coloniais tardo-modernas implementam a destruição e o terror como alicerces de uma sociedade submetida ao status de “mortos-vivos”, que ocasiona um descarte massivo. A biopolítica de Foucault privilegia a vida, a necropolítica de Mbembe reflete sobre a condição da morte.

Em 2008, David Florêncio (24 anos), Wellington Gonzaga (19 anos) e Marcos Paulo Campos (17 anos) foram abordados por um grupo de militares que ocupavam o morro da Providência. A ocupação militar fora autorizada no encontro, onde o pastor Crivella – hoje prefeito da capital fluminense – apresentou o projeto Cimento Social.

Às 8 horas, o tenente Vinícius Ghidetti chegou à base militar do Santo Cristo trazendo consigo os três jovens. Ali, encontrou-se com o capitão Laerte Ferrari, a quem relatou o

⁶² Rememoramos que no contexto da América Latina, Enrique Dussel propõe que a chegada de Colombo em 1492 cria o *mito da modernidade* que justificaria a violência e genocídio, servindo ao discurso “civilizatório” eurocêntrico.

ocorrido. Ghidetti sugeriu a seu superior que enquadrasse os rapazes por crime de desacato a autoridade. O capitão Ferrari mandou o tenente ignorar o episódio e soltar os jovens. Ghidetti bateu continência sem disfarçar a contrariedade. Naquele momento, lembrou-se do que lera no documento confidencial elaborado pelo Exército durante o período de planejamento da operação na Providência. “Nenhuma fração da Força Terrestre pode ser derrotada e o Exército Brasileiro não pode ser desmoralizado.” Meses depois, Ghidetti explicou a razão pela qual decidira não acatar a ordem do seu superior. Livrar os jovens de uma repreensão que lhe parecia merecida poderia afetar o moral e o prestígio da tropa junto aos moradores da favela. Foi assim que, segundo afirmou em juízo, decidiu que David, Wellington e Marcos Paulo mereciam uma lição. (TARDÁGUILLA, 2010, p. 3)

A “lição” pensada pelo tenente foi levar os jovens para outro morro controlado por um grupo criminoso rival. A jornalista utiliza-se de distintas vozes, como a do senador, da avó e mãe das vítimas, notícias da época, dos militares envolvidos e de moradores para estruturar uma investigação *linkando* ilegalidades e violências. Central nos acontecimentos e ações militares como essa, o racismo se exacerbava sobre os corpos dos moradores. A “perigosidade” e a ameaça referente ao corpo negro torna-o simbolismo do mal ao inconsciente coletivo ocidental e branco, como classificou Frantz Fanon (2008). São esses corpos que a violência policial mata por dia 63 jovens negros, segundo a Comissão Parlamentar de Inquérito (CPI) sobre Assassinato de Jovens (2016). Os dados recolhidos demonstram que os homicídios resultantes da ação policial, e por consequência do Estado, também possuem elevado índice de investigações arquivadas⁶³. Corrupção e uso da máquina estatal em decorrência, e a favor do racismo. Leituras como de Lélia Gonzales (1984) compreendem o racismo como “a sintomática que caracteriza a neurose cultural brasileira” (p. 224) – a autora complementa essa conformação anexando-o ao sexismo. Ao mesmo tempo, visualiza-se esse racismo instrumental fundando o direito de viver e os modos de morrer. Conduz um olhar sociorracial que reage em opressão contínua na sua existência.

Nas sociedades atuais, os recursos vitais se definem em grande medida em termos de acesso: à educação, aos serviços públicos, aos serviços sociais, ao poder político, ao capital de financiamento, às oportunidades de emprego, às estruturas de lazer, e até ao direito de ser tratado equitativamente pelos tribunais de justiça e as forças incumbidas da manutenção da paz. O racismo veda o acesso a tudo isso, limitando para alguns, segundo seu fenótipo, as vantagens, benefícios e liberdades que a sociedade outorga livremente a outros, também em função de seu fenótipo. A função básica do racismo é de blindar os privilégios do segmento hegemônico da sociedade, cuja dominância se expressa por meio de um *continuum* de características fenotípicas, ao tempo que fragiliza, fraciona e torna impotente o segmento subalternizado. (MOORE, 2007 p. 284)

Carlos Moore acrescenta em nosso diálogo a importância da confrontação e as maneiras de denúncia dentro da sociedade racista. O caso da morte dos jovens abordados devido a

⁶³ Cf.: *CPI do Assassinato de Jovens apresenta relatório final*. 2016. Disponível em: <<https://vrr.im/89eb>>. Acesso em: 14 jan. 2018.

suspeita dos militares, e encontrados mortos no aterro sanitário de Gramacho é mais um exemplo no qual “em torno do corpo reina uma atmosfera densa de incertezas” (FANON, 2008, p. 104). Desses corpos as manchetes da época detiveram-se na oposição⁶⁴ entre moradores e militares, não observando o contexto político. O tempo é fator determinante em produções como essa, e destaca-se a preparação como fator diferencial para a narrativa. Desse trabalho de contextualização Tardáguilla revela efeitos eleitoreiros, pensa modelos militares desde Grécia e Roma antiga, estabelece parâmetros constitucionais, consulta um médico legista e revisa o relatório da Secretaria de Segurança Pública sobre o caso. Passos narrativos de sua mediação que referenda o *sujeto metafórico* elaborada por um método de contra-expansão de conceitos e mitos. As imagens proferidas pela narradora enlaçam o *logos* poético aos encontros críticos progressistas e *politiqueiros*. Contudo, a quebra de mitos e conceitos parte, por exemplo, da utilização de fontes oficiosas. Corriqueiramente, a cobertura policial hegemônica concentra depoimentos, conceitos, dados e informações a partir da fonte reguladora do Estado – nesse caso a militar. A incompatibilidade da ordem pública, através dessas vozes de segurança, limitaria a investigação e por consequência a problematização do caso. O discurso oficial, se apresenta como racista e incapacitado em averiguar a complexidade de certos acontecimentos. Desse modo, a narradora segue criando uma *imago* dos acontecimentos comprometida ao reconhecimento do(a) leitor(a).

Em dez minutos, o caminhão do Exército chegou ao morro da Mineira. Segundo o relato de Ghidetti, no trajeto ele chegou a perguntar aos jovens se estavam arrependidos por terem desacatado a tropa, mas, como “não obteve respostas satisfatórias”, determinou que o motorista seguisse para as vielas da favela. Não tardou para que o veículo fosse parado por traficantes armados. Em seu depoimento ao Conselho Especial de Justiça, Ghidetti classificou o encontro com os criminosos como “contato fortuito”. Segundo disse, jamais havia falado ou visto qualquer um deles. A prova seria o fato de terem ficado sob a mira dos bandidos até um sargento descer do caminhão e esclarecer que não haveria conflito. De acordo com o relato de pelo menos três integrantes do pelotão, Ghidetti começou o diálogo com os traficantes avisando que trazia “um presentinho”. O tenente nega veementemente a frase. Diz também ser falsa a informação de que teria feito um acordo com a facção Amigos dos Amigos para “vender” os jovens, como chegou a ser divulgado à época. Entretanto, reconhece ter informado que os rapazes eram da Providência e mereciam um “susto”. De acordo com o testemunho de alguns soldados, a conversa foi encerrada com um aperto de mão entre um dos chefes do crime organizado local e o tenente Ghidetti, que se despediu dizendo: “Valeu.” Assistindo à cena, apavorados, os jovens tentaram fugir, mas foram capturados com facilidade. Não tinham escolha. De um lado, havia as armas dos criminosos. Do outro, as do Exército Brasileiro. Ficaram com os traficantes. (TARDÁGUILLA, 2010, p. 4)

Para Achille Mbembe o necropoder se forma, principalmente, pela dinâmica da fragmentação territorial. “O objetivo desse processo é duplo: impossibilitar qualquer movimento e

⁶⁴ O portal de notícia G1 noticiava a seguinte manchete: “Exército vai investigar mortes de jovens do Morro da Providência” (<https://is.gd/5t4xK0>). E o jornal Folha de São Paulo destacava: “Militares dizem ter entregue jovens a traficantes no Rio” (<https://is.gd/eqCCMB>). Nas duas matérias a investigação jornalística limitou-se ao embate moradores e militares.

implementar a segregação à moda do Estado do *apartheid*.” (2016, p. 136). A apreensão no reduto específico, controle físico e geográfico, espaço e soberania avançam os processos do sujeito ao objeto (p. 135). A dominação desses lugares, e ele cita o caso palestino, mesclam a ação dos poderes disciplinar, biopolítico e necropolítico. O morro da Providência⁶⁵ é tida como a primeira favela do Brasil, com mais de 120 anos. Hoje, o local tem a presença do Comando Vermelho, mas em sua origem foi criada por militares que após o massacre em Canudos cansados de esperar a “recompensa” de uma casa ofertada pelo Estado ocuparam o morro em 1897. Quis a história que os descendentes desses militares, que decimaram uma população no sertão nordestino, fossem executados por seus pares de caserna.

Tanto a favela, como o sertão, são duas zonas periféricas, fragmentadas, possuidoras da formação diagnosticada por Mbembe. Lugares frequentados ininterruptamente pelas forças militares. Esse estado de sítio constante deflagra a criminalização dos aparatos de poder, e expõe a não “distinção entre o inimigo interno e o externo” (2016, p. 138). Constatação que gera a pergunta da estudante Mara Gomes: Se a ditadura acabou quando é que a favela vai dormir?⁶⁶. A ditadura militar nunca abandonou as portas dos lares periféricos e fragmentados de diferentes comunidades.

Viver sob a ocupação tardo-moderna é experimentar uma condição permanente de “estar na dor”: estruturas fortificadas, postos militares e bloqueios de estradas em todo lugar; construções que trazem à tona memórias dolorosas de humilhação, interrogatórios e espancamentos; toques de recolher que aprisionam centenas de milhares de pessoas em suas casas apertadas todas as noites desde o anoitecer ao amanhecer; soldados patrulhando as ruas escuras, assustados pelas próprias sombras; crianças cegadas por balas de borracha; pais humilhados e espancados na frente de suas famílias; soldados urinando nas cercas, atirando nos tanques de água dos telhados só por diversão, repetindo slogans ofensivos, batendo nas portas frágeis de lata para assustar as crianças, confiscando papéis ou despejando lixo no meio de um bairro residencial; guardas de fronteira chutando uma banca de legumes ou fechando fronteiras sem motivo algum; ossos quebrados; tiroteios e fatalidades – um certo tipo de loucura. (MBEMBE, 2016, p. 146)

O caso do morro da Providência evidencia as alianças e a criação de uma linha argumentativa que envolvem sadismo, e as relações entre os poderes do Estado envoltos pelo racismo. “Às execuções a céu aberto somam-se matanças invisíveis.” (MBEMBE, 2016, p. 138). O resultado da insignificância das torturas e mortes de David, Wellington e Marcos formam uma

⁶⁵ Informações do historiador Milton Teixeira, em reportagem de O Globo. Disponível em: <<https://is.gd/koLnAm>>. Acesso em: 18 set. 2017.

⁶⁶ Texto do site Blogueiras Negras que faz referência aos assassinatos constantes que são gerados pelas operações militares e a truncada relação entre policiais militares e comunidade. Cf. *Se a ditadura acabou quando é que a favela vai dormir?*. Disponível em: <<https://is.gd/WXLh0t>>. Acesso em: 18 set. 2017.

cronologia de mais uma história, no qual o militarismo impôs sua impunidade, evidenciando disputas partidárias e de controle. As *figuras tradicionais de poder*; nesse caso, replicam uma atuação repressiva enquanto legitimadoras de sua própria dominação entre classes e hierarquias.

5.1.3. Elite social e judiciário

As táticas de legitimação, enquanto *figuras tradicionais de poder* variam de acordo com a ascensão do controle na atualidade. Às vezes, se colocando por meio da força repressiva – como se leu no último trabalho apresentado – ora, se apoiando em códigos e palavras. Como vimos na análise sobre os *teleevangelistas*, na qual a *palavra* religiosa exercia papel político. O nosso próximo tema insere a palavra *judiciária* como definidora de papéis sociais e legitimação. O judiciário e a representação de uma elite social são temas de discussão do trabalho *El supremo anfíbio*, de autoria de Federico Bianchini e publicado pela revista Anfibia em 2012.

As escolhas sobre o comum e corriqueiro inserem uma voz contrastante para falar sobre o juiz argentino Eugenio Raúl Zaffaroni, apresentado como o “*jurista más respetado y controversial de América Latina*” (p. 1). A temática sobre um juiz, a construção de um perfil que parte do judiciário, ou seja, de uma classe alta que faz parte de grupos de onde “saem” as decisões é algo incomum na cartografia do jornalismo narrativo. A jornalista Alma Guillermprieto já declarou sobre essa opção temática – “*para un periodista es mucho menos riesgoso escribir sobre los pobres que acerca de los ricos, porque los pobres no tienen con quién quejarse de su retrato*” (TARIFEÑO, 2012). E Jordi Carrión complementa, “*a mí me está empezando a interesar más que me cuenten las historias de los ricos, de los brokers, de los banqueros, de quienes han provocado esta crisis que sufrimos*” (2012). Refletir sobre cenário político latino-americano é necessário também incluir uma visão *sobre* (e *sob*) distintos atores.

la crónica latinoamericana actual (...) suele mostrarse desinteresada o indiferente o impedida – o todas esas cosas – para contar historias relacionadas con las clases altas: historias de los que tienen poder, historias de los que tienen millones, historias de los que tienen, además de todo eso, una historia para contar. (...) Latinoamérica es una de las partes del planeta donde la diferencia entre los que tienen mucho y los que no tienen nada es grosera. Donde señores gastan en tres días lo que una familia gastaría en dos años para vestirse, educarse y comer. Donde nunca habremos hablado lo suficiente de los que se mueren intentando cruzar el río, de las mulas que revientan como sapos en aviones rumbo a Madrid, de las putas de trece años y de los niños que son bestias a los ocho. Pero el mundo de las clases altas forma parte de este sitio en que vivimos y, mientras no apliquemos allí la mirada que ya demostramos que podemos aplicar a los raros y a los que tienen poco – una mirada de carácter, una mirada que aspira a contar un mundo, una mirada que trata de entender –, seguiremos despejando sólo una equis, una parte de la ecuación. (GUERRIERO, 2014, p. 106-107)

A equação que Guerriero calcula é *sobre* a “*raza invisible*”, o mesmo grupo que *sob* olhares questionadores disfarça uma aplicação social de câmbios, e impossibilita o entendimento de sua atuação. O desafio do cronista é suplantar aquilo que é estigma de sua própria condição e aquilo que se torna desafio para compor uma leitura crítica sobre a sociedade. O jornalista e editor Federico Bianchini coloca outra composição dessa equação, afirmando uma “*mirada europeísta de la Latinoamérica pobre*”, declarou ao site *El Milenio*. Portanto, os temas são reduzidos pelo exotismo: “*Los libros que se traducen, generalmente suelen tener esa temática y si no la tienen (con excepciones), para ese mercado, no suelen importar*”⁶⁷. Bianchini daria essa entrevista e muitas outras para falar sobre o *Premio Don Quijote de Periodismo*, reconhecimento pelo texto sobre o juiz argentino. Na página da revista *Anfibio* o prêmio foi comemorado por ser “*el más importante para el periodismo en lengua española*” e destaca que essa menção “*premia la calidad lingüística y la buena utilización del idioma español*”⁶⁸. A crônica apresenta o juiz dessa maneira:

A los 55 años, el juez flotaba pero no sabía nadar. Una tarde de 1994, en una playa de México, leía un libro de Derecho Penal cuando alguien propuso ir al agua. “Y yo pensé: qué estúpido que soy, no sé nadar”, dice Zaffaroni, diecisiete años después, vestido con guayabera y pantalón blanco, detrás del escritorio que usa en la Corte. Volvió a Buenos Aires y esa misma semana fue al club del barrio. “Quiero aprender. Me miraron. ¿Para competición profesional? No, porque se me dio la gana. ¿Clase colectiva? Prefiero individual”. Comenzó al día siguiente. “Me asignaron una profesora que, al verme, debe haber pensado: ¿y este hipopótamo qué quiere hacer?”. Treinta minutos de brazadas y pataleos. “Volví a mi casa y me metí en la cama. No daba más. A los dos días se repitió exactamente lo mismo. Después de la clase tenía que dormir. Había sido sólo media hora pero necesitaba descansar. Y me asusté. Un susto grande. Dije: me estoy muriendo”. (BIANCHINI, 2012, p.2)

Zaffaroni não morreria, aprendeu a nadar e se tornou uma das marcas do *kirchnerismo*. Nomeado em 2003 a Corte Suprema de Justiça da Argentina, o juiz é reconhecido por sua atuação na área de criminologia, e por um histórico de posicionamentos contrastantes. A escolha do cronista de utilizar o termo “anfíbio” também remete à malealidade do personagem. O anfíbio, como um ser vivo que percorre água e terra, que passa por metamorfoses, se reinventa e se adapta, é algo a ser identificado neste perfil. Assim como o encadeamento com as definições da própria revista, que utiliza da mesma nomenclatura, indicando sua relação entre diferentes gêneros e temas. Ser anfíbio, nesses dois casos é reafirmar uma sobrevida. Zaffaroni foi nomeado juiz em plena

⁶⁷ Entrevista ao site *El Milenio*, para o jornalista Mirco Sartore. Cf.: *Bianchini: “El Boom De La Crónica Responde, Más Que Nada, A Una Estrategia De Marketing”*. Disponível em: <<https://is.gd/AycB19>>. Acesso em: 25 set. 2017.

⁶⁸ Cf. *Don Quijote es anfibio*. Disponível em: <<https://is.gd/IKNcDK>>. Acesso em: 25 set. 2017.

ditadura argentina e sua atuação é carregada de críticas⁶⁹ em relação ao tratamento sobre os desaparecimentos, o que levou a *Asociación Madres de Plaza de Mayo* incluir Zaffaroni na lista de juízes denunciados por delitos e repressão judicial⁷⁰; também se envolveu em denúncias de prostituição. Ao mesmo tempo, alcançou prestígio internacional ao desenvolver pesquisas e atuar na área de Direitos Humanos, o que lhe propiciou tornar-se membro da *Corte Interamericana de Derechos Humanos*, em 2016. Portanto, esse personagem, um juiz que se mostra dúbio em sua formação e julgamentos, está em fase de desaparecimento, tal qual os anfíbios⁷¹.

Dentre tantas possibilidades narrativas a *crónica* apresenta o corriqueiro e o cotidiano como meio de transparecer os atos, movimentos políticos e atuações do magistrado. O texto inicia na biblioteca particular de mais de 20 mil exemplares que, entre assistentes, procuram a melhor forma de organização; um perfil metódico. Outro cenário da história é um churrasco que Zaffaroni é convidado por seu barbeiro, pelo interesse da nora que é estudante de advocacia, o barbeiro resume o encontro: “*Se quedó callada durante toda la comida. Como si enfrente tuviera a un dios.*” (2012, p. 9); perfil acessível, porém egocêntrico. A história possuiu outros cenários para falar sobre o juiz – como a sua casa e a corte – mas foi a piscina, e o simbolismo do nado na vida do magistrado que conduzem a intensidade do texto.

—La gente se sorprende —dice el bañero sin dejar de mirarlo—. Es uno de los pocos que se queda tanto tiempo yendo y viniendo, yendo y viniendo. Una vez incluso alguien me ha dicho: “Ese tipo no para nunca”. Es jueves y la pileta de este club de barrio en Flores, veinte metros, una calurosa carpa blanca que la cubre, está dividida en dos. De un lado, diecinueve mujeres hacen gimnasia: se mueven lentas, por el agua, por la edad, agarradas a coloridos flotadores cilíndricos. Del otro lado, dos carriles. —Nada con ritmo regular una hora seguida. En el segundo carril, slip turquesa, gorra celeste, antiparras, reloj, ajeno a los comentarios que suelen rodearlo, el ministro de la Corte Suprema bracea. Va y viene sin detenerse, constante. —La técnica tal vez no sea de lo más vistosa —dice el bañero, que lo sigue con la vista—, pero es efectiva. El brazo derecho no entra muy bien, lo abre demasiado, pero no lo afecta mucho porque el agarre se consigue y el ritmo se mantiene. Según indica el termómetro, el agua de la pileta está a 28 grados. Se siente tibia, agradable, quizá por el contraste con este día de enero que abochorna, inclemente Zaffaroni casi no mueve los pies. Respira, a cada brazada, siempre por el lado izquierdo. —Es grandote, largo: aprovecha la envergadura de sus brazos. Las piernas consumen el doble de oxígeno, por eso, como los fondistas, casi no patea. No importa la velocidad sino soportar el trayecto —dice el bañero. Al llegar al borde, el ministro de la Corte Suprema se agarra con una mano e, impulsado por los pies, rebota en las venecitas celestes. —Para ir y venir durante tanto tiempo, para soportar ese sufrimiento (porque en un punto hay sufrimiento), tiene que ser un hombre mentalmente muy fuerte. (2012, p. 4-5)

⁶⁹ Cf. *Nadie resiste el archivo*. Disponível em: <<https://is.gd/Kh98AG>>. Acesso em: 30 out. 2017

⁷⁰ Cf. *La extraña historia del juez Zaffaroni*. Disponível em: <<https://is.gd/HsbuEl>>. Acesso em: 30 out. 2017

⁷¹ Especialistas indicam que a mudança climática tem acarretado a extinção de diferentes espécies de anfíbios, a regiões da América do Sul e Oceania foram as mais afetadas. Disponível em: <<https://is.gd/mNJgRf>>. Acesso em: 27 out. 2017.

Zaffaroni é forte, já conseguiu nadar em rios, já participou de competições, foi deputado, dirigiu o *Instituto de Naciones Unidas*, escreveu livros, lecionou em várias universidades, conquistou prêmios internacionais e tornou-se ministro da corte argentina – algo que ele qualificou como “*un accidente político*” (p. 4). O nado e as águas são escolhas narrativas para entender o complemento entre vida e trabalho do juiz. A forma que Bianchini trata do não parar, da desenvoltura e da maleabilidade ideológica estão contidas no efeito recorrente de empatia entre leitor e personagem. O cronista busca no juiz algo que desmistifica o distanciamento, e da *aura* excludente e distanciadora que o cargo juiz carrega. Transcreve notícias sobre o personagem, discute sua sexualidade – “*Yo no soy afrancesado. Puedo ser mexicanizado o peruanizado. Pero afrancesado, no*” (p. 13) –, reconstrói diálogos imprecisos sobre sua nomeação – “—*Mirá: yo te agradezco, pero sinceramente quería ser defensor general. —No, pero te queremos en la Corte. —¿Y esto qué es? ¿Una prueba de militancia? (...) Al salir del despacho pensó que todos estaban locos.*” (p. 10). O texto demonstra uma série de perguntas e ações (enquanto “personagem” pública) que não eram desafiadas por um outro posicionamento jornalístico: “*En las entrevistas teoriza, piensa en voz alta, cuenta anécdotas que repite casi idénticas. Como un actor, sabe dónde meter la pausa, en qué momento largar una carcajada.*” (p. 7). Zaffaroni, ao mesmo tempo, é mostrado seco e diluído em sua personalidade. Assim como sua constância em desafiar as águas; como quando atravessa um rio a nado – “*Sin darse cuenta, había sincronizado respiración y brazadas. Pudo nadar cincuenta, sesenta, setenta largos. Mejoró el estilo, levantó las piernas, empezó a respirar para los dos lados. (...) Desde Vuelta de Obligado a San Pedro, quince kilómetros: tac, tac, respiración, tac, tac, respiración, tac, tac, respiración.*” (p. 3). No ritmo das braçadas o texto delineia uma cadência no seu estilo, alternando entre relatos breves e concisos. Outra estrutura estilística, que vale destaque, é a construção: “*Dicen los que lo conocen*”. Construção autoral que mescla dado pelo registro oral. Essa construção auxiliou o autor a criar uma conjunção que agrega histórias, depoimentos e entrevistas de várias pessoas que rodeiam Zaffaroni. Uma dessas construções é:

Dicen los que lo conocen que no se enoja. Que la única vez que, se acuerdan, se enojó mucho, nadaba. Y la secretaria, que no lo conocía demasiado, llamó al celular de Tito y le dijo que lo interrumpiera. Cuando nada no hay que interrumpirlo. Tiene una formación clásica: si hubiera un manual que dijera lo que tiene que hacer un penalista según su currículum, él lo habría cumplido paso a paso. En Europa la fama lo antecede. El comentario en los congresos, después de que él habla, suele ser: “Qué interesante lo que dijo”. “Avanzado”. “Quizás, un poco arriesgado intelectualmente, ¿no?”. “Pero es Zaffaroni”. Cuando aparece en malla y ojotas en el lobby del hotel los catedráticos se sorprenden y susurran. Dicen los que lo conocen que lo material no le interesa. Que sin embargo, es cierto, con su sueldo no le falta nada. Tiene mucha plata. Todo lo que fue guardando y heredando lo convirtió en inmuebles. Quince inmuebles en la Ciudad. Dicen que nunca firmó personalmente un contrato de locación. Que siempre tuvo intermediarios. Y que ésa fue la causa de muchos, muchos, problemas. (2012, p. 7)

Método e estilo de organização do espaço narrativo, da formação do perfil, na medida em que se mostra um curso histórico sobre camadas. Assim como o personagem do texto. As nuances autorais, em sua cadência e braçadas, expõem sua construção desmistificadora de imaginários. Revestida por sua força *metafórica*. As escolhas autorais traduzem a leitura da informação re-elaborada, estabelecida no simples “pacto” entre o cronista e leitores. A formação discursiva sobre o fato, dessa maneira sendo uma contraposição ao jornalismo formal, se elimina pela fundamentação literária estilística. Fontes sem nomes, depoimentos sem rostos. A oralidade como ferramenta, ludibriando as táticas da escrita formal do jornalismo.

Bianchini apresentou desse modo o tempo de produção desse trabalho: “*Pasaron cuatro meses desde la primera entrevista*” (p. 8). Uma importante informação sobre o modelo e constituição de uma *crónica*. O estabelecimento temporal, outra vez, é fundante na escrita que nesse caso, passa despercebida pelo posicionamento político, ou marca de uma escrita reflexiva. Há narração.

Entretanto, contradições sobre o posicionamento do magistrado são presentes, desde a sua escolha (ou não) de roupas, passando até sua ideologia: “– *Soy un burgués despreciable. Un liberal, entendido como anarquista moderado mezclado con populista — dice entre risas*” (p. 9). Zaffaroni se apresenta como personagem de fácil emolduração, mas é delimitado na contextualização que o cronista reúne personagens como Néstor Kirchner e Carlos Saúl Menem para costurar a sua história. O juiz, conduzido por Kirchner à Suprema Corte foi alvo de denúncias, de sabatinas da imprensa e pedidos de renúncias. Muito mais que construir o perfil de alguém “comum” praticante do nado, que mente, que não teme a morte e come churrasco, a *crónica* apresenta elementos de um quebra-cabeça da formação de classe e da reutilização dos discursos. Essa figura de poder, se mantém intacta em sua constituição e poderio, ela pode assemelhar-se a qualquer cidadão, mas não reflete a nuance formativa de um perfil *condenado* ao poder (O magistrado deixou o cargo de ministro em 2014, aos 75 anos).

5.1.4. *Narcos e política partidária*

O texto *Un fin de semana con Pablo Escobar* é de autoria de Juan José Hoyos, e foi publicado pela revista El Malpensante em 2003. Um encontro que a história colocou dentro da gaveta com anotações e fotografias. A metalinguagem de um encontro ocorrido em 1983, mas que só alguns anos depois se tornou possível a concretização de sua escrita e publicação. O contexto colombiano na época remetia a um Pablo Escobar com uma forte relação financeira e influência sobre a imprensa, o que resultou na não publicação da reportagem de Hoyos, pois na visão de seu editor na época poderia ser vista como uma glorificação de “*los capos del narcotráfico*” (p. 10).

Dessa eventualidade se sobressai outra característica da *crónica* transvestida pela sua atemporalidade, no qual seu enunciado não está na efemeridade dos acontecimentos. Ele o agrega, na sua produção estilística-informativa. O velho ditado que “o jornal de hoje, embrulha o peixe de amanhã” conduz uma versão noticiosa com começo e fim determinado. Algo que na *crónica* se estabelece outra relação, entre os acontecimentos e leitores, uma ação que alça o tempo para fora do círculo do factóide e o coloca como registro de relevância social.

A formação crítica contida nesse relato reproduz outra força *metafórica lezamiana*: a dos movimentos contínuos da história. A capacidade mediadora do sujeito que atravessa tempos, conduz e introjeta um esquema conceitual que demonstra uma “*visión de la historia como ficción dirigida por el logos poético, la nueva causalidad del contrapunto antihistoricista, la era imaginaria como vivencia metafórica*” (CHAMPI, 2001, p. 27). Esquema alçado por Lezama Lima contra uma força historiográfica enraizada na hegemonia. A *crónica*, nesse caso, apresenta sua força histórica-poética.

Era un sábado de enero de 1983 y hacía calor. En el aire se sentía la humedad de la brisa que venía del río Magdalena. Alrededor de la casa, situada en el centro de la hacienda, había muchos árboles cuyas hojas de color verde oscuro se movían con el viento. De pronto, cuando la luz del sol empezó a desvanecerse, centenares de aves blancas comenzaron a llegar volando por el cielo azul, y caminando por la tierra oscura, y una tras otra se fueron posando sobre las ramas de los árboles como obedeciendo a un designio desconocido. En cosa de unos minutos, los árboles estaban atestados de aves de plumas blancas. Por momentos, parecían copos de nieve que habían caído del cielo de forma inverosímil y repentina en aquel paisaje del trópico. Sentado en una mesa, junto a la piscina, mirando el espectáculo de las aves que se recogían a dormir en los árboles, estaba el dueño de la casa y de la hacienda, Pablo Escobar Gaviria, un hombre del que los colombianos jamás habían oído hablar antes de las elecciones de 1982, cuando la aparición de su nombre en las listas de aspirantes al Congreso por el Partido Liberal desató una dura controversia en las filas del Nuevo Liberalismo, movimiento dirigido entonces por Luis Carlos Galán Sarmiento. —A usted le puede parecer muy fácil —dijo Pablo Escobar, contemplando las aves posadas en silencio sobre las ramas de los árboles. Luego agregó mirando el paisaje, como si fuera el mismo dios: —No se imagina lo verraco que fue subir esos animales todos los días hasta los árboles para que se acostumbraran a dormir así. Necesité más de cien trabajadores para hacer eso.... Nos demoramos varias semanas. (2003, p. 1)

A introdução do texto de Hoyos exhibe, entre outras coisas, a jovialidade e o espírito messiânico que a figura de Escobar começava a forjar. Destaca-se no texto, muito mais que um personagem e seus eventos, e assim ganha trejeitos de algo muito próximo ao relato. É a junção da oralidade com uma escrita (quase) informal disposta atrás dos fatos.

O personagem descrito é frisado pelo início de sua breve vida partidária. É essa figura de poder, que demonstra uma constituição múltipla do jogo político e do controle que é sublinhado nessa análise: “*tratando de cambiar la naturaleza y hasta sus hábitos*” (p. 2). Assim, Pablo realizou mudanças em coelhos, pássaros e outros tantos animais (como pessoas) para regimentar seu poder. Persuasivo, Pablo “*hablaba con seguridad, pero sin arrogancia*” (p. 2), escreveu o cronista. Arrecadou vitórias em sua passagem pela política – “*sembró árboles por todos*

los barrios populares de Medellín y construyó e iluminó decenas de canchas polideportivas en los barrios pobres” (p.3), e ainda prometeu casas e vida digna. Um típico político para o *periodismo amarillo*. Em volta do personagem haviam senadores, seguranças, mulheres, congressistas, jornalistas, mas o que se narra é o testemunho de um tempo opaco que ainda não era possível de entender o que ocasionaria, somente descrever.

Llegamos a la hacienda Nápoles cuando ya iban a ser las cuatro de la tarde. La primera cosa que me impresionó fue la avioneta que estaba empotrada en un muro de concreto, en lo alto de la entrada. La gente, que siempre habla, decía que esa era la avioneta del primer kilo de cocaína que Escobar había logrado meter a los Estados Unidos. Después me impresionaron los árboles alineados en perfecto orden a lado y lado de una carretera pavimentada y sin un solo hueco. Empezamos a ver los hipopótamos, los elefantes, los canguros y los caballos que corrían libres por el campo verde. Mi hijo le dio de comer a una jirafa a través de la ventanilla del auto, con la ayuda del guardaespaldas. A medida que nos adentrábamos en la hacienda íbamos cruzando puertas custodiadas por guardianes. En cada puerta, el guardaespaldas mostraba una tarjeta escrita de su puño y letra por el patrón. Con la tarjeta, las puertas se abrían de inmediato como obedeciendo a un conjuro mágico. (2003, p. 4-5).

O narrador apresenta uma pessoa que se tornaria uma lenda. O ganho da discussão está na forma encontrada de contar/narrar, antes dos “grandes” acontecimentos que transformariam Pablo Escobar em tema de filmes, séries e livros. E sugere uma formação político-partidária comum, no qual ilegalidades são partes formativas para o impulso executivo. Escobar, nesse texto analisado, está interessado pela política e discute os caminhos da Colômbia, debate as ações de partidários, o gosto musical por Roberto Carlos, pergunta-se sobre os próximos passos, duvida de si, e se enaltece – aos olhos do narrador. A relevância também se encontra na desmistificação dos sentidos – “*El tema de la conversación nos emocionó a todos*” (p. 8), o cronista se coloca como um personagem que sente, e que recorrentemente assume o medo de estar em um ambiente povoado por guarda-costas e armamentos. A *crónica* se distancia do elemento imparcial do jornalismo diário, massivo e corporativo – “*desaparición de la figura del sujeto y en una perspectiva alejada, niveladora y uniforme de los protagonistas que suelen reducirse a nombres y quedar privados de su palabra*” (SANCHEZ, 1990, p. 450). Presença (e medo) que reaparecem na seguinte passagem: “*Pablo Escobar dijo algo que me dejó helado: - Escribí el libro. Salite del periódico. Yo te doy una beca*” (p. 8). A proposta oferecida para escrever um livro contando a trajetória do narcotráfico na Colômbia não é apenas relato, torna-se projeção em “renarrativizar”, como afirma Julio Ramos (2009), para fundir passado e presente e expondo-se didática à compreensão dos contextos.

Há nesse mesmo narrador uma forte condução – numa perspectiva inalterada –, no qual estão a informação, o que se vê, sente e vive no encontro com Escobar. O autor recria, constantemente, a espacialidade de vários locais dentro da fazenda de Escobar – lugar do encontro entre os dois. O jornalista lista seus momentos de medo por sua família e da presença de guarda-costas, se emociona com a conversa intimista que o personagem propicia, sente frio ao ouvir uma proposta de bolsa para trabalhar. “*Ya no recuerdo la frase*” (p. 6), diz o narrador, e apresenta outro

atributo da *crónica* realizada por Juan José Hoyos. Escancara-se uma indissociável questão “verídica dos fatos” pela possibilidade do esquecimento, da instabilidade da ideia de verdade. Elementos que fundem-se na efetivação da história escrita e narrada. Linguagem jornalística indicada por outra “normalidade”, um referencial que se renova para falar sobre uma parcela da representação do poder.

5.1.5. Ditadura militar e terrorismo de Estado

A última *crónica* de análise da classificação referente às *figuras de poder tradicional* é o texto *El rastro de los huesos* de Leila Guerriero, publicado na revista Gatopardo em 2009. O que serve de referencial nesse trabalho são as histórias cíclicas de eventos resultantes da ditadura militar que espelham superações do terrorismo do Estado. Ou seja, novamente o fator historiográfico concedido pela força *metafórica* se alinha em direção a compreensão dos fatos, e a busca por uma “nova visão”. Contextualização sobreposta nesse trabalho pela importância da memória. Esse elemento de ponte entre imaginários culturais e sociais é fundante contra o “*eterno retorno, a repetir las mismas formas estilísticas formadas con iguales ingredientes o elementos*” (LEZAMA LIMA, 2014, p. 219). A substância da memória concluiu o transcurso narrativo como uma configuração que julgamos conexas aos trabalhos apresentados nessa parte da pesquisa, também providos de mediação e vivência.

A *crónica* conta as atividades do grupo de Antropologia Forense da Argentina, criado pela necessidade de revisão e procura de desaparecidos da ditadura. Resguarda uma circunstância de expansão, no qual as histórias dos fatos contundentes proliferam em histórias diminutas que demonstram os delitos e as mazelas geradas no período ditatorial. A escolha da cronista resulta em questionamentos infundáveis que seguem sem um sentido fixo, assim como o movimento corporal de quem procura por ossos humanos. A história do grupo argentino que passou por mais de trinta países, entre eles Filipinas, Perú, El Salvador e África do Sul, para recolher o infundável questionamento de familiares sobre desaparecimento de seus entes, é a representação da (tentativa de) existência frente ao controle do Estado.

—Este es el sector 134, en Avellaneda. Un terreno repleto de maleza. Después, la tierra cruda. Después abierta. Después los huesos. Y un edificio viscoso con paredes cubiertas de azulejos. —*Esa es la morgue donde trabajaban ellos.*

—*Habían hecho un portón que daba a la calle, para poder entrar los cuerpos directamente desde ahí. En la puerta de la morgue había un cartel que decía “No cague adentro”. Cuando empezamos a trabajar no lo hicimos público. Nos daba miedo. Teníamos un policía de seguridad de la misma comisaría que antes tenía la llave para meter cuerpos en esa fosa. En un rato tocarán el timbre y Patricia bajará las escaleras con una urna pequeña. Allí, en esa urna, llevará los restos de María Teresa Cerviño, que en mayo de 1976 apareció colgada de un puente con un cartel, una inscripción —Yo fui montonera—, la cabeza cubierta por*

una bolsa, los ojos y la boca tapados con cinta adhesiva. Todas las pistas indicaban que había terminado en la fosa común de Avellaneda. Su madre nombró al equipo como perito en la causa judicial que inició en 1988 buscando los restos de su hija. Durante todos estos años, Patricia supo que María Teresa Cerviño estaba ahí, era alguno de todos esos huesos. —Yo decía “Sé que está, pero dónde, cuál será”. Y el año pasado, diecinueve años después, apareció. Hay sitios así. Sitios donde todas las cosechas son tardías. (GUERRIERO, 2009, p. 10-11)

As pistas que seguem-se, como as de María, parecem resultar na sobreposição de caminhos. Sem possuir, verdadeiramente, um local de chegada. O que se visualiza é a manutenção dos questionamentos, da má resolução, da inoperância de certas verdades e a constante coação. O trabalho da equipe, retratado na *crónica*, repete a utilização do relato que busca uma empatia do leitor, ao mostrar as histórias de seus membros e fundadores, mas conjuntamente, sublinha uma visão alargada sobre a violência estatal.

Na elaboração de três meses de trabalho há uma polifonia intercruzada de personagens e destaques amplificados e diminutos. Cenas que a jornalista alimenta com ação, com um tempo não linear, produção de efeitos simbólicos, sentidos conotativos, combinação entre diálogos e descrição, e outros elementos atribuídos à novela. Cronologicamente, se entende os casos trabalhados pela equipe através das pessoas que são incluídas nos projetos, nesse momento os entrevistados falam sobre seus pesadelos, decepções, traumas, mortes, ossos, corpos e exumações: *“Es como una operación, es para algo bueno. Pero te lastima. Cuando vos te das cuenta que la lastimadura es muy fuerte, hasta qué punto no estás haciendo cagada al remover esas cosas.”* (p. 14). O ritmo está na inclusão desses depoimentos contundentes agregados a detalhes do cotidiano da *Equipo Argentino de Antropología Forense* entre escavações, urnas e ossos.

—¿Ves? —dice una mujer con rostro de camafeo, una belleza oval—. *Esto, la parte interna, se llama hueso esponjoso.* Y hueso cortical es la externa. Bajo sus dedos, el esqueleto parece una extraña criatura de mar, al aire sus zonas esponjosas. —*Esto es un pedacito de cráneo.* En el cráneo, el hueso esponjoso se llama diploe. Cuando termine de reconstruir —de numerar sus partes, sus lesiones, de extender lo que queda de él sobre la mesa— el esqueleto volverá a su caja, y esa pequeña paciencia de mujer oval terminará, años después —si hay suerte— con un nombre, un ataúd del tamaño de un fémur y una familia llorando por segunda vez: quizás por última. En el vidrio de una de las ventanas que da a la calle hay un papel pegado: la cuadrícula de una fosa y el dibujo de 16 esqueletos. Al pie de cada uno hay anotaciones: cinco postas más tapón de Itaka, desdentado en maxilar superior, cinco proyectiles. Ninguno tiene nombre, pero si edad —30 en promedio— y sexo: casi todos hombres. Desde la calle, cualquiera que mire hacia arriba puede ver ese papel pegado a la ventana. Pero lo que se vería desde allí es una hoja en blanco. Y, de todos modos, nadie mira (2009, p. 7-8)

Ninguém enxerga as anotações, as caixas de ossos, as vidas terminadas. O distanciamento da janela, para quem passa na rua, se converte em dúvida sobre (des)arquivamentos,

processos judiciais, e tantas outras Comissões da Verdade⁷². Uma ação destacável de revisão, mas ainda distante como aquela janela que ninguém mira.

La dictadura militar en la Argentina acompañó su accionar político impuesto a sangre y fuego con una exitosa consigna publicitaria que decía: " El silencio es salud". Silencio y desaparición fueron parte de la misma estrategia. El silencio penetró en los espacios públicos de manera tal que todavía no podemos evaluar sus efectos. Por eso, hablar y narrar el pasado, desatar la palabra, repetir una y otra vez, con sutiles variaciones, la historia del daño infligido o el despojo sufrido forma parte de un proceso en el cual toda una generación intenta explicar y - sobre todo - explicarse qué es lo que sucedió y cómo pudo suceder lo que sucedió. (BARNABE, In: CRISTOFF, 2006, p. 19)

A analogia entre janela e enxergar seria utilizada mais uma vez pela autora: *“Desde las ventanas se pueden ver, todos los días, señoras cubiertas por mantelitos de plástico y pelos envueltos en cáscaras de nylon como merengues flojos. Pero da igual: aquí nadie las mira.”* (p. 13). Essa criação via cronista movimentada os tempos, conjuga que os “fatos históricos” seriam inobserváveis (invisíveis) se não estivessem articulados em algum sistema prévio que fixa seu significado não no passado, mas no presente.” (SARLO, 2007, p. 114). É a conflagração íntima na compreensão dos processos e identidades que se tocam e mesclam. Encontramos novamente Beatriz Sarlo (2007) para salientar o passado metamorfoseado em reduto memorialístico, como experimento estético por sua *palavra-política*, e que no campo da comunicação assume o papel de evidenciar o passado destrutivo que se esconde entre janelas políticas e impede sua visualização na vida social. A atuação do narrador em Guerriero mostra-se por sua mirada e leitura dos acontecimentos, mas não descortina suas ações. A cronista está presente, conduzindo os leitores em diferentes conexões possíveis entre personagens e histórias relatadas. Presença que não é evidente e pró-ativa como em outros trabalhos destacados nessa análise.

Desaparecimentos, torturas, prisões e censura compunham o funcionamento do governo de militares como Jorge Videla e Emilio Massera na Argentina, e no qual a cronista descreve como *“una máquina estatal que tragaba personas y escupía sus huesos”* (p. 1). A *colonialidade do poder* refletida em dominação e controle exercido pelo Estado, em que práticas históricas validam anseios internos de dominação, assim como foi na primeira fase da colonização via um contato violento-militar (DUSSEL, 1994). Portanto, a desaparecimento alcança seu ápice na formação simbólica de vida e morte, atinge o sentido físico, não mais – como anteriormente alertado – como a função introdutória do discurso que impregna a subalternização em muitos grupos sociais. Retoma-se Djamila Ribeiro (2017) e Abdias Nascimento para realçar a importância

⁷² Na Argentina a comissão pioneira foi instaurada em 1983, a *Comisión Nacional sobre la Desaparición de Personas* (CONADEP) elaborou o informe “Nunca Más” revelando os resultados de sua investigação. Disponível em: <<https://vrr.im/ac15>>. Acesso em: 02 out. 2017.

dos marcos simbólicos na justificação de atos violentos, no qual o repertório simbólico credita a “normalidade” – ou o estado banal, como salienta Arendt (1989) – da subordinação, controle, prisão, desaparecimento e morte de um *não ser*, ou do “sujeito inominado”, como classificado por Spivak (2010). O terror, dessa maneira, cumpre o seu ciclo completo, pois dissemina aos que ficam a hesitação de sua luta – em sentidos físicos e simbólicos.

São essas histórias cíclicas que se configuram, em nossa leitura, uma representação de poder que enlaça a complexidade dos processos de dominação. As *crônicas* aqui destacadas conduzem o olhar, e nos levam a pensar sobre certos perfis e assuntos através de um outro prisma comunicacional. No caso dessa última história, a escolha em referendar uma figura de poder que não é tratada como tema central da *crônica* – a ditadura militar –, e sim como um sentido espelhado a sequelas da História que reflexionam sobre as consequências de um ciclo de destruição. Visa conceber a representação cronista acento complexo no aprofundamento e na representação das consequências hegemônicas: “*El 6 de enero de 1990 los restos de Marcelo Gelman fueron velados en público. Pero antes su madre, Berta Schubaroff, quiso despedirse a solas. A puertas cerradas, en las oficinas del equipo, trece años después de haberlo visto por última vez, al fruto de su vientre lo besó en los huesos*” (2009, p. 9). E relatos da violência, como na Guatemala:

Nosotros sacamos ciento sesenta y dos cuerpos. En su mayoría chicos menores de doce años. Y no tenían heridas de bala porque para ahorrar proyectiles les daban la cabeza contra el borde del pozo y los arrojaban. Llega un momento que te acostumbras a los huesitos chiquitos, porque son muy lindos, hermosos, perfectos. Pero lo que te traía a la realidad era lo asociado. Lo asociado. — Los juguetes. (GUERRERO, 2009, p. 12-13).

Relatos de uma dominação total e simplificadora que cingi o mundo em dois, que se posta imóvel, maniqueísta e de resolução dicotômica (FANON, 1968). A problematização que realiza Guerrero, portanto, avança sobre traços esquemáticos das ambivalências, está na planificação sobrepostas de discursos políticos que seu texto entranha pelas dúvidas associativas, técnica e mirada.

O texto da autora argentina ganhou o *Premio Nuevo Periodismo CEMEX+FNPI* em 2010, o júri destacou que “*El cometido ético de esta crónica consiste en restituir a través de la palabras, y con extrema delicadeza, lo que se aniquiló en ese episodio de la historia argentina*”⁷³. No seu discurso de premiação Leila Guerrero, declarou:

⁷³ Informativo divulgado pela Fundación para el Nuevo Periodismo Iberoamericano. Cf.: Leila Guerrero, ganadora del Premio Nuevo Periodismo CEMEX+FNPI, categoría texto. Disponível em: < <https://is.gd/1YBNFG> >. Acesso em: 03 mai. 2017.

Si la diferencia que hay entre comprar un discurso en internet y hacer el esfuerzo torpe, pero digno, de describir el discurso propio no será el equivalente a la diferencia que hay entre el periodismo y esa otra cosa, que también lleva ese nombre, pero a la que se le extirpa. El combustible que lo mueve la curiosidad, el riesgo, el entusiasmo y la diferencia que hay entre comprar un discurso en internet y hacer el esfuerzo torpe, pero digno, describir el discurso propio no será el equivalente a la diferencia que hay entre ser un burócrata, un funcionario de la prosa. Y ser alguien que se planta ante la realidad sin discursos precocidos y trata, honestamente, de entender y deja en la que se describe el rastro de un cuerpo, de una voz, de una mirada. Dicho eso me gustaría agradecer, primero a los protagonistas del texto que escribí a los miembros del Equipo Argentino de Antropología Forense. Agradezco por dejarme contar su historia y preocuparse de esa tarea vasta y devastadora que consiste en devolver la identidad al producto de la molicie de los que suelen molernos muy impunemente: los poderosos, los estados. (GUERRIERO, 2010)

As *figuras de poder tradicional*, aqui sublinhadas nas *crônicas* do jornalismo narrativo, são partes da mesma ferramenta de *moler* que trituram pessoas e conhecimentos. Aqui frisadas por cronistas de forma “atualizada” e/ou revisada. Mesmo que essas figuras sejam antigas e provindas de lugares enraizados, como são a igreja, a justiça e a governabilidade, as opções narrativas realimentam essas figuras em movimento para uma tentativa de compreensão de seus atos – e impor criticamente uma descentralização. Uma leitura esquemática sobre a sociedade que o cronista confere sua mediação frente à memória social e vivência subjetiva. A forma de emanar poder e controlar ações, passam pela reprodutibilidade de potentes arestas renovadoras que o jornalismo narrativo contemporâneo tenta registrar. E o enunciado dessas *crônicas* deixam instável a permeabilidade da informação oficial – geralmente, fonte centralizadora dos fatos e acontecimentos. São visualizados os meios maleáveis e adaptativos que Michel Foucault alertou como partes necessárias para a manutenção de poder. Dentre o qual, as ferramentas se instauram para regimentar uma verdade, esses enunciados atingem o manejo do poder e do controle pela *prática, vivência e técnica* da mirada do jornalismo narrativo. Como se listou no terceiro capítulo, assinalamos a contundência da modalidade narrativa jornalística em decorrência de um viés que apresenta padrões a partir da tríade *prática, vivência e técnica*. Ou seja, da relevância de uma pesquisa e produção aprofundada, da leitura interdisciplinar e humanista, conexas à complexidade identitária da leitura de seu tempo; pela condição narradora, no qual o estigma jornalístico é cambiado por uma visão autoral e particular; além de uma apurada técnica de exposição de ideias e conexões. Esses instrumentos, longínquos da comunicação hegemônica, pois demanda tempo e investimento, traçam uma linha contrária na fronteira da representação simbólica e política na atualidade.

Em *El pastor electrónico como estrella de TV*, de Camila Moraes, encontra-se as relações intensificadas entre comunicação e igrejas, e as consequências da midiaticização na sociedade. No qual, a preocupação da constante produção de figuras legítimas de confiança e admiração se tornam fundamentos dos enunciados promovidos por essas “*estrellas*” de bíblia na mão. São os *estúdio-igreja-show* que a jornalista ambienta em sua narração, e fortalece o papel dos

encontros de onde se produzem milagres e/ou líderes. Sobressai, nessa análise, a temática sobre a democratização midiática – ferramenta dessa nova cruzada religiosa. Já em *O exército, o político, o morro e a morte*, de Cristina Tardáguila, utilizou-se o conceito de *necropolítica* para compreender a contextualização narrativa sobre a morte de três jovens. Os acontecimentos que geraram as mortes são evidenciados contextualmente por trâmites políticos, e desavenças entre o judiciário e militares. Encontram-se nesse texto a prática inconsequente (e efetiva em seu dever em reprimir) da instituição militar, e o desconexo social de políticos e membros da justiça. Uma união, frequente, em todas as sociedades perpassadas por violências e abusos sociais – generalizadas na medida da classe, do gênero e da raça. Aqui o trabalho é de exposição aberta com tom de alerta.

No trabalho de Federico Bianchini, *El supremo anfíbio*, as escolhas são outras. Para representar um juiz da corte suprema da Argentina soam vozes contrastantes de uma classe dominante. O perfil do juiz se dá pela inversão, ao mostrar o corriqueiro da vida (como o ato de nadar) se regimenta questionamentos ao público leitor para reforçar os estigmas e suas verdadeiras aplicabilidades – uma representação crítica multifocal. Dentro de uma realidade, ou atenção editorial, que são voltados (quase) exclusivamente para o marginal, ao *freak*, no qual o estereótipo é regra, o texto se veste universal aos questionamentos políticos da região. Juan José Hoyos debate sobre outra temática em *Un fin de semana con Pablo Escobar*. Texto que se torna um exemplo sobre características informativas e estilísticas do jornalismo narrativo. Ao falar do seu encontro com Pablo Escobar, na época interessado pela política partidária, o jornalista usa da atemporalidade, do esquecimento e da desenvoltura observativa para formar a impessoalidade dos acontecimentos – se aproximando do relato. Presente e ativo o narrador enfoca um Escobar antes do mito e das lendas, e sente frio, emoção, medo e descreve. Com isso, forma uma representação “corriqueira” (embasada na sua própria figura) de atitudes e negociações *politiqueiras* de um congressista que se transforma na nossa quarta figura de poder evidenciada.

Finaliza-se essa parte do trabalho realçando o texto *El rastro de los huesos* de Leila Guerriero com uma revisão dos episódios gestados pela ditadura. E que se torna a figura que centraliza a maioria da potência das *figuras de poder tradicional*, por resumir – na representação da cronista – a lógica de exploração fincada pela *mimesis* colonial que força uma localização, um estar obrigatório dentro de uma estrutura normativa, no qual o sujeito subalternizado é infligido por um controle constante sobre a sua ação e sobrevivência.

5.2. OUTRAS FIGURAS DE PODER

As figuras que destacamos nesse momento conferem a consequência temporal e espacial das identidades na América Latina. Revisa-se o modo de *fazer* e atuar politicamente e origina uma continuidade de perfis e grupos específicos, e ao mesmo tempo, múltiplos em sua conexão e exploração. O que aqui se classifica como *Outras figuras do poder* transcreve modelos que são representados por líderes feministas, indígenas e quilombolas, na instrumentalização digital, na propulsão urbana, na conjunção rural, na reconfiguração de grupos sociais, étnicos e raciais, e demais coletivizações que engendram o *aprofundamento-revisão-criação* de sua representação. Resolve-se demonstrar essa infinidade de perspectivas políticas através do jornalismo narrativo, na busca por responder/entender a demanda política contemporânea. No qual, a configuração comunicacional é flagrante. Centralizando o objetivo desse trabalho em pensar o cenário político latino-americano, enquanto representações identitárias e simbólicas.

Povos e pessoas subalternizadas, no marco da comunicação dominante, tornam-se instrumentos de manipulação. Foram assim tratados pela Ciência, enquanto pesquisas de audiência e retratados como massa amorfa que somente responde ao ser instigada, e que atingiu o jornalismo na representação estereotipada de seus elementos. Andam juntos, nesse marco, a configuração estrutural dominante e a influência comunicacional no imaginário social. Por isso, reafirmamos, impulsionam-se nesse debate as conjunturas do imaginário, mercado, influência narrativa, práticas de controle, humanização dos processos comunicacionais e a memória social. Conforme discutido no capítulo quatro, nos auxiliam na configuração desse cenário teóricos como Maldonado Rivera (2014) e sua perspectiva que compõe comunicação e povos indígenas, como também a autora Maristella Svampa (2010) e seu esquema que incorpora a memória como base de matrizes sociopolíticas, e a visão de Rita Segato (2007) conduzida por influências locais e resoluções globais. Esses pesquisadores, entre outros, buscam mapear a formação política na região e nos guiam no desafio de compactação da pesquisa em discutir os retratos sociais criados pela mídia.

A tentativa de exibir um perfil político latino-americano, passa pela convicção de um *ser* político rodeado pela multiplicidade. Desde os primeiros registros, na pena do colonizador e na sua *palavra hegemônica*, encontramos o “desequilíbrio” promissor de identidades munidas de adaptações. A sua configuração fronteiriça e sua pluralidade confeccionam um poderio simbólico-político. Portanto, pensasse em perfis políticos e identidades *latinoamericanas*, ao compreender também uma práxis intercultural munida dessa mesma pluralidade. Que ao refletir sobre uma *outra* sociedade, sobre as condições de um poder social distinto, envolto em conhecimentos e existências críticas movimentam a geopolítica dominante (WALSH, 2005, p. 25). Aponta-se a comunicação como um dos instrumentos possíveis dessa irradiação desse *outro poder social*. A Comunicação, coirmã e forte colaboradora do capitalismo, realiza seu *giro* em (re)descobrir outras linguagens com suas fontes de informação, teorias, educação e modos de lidar com as palavras e as pessoas. Em

resposta ao constante reinventar dos mecanismos de poder e dominação, apresenta-se nessa dissertação a tentativa de revigoração de um dispositivo ainda em ascensão: o jornalismo narrativo.

Denota-se logo abaixo, os cinco trabalhos selecionados que versam com a dinâmica política salientada anteriormente. No contexto do fazer político na América Latina cumpre-se o papel da *imago, poieses*, subjetividade e memória para corresponder tamanha complexidade de nossas identidades em cinesia social.

5.2.1. Movimento hip-hop e Negritudes

Luiz Maklouf Carvalho é jornalista experiente, possuiu uma carreira nivelada por prêmios e livros de não-ficção sobre vários temas, passou pela imprensa alternativa durante a ditadura militar brasileira, e já colaborou com jornais como Jornal do Brasil, Jornal da Tarde, O Estado de S.Paulo e Folha de S.Paulo. É considerado por especialistas da área política como um dos autores essenciais para entender a democracia no país. Criticado e elogiado de todos os lados da balança política. Ele também escreve grandes reportagens para a revista Piauí, em 2007 acompanhou o grupo de *rap* Fação Central para escrever o trabalho *O bagulho é doido, tá ligado?*. O grupo é apresentado no site da revista, a partir da dicotomia: “entre o crime e a indústria cultural”, e em dicotomias o restante do trabalho é embasado.

O grupo formado em 1989, em São Paulo, é reconhecido na cena musical por suas letras e *samplers* marcantes – o que já gerou censura por suas mensagens, classificadas como apologia ao crime, e que contraditoriamente trouxe visibilidade ao grupo que participou de programas da MTV e foi tema de telejornais nacionais. O posicionamento do grupo, transvestido pelas palavras do líder Eduardo Taddeo, se coloca como uma manifestação artística de combate. “Eduardo Taddeo explica que o “circo dos horrores”, do título do álbum, é a situação produzida pela miséria brasileira. Suas letras, diz ele, descrevem e apontam responsáveis pela exploração social.” (2007, p. 2). O posicionamento político, evidenciado pelo líder, integra uma das principais características do *rap* nacional: a denúncia social.

a memória das periferias vai sendo construída através das narrativas do cotidiano, dos relatos sobre violência policial, das histórias ancestrais e da ressignificação da história do país, contada nas letras das músicas do hip-hop e nas mensagens dos MCs durante as festas. A transgressão do hip-hop não está apenas em sua comunicação insurgente, dando centralidade aos periféricos. Sua insubordinação reside também na recusa em aceitar a escrita como seu padrão preferencial para a partilha de conhecimento. Ao contrário, ao eleger a oralidade, o cotidiano e as festas, o hip-hop propõe outra maneira de transformar seu entorno e a sociedade. (MOASSAB, 2011, p. 201)

Esses temas e o “modo de falar” são as escolhas jornalísticas que centralizam a representação na reportagem. A discussão que Carvalho opta está canalizada no *modo como se fala*, e não no *modo como se vive*. O que gera um demarcado limite de representação e entendimento, enquanto classe social e identidades envolvidas. “Taddeo escreveu cerca de 100 letras de rap. Os palavrões são usados com abundância (“filho-da-puta” aparece 27 vezes). A intenção deles não é fazer gracinha. É nomear os inimigos, que são ameaçados e agredidos.” (p. 2). A escolha jornalística mostra um indício de possível estranhamento na leitura das letras do grupo. Ademais, acompanhamos a pesquisadora Angela Maria de Souza (2009) sobre a compreensão do contexto dessas letras: “os rappers propõem reflexões sobre o que experienciam nestes espaços, sejam vivências de negros ou de brancos, mas todos buscando pensar sobre as condições sociais que os discriminam, estigmatizam e invisibilizam.” (p. 20). Para assimilar esse contexto o cronista entrevista um linguista e uma antropóloga para tentar “traduzir” o fenômeno. Essas fontes, apesar de acertada no caso do compositor e professor Luiz Tatit, promovem um distanciamento de quem (con)vive com a realidade retratada nas letras do grupo. O que ocasiona declarações como: “Alba Zaluar considera que, para a formação de uma sociedade democrática, a violência verbal do rap é perniciosa, “porque vai no sentido oposto da civilidade”.” (2007, p. 7). Pessoas do movimento *hip-hop*, ou moradores de periferias não são ouvidos sobre o entendimento e a representação contida nas letras do Fação Central. Somente ao final do texto, integrantes de outros grupos são inseridos, assim como pesquisadores do *funk* e do *rap*.

Sem embargo, a linearidade do texto não expõe a busca por *entendimento*, como objetiva o *sujeto metafórico lezimiano*, e como consequência o estranhamento do narrador aparece em certos momentos. Dos quatorze raps selecionados pelo jornalista, no qual trechos foram inseridos no decorrer do texto, nenhum é destacado por sua função, valorização ou ação estética. E são reproduzidos como “discurso de ódio”, de extrema violência. Não nos cabe, nesse momento, averiguar a ação estética contida nas letras do grupo, porém, como forma de contrastante aos trechos apresentados na reportagem e para avaliação da leitora e leitor, sublinha-se os seguintes versos da música *A Bactéria FC*: “O rap concebido em sampler de sangue/ não é trilha pra bisneto de dono da casa grande. (...) Sou a trilha do ambulante com os Free contrabandeado/em fuga do rapa na 25 de Março./Da mulher que sonha com um bolo da padaria/prá cantar parabéns pra sua filha./Da tia iluminada pelo giroflex da polícia,/com o corpo do marido esperando a perícia.” Os efeitos estéticos não são vistos como criação, como inventividade, então o narrador conduz o diálogo com o compositor: “Taddeo explica que não é ele quem fala na música, mas os personagens que cria, com cenários e narrativas ficcionais. Se o narrador é um assaltante de banco, falará como um (...) Se é um bandido arrependido pedindo perdão à mãe, o melodrama cresce.” (2007, p.7). Na narração contínua do *hip-hop* se reproduz um objeto literário – foi assim, praticamente com todos os

autores periféricos e estigmatizados por sua narrativa rítmica, de linguagem coloquial e descritiva. O *rap* também está dentro dessa tradição literária.

“Eu pesquisei muito para não cometer erro de informação”, explica Taddeo, no quarto do casal, algo dessarrumado devido à reforma da casa, herdada do sogro. Como ainda não há guarda-roupa, eles usam um armário improvisado. Os seis álbuns estão arrumados na cabeceira da cama. O rapper estima que tenha vendido, tudo somado, uns 80 000 discos. (...) As letras, quilométricas e sulfúricas, se estendem por dezenas de páginas. Seus alvos principais são a Polícia Militar. (...) “As letras são violentas por traduzirem o dia-a-dia, as mazelas, as torturas da periferia, da favela”, diz Taddeo. “Os palavrões se tornam necessários em determinados trechos, para demonstrar o grau de revolta. Colocados de forma adequada, eles dão a dimensão da gravidade, e da seriedade do tema que está sendo abordado.” (CARVALHO, 2007, p. 3)

O texto reaparece “aliado” aos desafios e enfrentamentos que os componentes travam na sua realidade, o narrador contextualiza o movimento *hip-hop* no Brasil e no exterior, destaca a economia e os ganhos do grupo, as desavenças, o consumo de drogas, o envolvimento com a estrutura do tráfico, a motivação e a história de cada um, principalmente de Taddeo. Ele, que sairia do Facção Central posteriormente, e se tornaria uma voz atuante – não somente na música – mas também por seus livros e militância que fariam o *rapper* proferir palestras e participar de eventos como o Fórum Social Temático de Porto Alegre, em 2016. Pensar a atuação política, como a de Taddeo, é evidenciar um movimento múltiplo que abarca distintas maneiras de resistência, no qual não se manifesta na reportagem. Reitera-se o respeito às escolhas autorais do narrador, como também a dificuldade de abranger tantos questionamentos nesse universo simbólico e de luta, mas ao mesmo tempo aponta-se o revés da representação na reportagem. A tentativa de um retrato sobre o movimento *hip-hop* se revelou preto e branco, sem revelar uma escala ou a paleta de cores (e identidades) que englobam essas figuras de poder.

A comunicação, na voz denunciante do *hip-hop*, também agrega discussões sobre moradia e negritudes, enquanto movimento e atuação urbana. O que pode se classificar, enquanto método proposto por Svampa (2016), como um *movimiento socioterritorial*, aparecendo no marco de uma *memoria corta*, agindo sob uma matriz de afirmação autônoma e horizontal. Contudo, refazemos o entendimento múltiplo e fragmentário sobre as identidades latino-americanas, e a busca por leituras desse momento político, e não simplesmente uma classificação fixa e taxada dos grupos analisados. A configuração do movimento *hip-hop*, e suas infinitas particularidades que lhe orbitam, exemplifica essa opção na escolha das teorias usadas no texto, como também na seleção desta reportagem. “O hip-hop (...) torna o negativo (a periferia da criminalidade) positivo (a periferia da cultura) e faz as ausências (da criatividade e capacidade inovadora da sua população) presença.” (MOASSAB, 2011, p. 200). Essa alteridade, provinda do campo urbano, é estratégia enquanto prática social e cultural (SVAMPA, 2000) de resistência frente às distinções dominantes. Portanto,

demarca-se nessa reportagem um *fazer* político embasado na alteridade inventiva do *hip-hop* e suas consequências enquanto fortalecimento do movimento negro. E dentro de uma leitura comunicacional, o narrador opta pelo conflito, pois se apoia na diferença como quebra do distanciamento e imparcialidade expondo tensões sociais. “*Ese reconocimiento de las asimetrías como un dato que no admite discusión, es básico para luego promover procesos de comunicación realmente democrática.*” (URANGA, 2005, p. 6). Por conseguinte, a urbanidade que nesse caso renega a possibilidade de existência aos sujeitos periféricos, evidencia seu estranhamento na posição e no *estar* de membros dessa periferia, é demonstrada pelo narrador da seguinte forma:

No aeroporto, Eduardo Taddeo foi parado quatro vezes por fãs. A trupe dois oito chama a atenção. Pelo conjunto, mas, principalmente, pelo andar gingadíssimo do estiloso Dum-Dum, e pelas trancinhas e roupas folgadas de Arias e Smith. Na passagem pela esteira da Polícia Federal, Smith deu azar com o alarme. Era o cinto — e ele teve de tirá-lo. Mais sem jeito do que irritado, deixou que as calças caíssem, não teve pressa em recompor-se, e desconcertou uma desconhecida que o olhava, pasma, ao perguntar, rindo, o que é que ela estava achando. (2007, p. 4)

No avião, Smith chama um passageiro que entra de chapéu de Crocodilo Dundee. O próprio não percebe, mas outros riem. Poucos depois, Smith pede um isqueiro para a aeromoça, explicando, na maior naturalidade, que quer fumar. Ela e os que ouvem o pedido se assustam um pouco. Smith diz para não se preocuparem, porque vai fumar no banheiro, sem incomodar ninguém. Mais risadas, até que uma senhora se irrita e pede que ele fale mais baixo. O vocalista a ignora. Meia hora depois da decolagem, Smith sossega. (2007, p. 5)

O aeroporto se tornou símbolo de uma ascensão social de uma classe que começava a ser reconhecida como consumidora (não cidadã), e espelhada nas palavras do narrador “chamava atenção”, desconcertava desconhecidas, que faz piada, “assusta” e “irrita”. A complexidade, ou a leitura sobre o movimento negro não é incluído nessa reportagem. A opção autoral é focalizar os embaraços musicais que o gênero musical e o grupo tentavam superar para se legitimar. No entanto, o intercruzar dessas informações baliza um horizonte que instiga o debate de uma expressão cultural ligada ao seu espaço e expõe uma especificidade enquanto marca étnica e racial. Pois, no limite de um grupo identitário compreende-se o *hip-hop* como um marcador que reúne, em maior grau, uma população negra, periférica e de classe social baixa. E que ainda é limitada por uma colonialidade que intersecciona raça, gênero e trabalho. Porém alinhada às vozes subalternizadas que subvertem a imposição hegemônica — sejam elas *linkadas* (ou não) pela totalidade de seus marcadores. Ao final o narrador evidencia a potência dos versos do Facção Central, e retrata a performance dos *rappers* durante o show.

No palco, com um telão central e dois laterais, Eduardo Taddeo, Dum-Dum, Smith e Arias cantam, dançam, movimentam-se a toda. Na hora do refrão iracundo de “Cartilha do Ódio” — “Deita, porra, quero dólar brilhante gargantilha...” —, o coro sobe de tom. Nas caras e bocas das centenas de fãs que se aglomeram perto do palco — onde seis seguranças de terno estão postados, atentos — a poesia de Taddeo adquire poderes catárticos. Alguns e algumas, em esgares, ritos e olhares bandidos parecem, realmente, estar assaltando e matando o milionário que as rimas execram. O Facção toca doze músicas no maior pique, sem parada e sem bis. Nunca há aplausos como num show comum. Apenas gritos e, às vezes, urros. Meninas se esticam para tentar tocar nos quatro. Smith é quem provoca mais gritinhos. Dum-Dum, de longe, é o que dança com maior expressividade, traduzindo as letras num gestual felino. Seus braços e mãos viram armas, tiros, drogas. Suas pernas simulam chutes de policiais e de bandidos. Eduardo Taddeo canaliza toda a sua energia para a emissão dos versos que ele escreveu. (CARVALHO, 2007, p. 9)

A citação acima, que concluiu a reportagem, demonstra também uma não-linearidade simbólica. Corpo, palavra, movimento e catarse, substâncias que o *rebenito identitário* condensa em sua alteridade, reconhecimento e protagonismo frente à brecha hegemônica.

5.2.2. Movimento estudantil e Juventudes

Assumir precariedades na representação, dissolver pragmatismos, entender como desafio narrativo a representação identitária e envolver o(a) leitor(a) são táticas que se percebe no trabalho *El debut político de los nativos digitales*. Uma publicação da revista Anfíbia que retrata uma das primeiras ocupações estudantis, do início dos anos 2000, na cidade de Buenos Aires. As reformas educacionais, que o então *jefe de gobierno de la Ciudad Autónoma de Buenos Aires* Mauricio Macri impunha fez com que jovens experimentassem uma prática política coletivamente. Ou seja, o *macrismo* ajudou no empoderamento e organização dos jovens, conforme declarou um dos entrevistados.

A percepção do desafio de como representar esse momento político dos secundaristas, resultou na parceria para a produção da *crónica* entre a jornalista Micaela Ortelli e a socióloga Malvina Silba. Essa forma de parceria é muito comum nos trabalhos publicados pela revista argentina; lembramos que a publicação foi criada e é mantida pela *Universidad Nacional de San Martín* — o que facilita o intercâmbio entre cronistas e acadêmicos. As narradoras se depararam com mais de trinta escolas ocupadas, em resposta às contrarreformas na educação que seriam efetivadas em 2012.

Es jueves 27 de septiembre, son las cuatro de la tarde, y los estudiantes de 34 escuelas secundarias tomadas de la Ciudad de Buenos Aires marchan por la calle Montevideo. Se juntaron en el Palacio Pizzurno, sede del Ministerio de Educación de la Nación. Llevan banderas de centros de estudiantes. Son tres cuadras repletas de adolescentes que desde hace varios días se alimentan a arroz y fideos. Los acompañan padres y profesores. Alguien

arriesga un número: 5 mil personas. Suenan bombos y redoblantes. Toman por Diagonal Norte y llegan al Bajo. Se plantan sobre la calle Paseo Colón, frente al Ministerio de Educación de la ciudad. Las puertas están cerradas, sin vallar. Dicen que el ministro Esteban Bullrich está de vacaciones. Los estudiantes hacen una asamblea. Deciden: la toma, que en algunos colegios ya lleva once días, continúa y se suman más colegios. Seguirán con festivales culturales y abrazos comunitarios. Reclaman ser escuchados. Quieren participar de las discusiones por los contenidos de las currículas. Son estudiantes de escuelas técnicas y bachilleres. Para muchos es su primera toma, su primera marcha, su iniciación política. Dicen que les quitaron materias, que les están vaciando de contenido sus especializaciones. Que se devaluarán sus títulos. Y que nadie, nunca, los consultó. (ORTELLI; SILBA, 2012, p.2)

As ruas são sobrepostas sobre a referência de vias ocupadas por bandeiras, cartazes e gritos de jovens que se alimentam, dobram esquinas, realizam assembleia, consultam, possuem família e professores ao redor e que tentam indagar o ministro de educação. Esse trecho como abertura incita uma localização, contexto e debate sobre a “*iniciación política*”. Em termos, o texto já aparece parcial e direcionado para a conversação e escuta aos estudantes – exatamente o contrário que o governo gostaria. Usa-se demarcar cronologicamente os dias das ocupações, e das visitas em escolas que Ortell e Silba realizavam. O texto inicia no dia da marcha, e após realiza digressões para costurar a história com diferentes personagens e escolas. Os primeiros são Toti, Giselle e La Florencia, representantes que recebem e conduzem as primeiras miradas das narradoras para o que era o movimento. As cronistas lembram que esses jovens seriam a próxima geração de votantes nas eleições de 2013. O que transparece no esqueleto do texto: a compreensão/formação política desses jovens.

Pasando la puerta más pesada del mundo, un salón enorme donde, se supone, no se puede estar. Toti no se inmuta: “Tomamos el colegio, no un 30 por ciento del colegio”. Es la primera vez que Toti se presenta en listas y ganó; hasta entonces, fue el calladito de la escuela. “Todos decían: ‘¿Ése va a ser el presidente del centro de estudiantes?’ Y nos tapó la boca a todos”, se ríe Giselle y vuelve a decir que tiene hambre. En el salón hay una vitrina con trofeos de vóley y hándbol: –¿Y ustedes juegan a algo? – No. –**Hacen política.** – Todo lo que hacemos es política. (ORTELLI; SILBA, 2012, p. 4, *grifos das autoras*)

O perfil de Toti, 16 anos, presidente do centro de estudantes, deflagra um modo de *estar* na política. O reflexo do jovem ligado ao esporte, ou ainda o estereótipo do militante partidário ficam de fora do enquadramento no texto. A transformação dos currículos escolares, e a busca por discutir conteúdos são destacadas – “*No piden por el mal estado de los edificios o las becas: quieren discutir contenidos*” (2012, p. 2). A reação estudantil ocorreu por conta que as alterações curriculares poderiam acarretar a diminuição da carga horária de cada especialidade, e ainda dificultar a inserção laboral. O que foi classificado por alguns estudantes entrevistados como “*un claro golpe al fuerte de cada escuela*” (p. 5). Há, envolto nessas mudanças, uma discussão drástica sobre a privatização da educação pública na América Latina. O que impulsionou nos

últimos tempos uma grande participação e mudanças de cenários por conta da pressão popular. Casos semelhantes ocorreram no Chile em 2006, com a *Revolución de lo Pingüinos*⁷⁴, e no Brasil entre 2015 e 2016, com a chamada Primavera Estudantil⁷⁵. Movimentos que conseguiram com sua visibilidade trazer para o debate público a educação. E que na Argentina dos dias atuais, no qual o *jefe de gobierno* é presidente nacional, mostra-se como um debate ainda vigente.

Portazo. –Chicos, tengan piedad con la puerta. –Pero siempre se cierra así. –Ya lo sé, pero acompaña. “Yo creo que en cierto modo subestimaron el poder de las escuelas”, dice Giselle, y sin darse cuenta, resume el espíritu con el que se manejaron siempre las burocracias estatales en general, y los directivos educativos en particular: tomando decisiones de carácter fundamental, sin consultar a las bases. “Y lo que ellos no sabían es que había un movimiento independiente que se estaba gestando mientras tanto”, cierra la idea Toti. (2012, p. 6)

O mesmo Toti fecha a ideia, acompanhando a companheira em seu discurso. Carrega, no campo da ideia, a mesma força que pede aos colegas para cuidar da porta. Movimento em narrativa. O que se *cierra* é um reconhecimento de “poder” e busca por independência daquele grupo nas palavras das autoras.

El colegio es un cuadrado de cemento inmenso. Se hizo de noche y hace frío. Hay adultos en la puerta, griterío: son muchos, muchísimos. En la entrada, a la izquierda, una hilera de pupitres hace de mesa de recepción. Hay pilas de cuadernos color rosa: son los de comunicaciones. Cada alumno que entra, lo deja; al salir, se lo lleva. Es para tener un control sobre quién entra y quién sale. A la Técnica 27 sólo entran los alumnos; se decidió eso por votación porque así les dijeron: mayor que pone un pie en la escuela, mayor que se hace cargo de los menores que están adentro. (2012, p. 6)

Evidencia-se os processos políticos internos do grupo ao referir constantemente sobre assembleias e decisões coletivas. O que se mostra é o cotidiano da dificuldade de uma ocupação, principalmente com a divisão de tarefas, de segurança, de comida, e a criação de atividades educativas e culturais. Essa contextualização mantém o que é narrado como uma demarcação do posicionamento e o colocar-se dos secundaristas enquanto juventudes convivendo no espaço político.

⁷⁴ A alusão à vestimenta típica dos estudantes chilenos também serviu de denominação para o filme de Jaime Díaz Lavanchy. Um documentário que mostra o desenrolar do movimento e seus personagens. Cf. *La revolución de los pingüinos* (2008). Disponível em: <<https://is.gd/VjiAWV>>. Acesso em: 11 jan. 2018.

⁷⁵ As ocupações no Chile foram tão fortes nos seus resultados que serviu de inspiração para o desenrolar dos fatos no Brasil, que também virou filme usando um dos cantos utilizados pelas ocupações brasileiras: *Acabou a paz, Isto aqui vai virar o Chile!* (2015). O filme de Carlos Pronzato demonstra uma vertente do movimento que centralizou suas forças contra as ações do governo Geraldo Alckmin em São Paulo. Disponível em: <<https://is.gd/kv130K>>. Acesso em: 11 jan. 2018.

el Fader⁷⁶, una mini ciudad antigua, de paredes dibujadas, está en plena actividad. Los habitantes son todos jóvenes y se manejan en skate. Están desparramados, como en distintos barrios. Los piercings y las rastas no pasan de moda.” (2012, p. 8).

El lugar luce a sobremesa, se oye cumbia, hay que devolver una pelota, esquivar un skate, llegar al patio y ver: un partido de vóley a la derecha; uno de fútbol a la izquierda. Hasta que aparece Jona, 19 años, cuerpo diminuto. En la sala de profesores, dos chicas tocan la guitarra. Se van. En un rincón hay un colchón enrollado, bolsas de dormir, frazadas, mochilas, aislantes. Entra un chico con una mochila, una bolsa de dormir, un aislante. Deja todo, se va. (2012, p.10)

A escolha autoral de abarcar as “características” dos jovens com seus utensílios, roupas e comportamentos traça um ponto de vista privilegiado e de íntima conotação. Uma escolha que, por exemplo, não emite falas de adultos no desdobrar do texto. Muitos jornalistas, em acontecimentos como esses, resolvem centralizar a pauta nos organismos estatais “responsáveis”. Por isso, alguns profissionais são impossibilitados de realizar a cobertura dentro das escolas. Há uma divisão demarcada, que nos últimos anos tem se acirrado, ao referendar grandes empresas de comunicação como aliadas aos governos, parciais na medida de seus interesses. E casos como das ocupações não foram diferentes, por essa razão a possibilidade das cronistas terem o aval dos estudantes para adentrar nas escolas ocupadas e conceber o íntimo desse momento político trouxe um vigor para o trabalho – o que não foi possível (e na maioria dos casos não foi/é interesse editorial) de visualizar em coberturas da imprensa *massiva, diária e corporativa*. As narradoras utilizam um artigo publicado no jornal *Clarín* para mostrar o conflito político, interseccionado por muitas forças de controle.

se publicó un artículo firmado por Gustavo Fabián Iaies, especialista en educación y director de la Fundación Cepp, en el que el autor se preguntaba: “¿Cómo llegamos a esto? ¿Cuándo les dijimos que las normas se podían negociar y que el orden social podía adaptarse a sus estilos particulares, visiones, ideas?”. El estereotipo de los jóvenes como sujetos carentes, incompetentes, necesitados de un adulto que los guíe pero que también les imponga la norma, atrasa unos, digamos, 60 años. Esa pregunta se la podría hacer, por ejemplo, Don Draper en *Mad Men*: hombres –hombres, claro– preocupados por sostener un orden social a cualquier costo mientras sus mujeres se masturban sentadas en un lavarropas. Es delicado. Porque las formas de representación –lo que se dice de– compromete la forma en que aquellos de quienes se habla –en este caso, adolescentes, estudiantes de escuelas públicas– se representan a sí mismos, e incluso puede influir en sus prácticas. Que, al contrario, los chicos estén bien parados frente a esos discursos estigmatizantes, es lo que subleva y molesta a políticos como Macri, a presentadores de noticias como Eduardo Feinmann, o especialistas en educación que se anclaron en los ‘60. Ya se sabe: las generaciones más viejas siempre pretenden seguir detentando el poder de decir qué es lo legítimo o lo ilegítimo, qué está bien o mal, durante la mayor cantidad de tiempo posible. Entonces, cuando aparecen adolescentes formados, informados, atentos, desafiantes, lo que los más viejos sienten es, ni más ni menos, que les están disputando ese poder. (2012, p. 11)

⁷⁶

Referência a *Escuela Técnica Fernando Fader*.

Nesse trecho a forma da *crónica* ganha tom de coluna, com uma escrita direcionada como uma resposta ao artigo publicado pelo *Clarín*. Ao mesmo tempo, as cronistas usam de referências temporais da cultura instigando o(a) leitor(a) realizar conexões sociais ao que é narrado. Desse modo, deixam evidenciados dois tipos de conflitos: o de gênero – tendo homens mandatários como algo cíclico e cerrado em si mesmo – e o conflito geracional, de quem está perdendo e/ou ganhando sobrevida na esfera pública.

A ação dos secundaristas também é posicionada como um movimento social de *memoria corta* com enlaces políticos objetivos e localizados, e busca uma democracia pelo consenso. Que buscam frear certos “estigmas” sobre as juventudes: “*Uno muy fulero que es el tema de que los jóvenes no estamos capacitados para discutir, o que somos unos vagos, fuma porro, que tomamos el colegio para no tener clases*” (p. 10) – declarou o estudante Jonas, 19 anos. Claro que a força estudantil não é uma invenção dos *nativos digitales*, porém faz parte de uma herança que introduz no seu tempo a articulação comunicacional – ou como aponta Maldonado Rivera (2014), uma tecnopolítica comunicacional. Dessa maneira, indica-se o *fazer* político nessa *crónica* com os processos coletivos introduzidos pelo espaço social das juventudes, no qual subvertem a organização padronizada e produz sua própria atuação. O cenário sociopolítico, nesse prisma de juventudes, encarado como algo particular, porém múltiplo em sua formação e exposição, é a conexão que o *fazer político* se mostra pelo cotidiano dos atos e pela fundamentação de suas micro-lutas, sem precisar apelar para grupos e movimentos tradicionais e de grande alcance e legado histórico.

5.2.3. Movimento indígena e Territorialidade

Distintivamente como se mostrou nas duas primeiras figuras analisadas nessa parte do trabalho, a classificação proposta por Svampa (2016) recai agora sob um movimento que precisa ser entendido por sua matriz político-ideológica de uma *memoria larga*. Ou seja, desde uma reconstituição de elementos que se mesclam durante uma história anticolonial. Memória que, relembramos, é um dos elementos que formatam a importância do jornalismo narrativo ao se aliar à vivência e mediação, e ser um dos processos acarretados pelo *sujeto metafórico*. Assim o movimento indígena é visto entre um projeto identitário que tensiona o colonialismo a partir do seu habitat e origem. “*Los indígenas son los primeros desaparecidos de nuestra historia, fueron invisibilizados bajo la generalización del mito de la nación blanca y es necesario quebrar con esa*

*narrativa dominante*⁷⁷. São lutas pelo direito à terra e autonomia que friccionam o ambiente hegemônico. O texto *La fuerza del ombligo* foi publicado em 2009 pela revista *Malpensante*, e é de autoria de Jose Navia. A *crónica* ganhadora do *Premio del Periodismo Simón Bolívar* conta o embate entre indígenas *paeces* da região do Cauca colombiano contra forças paramilitares e guerrilheiros das Farc para manter seu território sagrado.

Con las primeras luces de la mañana se siluetean en el horizonte los picos azulosos de la cordillera Central. Al frente, junto a un río de aguas oscuras y briosas, emergen de la neblina, como fantasmas, las fachadas de color claro de La Mina, una de las 34 veredas del resguardo indígena de Jambaló, en las montañas del norte del Cauca. Alfredo Dagua, el conductor de la chiva en que viajo, hace sonar la corneta del vehículo mientras atraviesa el caserío de bahareque y teja. Las puertas están cerradas. No se ve un alma. Ni siquiera un perro. (NAVIA, 2009, p. 1)

A narrativa é norteada pela voz ativa do jornalista, pois é o fato de sua “presença” que ganha destaque na chamada do site da revista: “*Un avezado reportero penetra em las montañas del norte*” (p. 1). Essa presença marcada, performa o processo do narrador-personagem, sobrepondo duas histórias no mesmo texto: a do “jornalista experiente” em seu “descobrimento” e denúncia, e a luta *paez* contra seu extermínio.

O texto é dividido em nove partes. A primeira conduz um olhar generalizado sobre o que será narrado, além da presença do autor já apontada. Também se inclui nessa parte a formação do choque entre culturas e tempos, meios de resistências e participação coletiva. O genocídio reatualizado com ameaças de morte aos líderes *paeces* pelas Farc introduz a tensão dramática. Ameaças que levam a formação de uma Guarda Indígena para monitorar o território e auxiliar as forças de negociação entre líderes – uma guarda criada por votação e demanda comunitária. “*los habitantes del resguardo, les prohibió a los amenazados renunciar a sus cargos, y le asignó a cada líder una escolta de diez guardias. La asamblea, además, prohibió las fiestas y el consumo de guarapo y, por temor a una masacre, cerró cantinas y billares.*” (p. 2). As cenas construídas se intensificam a partir da segunda parte. Os episódios descritos com um tempo próprio se descolam do tempo noticioso e factual. Essas fontes narrativas congelam o ambiente para o(a) leitor(a), e mostram um narrador ainda impactado pelo exotismo do cenário.

5:48 am. Un pájaro negro, al que los paeces llaman dormilona, cruza frente al panorámico de la chiva. El ayudante dice que es de mal agüero. La carretera se hace estrecha y empinada. Al frente, y a lado y lado, se ven montañas. Un manto de neblina envuelve a la chiva a medida que asciende hacia El Trapiche. Minutos después de pasar frente a una casa de bahareque y zinc, Alfredo Dagua pisa el freno y maniobra lento para

⁷⁷ Declaração de Maristela Svampa para a rádio comunitária Kalewche, apoiadora da causa do povo mapuche. Disponível em: <<https://is.gd/SBPvGq>>. Acesso em: 11 jul. 2017.

esquivar un derrumbe. El vehículo se bambolea. La carretera se empina. Dagua mete primera y acelera. El motor, un Internacional de ocho cilindros, responde con un bramido sordo mientras la chiva asciende con lentitud por una carretera estrecha, sinuosa, cubierta por un cascajo de color gris. El tajo ha sido abierto en la mitad de la falda de la montaña. Del lado izquierdo del vehículo se ve un barranco poblado de matas de fique; y del derecho, un precipicio de rocas y vegetación rala. Las luces amarillentas de algunas casas brillan a lo lejos, en la semioscuridad de la madrugada. El conductor dice que estamos a menos de veinte minutos de El Trapiche, una vereda de 514 almas incrustada en la parte alta de estas montañas. (2009, p. 3).

Compreende-se a tentativa do autor em *desenhar* o ambiente montanhoso com sua flora e fauna. Há uma ligação correspondente ao lugar de onde se fala. O respeito a esse lugar, em nossa leitura, agrega ao espaço a busca da manutenção do povo e seu território. Simultaneamente, retomamos Stuart Hall (2010) para conflagrar esse *lugar* como propulsão de afirmação identitária, pois serão suas histórias e lugares de suas experiências que farão germinar seu *eu* (p. 346) – ou, como nesse caso, o seu *eu coletivo*. Referir esse local pelas ambientações realizadas pelo autor é trazer a luta indígena uma importância em conflitos que envolvem recursos naturais e controle estatal como, por exemplo, no cultivo da mata nativa frente ao avanço da agroindústria na região: “*Los paeces siembran apenas lo necesario para suplir sus necesidades básicas, una concepción sobre el uso de la tierra que causa escozor entre los terratenientes y agroindustriales del Cauca.*” (p. 3). Evoca-se, novamente, Maldona Rivera (2014), pois sua constatação apresentada de uma cultura, como a de povos indígenas, exemplifica a articulação entre revigoração e/ou sedimentação de ancestralidades que conduzem um *outro* sentido sociopolítico de postar-se frente aos embates modernos.

En cada turno hay cuatro guardias y un representante del cabildo veredal, en este caso, Gloria Ipia, una mujer menuda que permanece de pie junto a la guadua, con el bastón de madera en la mano. Aurelio Ipia dice que además de controlar el paso, a los guardias les toca pedirles a la guerrilla y al ejército que no acampen ni patrullen cerca de donde hay viviendas.

“Hace unas semanas estuvieron tirándose bombas... mataron dos reses de la comunidad”, cuenta Ipia, que tiene cinco hijos y vive de cultivar frijol, maíz y arracacha. El otro motivo por el que no quieren gente armada cerca de sus casas es porque dejan olvidados o sembrados explosivos y porque, según dice, “andan con ganas de perjudicar a las muchachas de la vereda”. El hombre señala hacia las montañas vecinas. “Por allá también hay retenes”, asegura. En algunos de estos puntos de control –me había explicado un funcionario de la alcaldía de Jambaló–, los guardias han frenteado a grupos de guerrilleros que intentan realizar patrullajes y ejercer control en un territorio que los paeces han defendido con fiereza por cientos de años. En realidad, el principal objetivo de estos retenes y de las caminatas nocturnas de la Guardia Indígena es enviarles un mensaje a los grupos armados sobre quién manda en el resguardo; y advertirles que no están dispuestos a someterse a las amenazas de nadie. Así, radicales en la defensa de su territorio y temerarios frente a la muerte, han sido los paeces durante toda su vida. (2009, p. 4)

Ancestralidade de resistências, que nesse trecho interseccionam com a violência de gênero e mostram a face de uma mesma moeda que destrói vidas: guerrilheiros e exército

nacional. O narrador, em constante movimento, segue nas próximas partes, fracionando a história com digressões e introduz as motivações do conflito. O exército e polícia deixavam suas marcas, enquanto poder estatal de afirmação da sua presença. E o choque desse conflito com o grupo guerrilheiro e o exército acarretou respostas como a destruição de plantações de coca e de laboratórios que se espalhavam pelo território *paez*. Já para a Farc, a partir dos anos 1970, o local demarcou a origem do grupo armado, no qual os primeiros componentes conviviam nas casas de alguns indígenas, e que posteriormente, percebendo uma forte militarização, resultou nos primeiros conflitos contra povos originários – e que se espalhariam para mais quatro etnias. “*Los rebeldes difundían un mensaje de lucha de clases y de toma del poder por medio de las armas. Hablaban de Marx y Lenin. Los indígenas solo creían en Juan Tama, Quintín Lame y otros de sus caciques históricos.*” (p. 5). Fuzilamentos em série foram os resultados desse conflito “ideológico”. Mas ao mesmo tempo evidencia-se um reduto da *palavra-política*: “*Los indios insistimos en el uso de los argumentos frente a los actores armados, pero seguiremos exigiendo los derechos sobre nuestros territorios*” (p. 12), fala um dos entrevistados. Uma representação do confronto entre visões políticas (e de vida) distintas.

En la cosmovisión nasa no hay nada inerte, como en la concepción occidental. para el mundo nasa todo tiene vida y el volcán nevado del Huila es la gran casa donde habitan los espíritus, o seres muy importantes e indispensables, como el agua y el fuego, que cumplen un papel de entidades reguladoras de la armonía y el equilibrio entre el hombre y la naturaleza. El volcán es el sitio donde el médico tradicional equilibra las energías para proteger al pueblo nasa, a través de la armonización y el ofrecimiento de tributos al nevado. Es el ser que preavisa acontecimientos futuros. Además, el nevado ha sido un punto de referencia para el calendario nasa, donde se pueden predecir las épocas de verano y de invierno, así como las temporadas de crisis y hambrunas. (CAPRA, 2009, p. 16)

O povo *nasa*, como também é conhecido os *paeces*, mostram uma relação corpórea, no qual o seu território consome e impulsiona sua saúde e crença de maneira relacional. Pensar e sentir o território nos faz rememorar a cosmovisão *yanomami*, citado anteriormente através de Davi Kopenawa. Compreende-se a particularidades dessas epistemologias, mas busca-se o diálogo para amplificar um pensamento diverso para a justaposição do pensamento colonial, hegemônico e eurocentrado. A força de repensar esses processos de dominação deixa um legado transparente da luta e do *fazer* político de grupos originários. A universalidade empregada pela colonialidade é respondida pelo enraizamento de um território simbólico e político. “Mesmo embrulhado dentro de uma bela camisa, dentro de mim eu continuava sendo um habitante da floresta!” (Kopenawa, 2015, p. 289). Para os *paeces*, de maneira similar, o que se mostra em sua motivação em *ser-habitante* é o respeito por sua territorialidade.

A pesar de que su nombre es uno de los que encabeza la lista de amenazados, este hombre y sus compañeros no han huido de su territorio. Sus razones son atávicas. Como casi todos los paezes, Fernández Chocué tiene enterrado su ombligo en estas montañas. Es literal. Cuando nace un niño paez, su madre abre un hueco entre la ceniza de la tulpa y allí entierra la placenta y el ombligo que corta la partera. “Yo tengo enterrado el mío en la vereda Loma Gruesa”, dice Fernández Chocué. Cuenta que lo supo a los 17 años, cuando intentó irse con unos amigos a coger café al Valle. “Mamá... ¿por qué será que yo alisto la maleta pa’ irme y al otro día ya se me quitan las ganas?”, recuerda que le preguntó un día a su madre, Dioselina Chocué. “Usted no se puede ir, mijo, porque yo le enterré el ombligo para que no se mueva de aquí”, le respondió Dioselina. A eso le atribuye el hecho de que él, como otros paezes, prefiera morir en su territorio a vivir desterrado. (NAVIAS, 2009, p. 10-11)

Portanto, percebe-se a função territorial não só como habitat e legitimação física de seus habitantes. “*el indio sin la tierra es como si anduviera muerto en vida.*” (p. 12). Por isso, nesse texto analisado o *fazer* político está no umbigo enterrado e nos seus desafios. Pois atualmente, o projeto de paz na Colômbia se coloca também radicado na territorialidade⁷⁸. “*Lo local es el espacio de la identidad y de las alternativas que se construyen a partir de la cultura propia y de la vida cotidiana, es el espacio donde se da el mayor reconocimiento de la diversidad de miradas*” (URANGA, 2005, p. 9). Há uma configuração na ameaça do local desterrado, de uma força sociopolítica de restabelecimento contínuo com seus antepassados, e busca por reconhecimento dos seus espaços. O *não partir* torna-se a “fábula” que o narrador busca nos depoimentos que recolheu – somente com vozes indígenas durante o texto. É narração convertida em representação física e simbólica da disputa territorial em tempos de reconfiguração das figuras que alinham uma (contra?) hegemonia.

5.2.4. Celebridades e midiatização política

Das narrativas midiáticas possíveis de serem interpeladas pela atualidade de discursos que direcionam câmbios no contexto e reforma política, a projeção individualizada de personalidades distantes dos “meios” partidários tem ganhado força no reduto governamental latino-americano. Essa percepção individualizada e fortemente apoiada na imagem midiática levou Omar Rincón (2006) a propor uma teorização denominada *Política reality*. Para o pesquisador colombiano a lógica do entretenimento de programas televisivos como o *Big Brother*, reproduz atualmente o sistema democrático, pois: “*privilegia la convivencia de las diversidades, aquélla se*

⁷⁸ Aproveitando esse contexto, o Programa de las Naciones Unidas para el Desarrollo lançou o programa Alianzas Territoriales para la Paz y el Desarrollo. Uma iniciativa com apoio e cooperação internacional, o que gera uma outra faceta de ameaça para o povos originários com “ferramentas” e eixos para o “desenvolvimento” apoiados em efetivação e reposicionamento do Estado nos territórios afetados pelo conflito. Disponível em: <<https://is.gd/tgq3qc>>. Acesso em: 11 jan. 2018.

construye de acuerdo con normas colectivamente aceptadas y la gente puede participar en la toma de decisiones de la comunidad ficticia” (p. 76). Esse aparente sistema de efetividade democrática, seria o resultado de uma sociedade interessada em resoluções momentâneas, parciais e demonstra um descompromisso com a desenvoltura de seus participantes (ou melhor, de seus políticos).

Esse fenômeno eleitoral tem se espalhado em diversos países, e geram debates que centralizam a comunicação como propulsor desses candidatos. Que na sua maioria, ou foram concebidos dentro de um meio de comunicação, ou se utilizou deles para afirmar sua “marca”. Os perfis dessas figuras mostram-se como peças globalizadas, frente aos paradigmas da sociedade *mediatizante* de uma era digital instantânea e de circulação ininterrupta. Como um movimento contraditório, o mesmo reduto que organiza, incentiva e propicia o empoderamento de grupos subalternizados, gera a ânsia mercadológica de um perfil político como produto. A partir dessas ideias visa-se refletir o trabalho *Soy el filántropo de Chile*, publicado pela revista Gatopardo em 2011. A história trata da popularização de um milionário chileno por suas doações e ações midiáticas para promover seu nome como presidencialável.

Perro negro, perro café oscuro, perro café claro, perro con la oreja cortada, perro que con un poco más de suerte podría haber sido un pastor alemán. Perro que huele al perro negro, perro negro que se mete a la pileta que está al frente del edificio de la municipalidad de Quilpué. Quilpué: una ciudad de Chile, a 150 kilómetros de Santiago, que con un poco menos de suerte podría ser un pueblo. Casi es fin de año. Casi es el fin de un año en el que hubo un terremoto de 8.8 en la escala de Richter y treinta y tres mineros enterrados setecientos metros bajo tierra en este país en el que ahora un perro negro se mete a la pileta de Quilpué a nadar. Un perro que después deambula entre doscientas personas que esperan sentadas en sillas de colegio. Un guardia que intenta, sin éxito, echar al perro escondido entre las personas que esperan sentadas en las sillas de colegio que rodean el edificio de la municipalidad. Esperan, sentadas en las sillas de colegio, un regalo de Navidad sin saber quién será su Papá Noel. Por aquí y por allá se pasean guardaespaldas. Estamos esperando a un Papá Noel muy especial dice un tipo, micrófono en mano sobre un escenario de madera, y recita instrucciones con tono coreográfico. Este Papá Noel, muy especial, va a saludarlos. Este Papá Noel, muy especial, primero va a entregar un regalo a cinco personas. Después las demás familias van a ir a los toldos. Sí, los blancos. En los toldos tienen que mostrar su identificación. No se preocupen, no se aglomeren. ¿Se entendió? Sííí responden los doscientos. El tipo del micrófono y las doscientas personas están rodeados por rejas blancas. Un guardia cuida que nadie entre. Tiene una lista en la mano con los nombres de las doscientas personas más pobres de Quilpué. Aquí sólo los perros pueden colarse. El tipo del micrófono sigue hablando. Una limusina se detiene al otro lado de la reja. Algunas personas se ponen de pie. El tipo del micrófono sigue hablando, pero nadie lo escucha, y dice, como para sí: Aquí está. Un hombre de pelo amarillo baja de la limusina rodeado por cuatro guardaespaldas. Leonardo Farkas, el pelo crespo y amarillo más abajo de los hombros, metro ochenta, traje negro, pulsera de oro, camina hacia la multitud y se para en el borde de la pileta. Buenos días a todos, gente de Quilpué. Aplausos y gritos: Farkas, Farkas, Farkas; hola, Farkas. Él, traje negro, pulsera de oro, casi en el agua, dice: Yo siempre digo que lucho para que el bien le gane al mal. El otro día alguien me preguntó qué quiero decir con eso. Y yo quiero decir Sonríe, sus dientes blanquísimos. Quiero decir que yo doy para que a los otros empresarios les dé un poquito de envidia y también quieran dar. Los doscientos aplauden. Él, sonrío. Y eso es el bien. (GUTIÉRREZ, 2011, p. 1)

A jornalista Camila Gutiérrez conduz nessas primeiras linhas a criação literária próxima à análise social, frente ao nome e estilo do personagem Leonardo Farkas. Nesse caso, o *sujeto metafórico* parece agregar uma leitura humanista frente uma figura que seria facilmente estereotipa ou dissimulada pela tradução “intelectual”. A escolha autoral é narrar, expondo história e centralidade do personagem. Essa escrita levanta, ao mesmo tempo, uma ação dramática e criativa para compor o personagem frente a reconfigurações políticas. Principia um debate do significado do *ser* político, aos moldes “tradicionais”, englobado pela simbólica de seus pertences, atitudes e palavras. Farkas é dono de uma mineradora de ferro e construiu seu legado, depois de trabalhar como músico nos Estados Unidos. Ficou rico, famoso e se sente estranho entre empresários. Realmente, Farkas é apresentado como alguém “estranho” em todos os ambientes da *crónica*, alguém que “*posa sin que nadie se lo pida*” (p. 3). O empresário, tido como um “santo popular” recebe pedidos de ajuda pelas redes sociais, pensou ser presidente e alcançou popularidade após doar dez mil dólares a cada um dos trinta e três mineiros presos na mina de Copiapó. “*Como la saga de un héroe, como las escenas de la vida de un santo, como los evangelios que hablan de un dios, se desperdigan en Youtube y Vimeo los videos de Farkas dando plata*” (p. 2). A figura pública em seu *reality*.

A narrativa da construção do personagem, enquanto personalidade, reside nos comentários de redes sociais que são usados como depoentes pela cronista – “*le dan gracias por haber ayudado a los mineros (“su gesto con los 33 fue maravilloso”)*, o por existir (“*te repito que dios te envió como un angel a la tierra*”), o por regalar uma bebida: “*Gracias por la bebida que en el verano regalaste en Reñaca*” (p. 3). E também é construída pelos atos de Farkas acompanhado das pessoas que auxiliam na propulsão de sua imagem.

Le gusta, a Andrés Momberg, revisar cada uno de los ruegos que le llegan a Leonardo Farkas. Le gusta no estar casado ni tener hijos. Poder ir, a los cuarenta y dos, detrás de lo que quiere, y lo que quiere es Farkas. Le gusta haber dejado el tedio de su vida de ingeniero comercial. Subir a internet los quinientos videos en que Leonardo Farkas aparece dando plata. Partir, cada vez que Farkas lo llama, y acompañarlo a donde sea. Le gusta, a Andrés Momberg, haber fundado con sus dos primos la Comunidad Farkas. La comunidad es un grupo de trece personas que trabajan coordinando las donaciones, subiendo videos de Farkas a Youtube, controlando su blog, controlando su página de Facebook 469 520 amigos, revisando los dos mil ruegos que recibe a la semana. Hace dos años, en 2008, Andrés y sus dos primos, Hernán y Alejandro, pensaron que los políticos los aburrían. Y descubrieron lo que ya se sabía, que ochenta por ciento de los jóvenes chilenos en un país en el que no hay inscripción automática no estaba inscripto en los registros electorales. Pensaron: están todos aburridos. Volvieron a pensar: tenemos que buscar un candidato. Vieron en la tele a un hombre de pelo amarillo, crespo, largo, que conseguía entrevista, tras entrevista, tras entrevista, porque mostraba que tenía plata y porque, ya entonces, regalaba su plata a los pobres. Dijeron: Él es. Nunca lo habían visto cara a cara. Hicieron un grupo en Facebook “Leonardo Farkas, El candidato 2.0 para una nueva política en Chile” y subieron una foto trucada de Farkas con la banda presidencial. (2011, p. 3-4)

A construção de candidatos como Farkas arquitetam elementos simbólicos que fazem do *marketing* político o item que dilui a rede de *signos* do perfil político tradicional. Os políticos “*los aburrian*”, e como um grupo de estratégia busca “*un candidato*”. A reivindicação midiática em Farkas acompanha a tendência digital de *trending topics*, porém colados aos números e acessos das ruas. Assim, o fluxo dos acontecimentos desse perfil político, independe de sua bagagem à direita ou à esquerda. O espectro político é inter cruzado por um “candidato 2.0”, no qual a variação de seus atos e plataformas, não está alinhada à pluralidade e/ou transformação, seria uma “*visión de la “diversidad” como mera variedad de rótulos o logos de identidad destinados al reclamo por inclusión a un mundo asentado sobre premisas y valores ya constituidos e incontestables.*” (SEGATO, 2007, p. 17). Um discurso de manutenção transvestido de revigoração política.

Farkas é constituído em sua complexidade, ao mesmo tempo que produz e renega seu nome como presidenciável. Que fundamenta sua visibilidade econômica, e tenta limitá-la. Que mescla as línguas espanhola e inglesa, e que possuiu fixação por ser o “único”, o “*mejor*”, que se considera acima de tudo, artista – “*Yo soy artista. No soy empresario. Somos gente más sensible*”. Os movimentos do empresário são acompanhados em seu *reality* cronístico por seus e-mails, vídeos, notícias dos principais jornais do país, por trechos que participa na televisão, de registros históricos de sua família e suas posses.

Andrés Momberg ha hablado algunos días antes de la Navidad con el cura de una iglesia de Viña del Mar. Le ha dicho que junte a las doscientas personas más pobres de la ciudad, que las junte en la iglesia, que les diga que les repartirán regalos de Navidad pero que no cuente quién. Leonardo Farkas llegará de sorpresa, como Papá Noel, mientras la gente canta mirando a la Virgen y a Jesús. Llegará en su limusina al barrio más peligroso de la ciudad y la gente cantará mirando a la Virgen, mirando a Jesús crucificado. Farkas entrará a la iglesia, la gente se dará vuelta sin dejar de cantar, y entonces los cantos ya no serán sólo cantos. Serán aplausos, serán sonrisas, serán gritos. Y él dirá: Hay quienes piensan que a quien yo toco gana plata. Tocaré a tres mujeres. Habrá aplausos de toda la iglesia, y él, de pie frente al altar, sonreirá con sus dientes blancos, y Cristo estará atrás, justo atrás, muerto y sin sangre, y él adelante, con su corbata lila, con su pañuelo lila, vivo. (2011, p. 8).

A voz direta da narradora estabelece uma aura mítica ao personagem. Conectada e acompanhada por descrições de mitos e construções que falam em santidade, em personalidade especial e admirada. A constatação dessas cenas remete um *fazer* político pelo discurso. Contudo, percebe-se o labirinto desse jogo político por se tratar de um embate, no qual o poder econômico é linha de frente. Portanto, perceber esse enquadramento – como algo padrão e tradicional ao espectro político – reforça a necessidade de estarmos atentos às formas de discursos e aos meandros da construção identitária de determinadas pautas influenciadas pela opinião pública. A reprodução, criação e difusão dessas pautas, pelo contexto massivo midiático, insere uma “visão tipificada da

realidade social” (p. 73) que se alinha aos “exercícios de poder” (p. 75), como argumenta Flávia Biroli (2011). Essa naturalização, que a autora propõe a partir da utilização de estereótipos midiáticos, reproduz “tensões e contradições entre os discursos elaborados pelos dominantes, que são publicamente dispostos como entendimento legítimo das relações de poder” (p. 81). A exemplificação dessas figuras deixa a percepção da complexidade do cenário de lutas sociais, no qual a ação midiática e massiva possuiu um *reality* empregado aos sistemas de legitimação, deixando rastros de uma história repetida.

5.2.5. Gênero

Na cidade de Antofagasta de la Sierra, norte argentino, o prefeito resolveu doar quatro casas para algumas mães solteiras em troca de votos. O bairro cresceu, e com sessenta e quatro mães, o bairro San Juan virou tema em 2008 da revista *Etiqueta Negra*. A jornalista Josefina Licitra narra sua busca pelo local: “*Me contaron que existe un barrio de mujeres solas y, ahora que empecé a buscarlo, veo que la mujer más sola soy yo*” (p. 1). Nessas linhas mostra-se a autora descortinando o processo de pesquisa e produção da reportagem. Esse tom narrativo-pessoal irá acompanhar toda a construção do texto *El barrio de las mujeres solas*. Esse modo de formação do *sujeto metafórico* se apresenta como uma narrativa envolvida não somente pela história “do outro”, mas conta também por uma busca e questionamento íntimo da autora. Reivindica, de certo modo, o acompanhamento do(a) leitor(a) na sua jornada introspectiva. Para Adriana Callegaro e María Cristina Lago (2012) “*la cronista se semiotiza como narradora y se explicita al comienzo del relato adoptando un rol no sólo de testigo sino también de “héroe”, en el sentido clásico*” (p. 56).

Desde o início, a cronista expõe um perfil de uma mulher urbana que estranha os modos de transporte – “*ese tipo de servicios que un turista americano tildaría de “folclóricos”*” (p. 2) –, que possuiu acesso à internet, é intelectualizada e possuiu conhecimentos que são expostos no decorrer do texto. E ainda, angustia-se com o tempo: “*Si es cierto que las palabras se construyen con el uso (y se destruyen con el desuso) puedo decir que en Antofagasta de la Sierra la palabra “acelerar” no existe*” (p. 11). A autora se soma aos leitores da revista *Etiqueta Negra* que, como apresentamos anteriormente, possuiu um perfil de níveis acadêmicos elevados e em sua maioria conexos à cultura urbana. Nesse preâmbulo, inicia-se uma aparente exotização do lugar e das pessoas que serão representadas: “*La ubicación geográfica, la burocracia y la existencia de un barrio de mujeres solas hicieron de Antofagasta un lugar casi irreal.*” (p. 5). Assim como, a presença demarcada da natureza: “*la naturaleza se ensaña de tal forma que no hay nada que se pueda hacer con la propia vida, salvo resistir*” (p. 3). Esse comentário sobre a alteração do calendário escolar durante o inverno, é exemplo de uma marcação de estranhamento ao local e aos

modos de vidas que Antofagasta apresenta. Bem como o distanciamento entre a criação do bairro San Juan e uma consciência feminista. Distante da experiência e entendimento da cronista.

El San Juan nació como respuesta a un problema difícil y común. En las zonas extremadamente rurales del norte argentino –como Antofagasta de la Sierra– siempre fue usual que las mujeres se embarazaran de hombres a los que habían visto muy pocas veces en su vida. Para ellos, las mujeres eran un cuerpo lleno de orificios y silencio. Y eso significaba que, si quedaban embarazadas, las chicas no hacían reclamos: tenían a sus niños solas, los criaban solas, y se pasaban la vida sin tener la mínima noción de lo que era una «familia» y –menos aún– de lo que eran los deberes legales de un padre para con sus hijos. El derecho de familia, en Antofagasta, era algo tan inexplicable como internet. El barrio de mujeres solas, entonces, no nació bajo el impulso de ninguna lesbiana militante: surgió como un intento del Estado por dar una vivienda –un mínimo amparo– a un puñado de madres que no tenían un techo bajo el que caerse muertas. (LICITRA, 2008, p. 6)

Aponta-se um cenário complexo da representação do feminino. A narradora coloca-se frente uma realidade que seria de fácil conexão no ambiente intelectual e urbano. Trouxe em sua bagagem as certezas de um sistema de transformação regimentado pela militância. O somatório de mulheres desassistidas de seu grupo familiar e pelo Estado, frente ao posicionamento machista e a criação do bairro não estariam apoiados em resoluções “teóricas” feministas. O que surpreende a narradora. O choque da autora em perceber que o contexto era constituído de outra maneira, agrega um valor da complexidade identitária da formação das vozes de grupos silenciados na contemporaneidade.

O posicionamento que distancia vida “política” e “militante” do cotidiano de mulheres violentadas impede um entendimento de vertentes do feminismo ao se apresentar múltiplo e diverso. Sem se anular, nem dividir, a *crónica* desmistifica uma visão elitizada e academicista da pluralidade da luta feminista – principalmente, se partirmos dos modos de representação no cenário jornalístico massivo, corporativo e diário. Portanto, o *impulso militante* das mulheres de Antofagasta está na sua resistência e busca por transformações, o contexto dessas pessoas no interior argentino, assume um reflexo da condição das mulheres na América Latina. Violentadas e desamparadas em casos de abuso: “*Acá, si la chica quedaba embarazada, los padres la corrían de la casa y la chica no tenía dónde parar*” (p. 4), declarou uma das entrevistadas. São formações complexas que a força do patriarcado sobre os corpos “*lleno de orificios y silencio*” transcendem sua condição.

En la calle principal –una estría ocre en el medio de las casas también ocre– hay algunos postes de luz eléctrica. Pero por afuera de esos postes –los únicos rastros de amparo estatal– no hay nada. Y en el medio de esa nada, Celina Ramos, cincuenta años, dos hijos, dos nietos, un diente, un pañuelo en la cabeza, habla de política. –Antes de la política es que ellos hacían promesas, madre. Pero después de la política ya no hacen más nada. El senador Rodríguez disque iba a darnos la casa, pero me dio solamente las paredes y el

techo, madre. Yo le hice poner la luz, yo compré la cocina, yo puse las puertas, las ventanas, el piso. Todo sola, madre, porque siempre fui sola. (2008, p. 7)

Falar de política, nesse caso, é reivindicar uma resistência e compreensão de uma conjuntura, no qual estar *sola* é ascender seu local de fala. O *fazer* político dessas mulheres se encontram na cotidianidade, na afloração pessoal e íntima de seus atos. “ – *porque por más leyes que haiga...que yo tengo mi hijo, que lo pongo em el juez, que el padre me pasa el dinero, eso no soluciona el problema*” (p. 9), declara a moradora Emilia Mamani, sobre o papel das políticas públicas. E complementa sua fala com conselhos para a filha: “*Entonces vos nos sufrás: estudiá, toma anticonceptivos, no te metás a tener hijos y sea algo más algún día*” (p. 10). Aos poucos a heroína-narradora começa a ouvir conhecimentos para desarticular seu posicionamento e certezas.

En el barrio de mujeres solas no hay flores frescas, no hay cortinas bordadas, no hay olor a detergente, ni dentaduras completas, ni maquillaje, ni calzones de encaje colgando de las sogas de lavar. San Juan es, de algún modo, la versión menos publicitaria, más descarnada y más seria de lo que puede llegar a ser el destino femenino. (2008, p. 7)

O feminino, que agora a autora acessa, condiz com uma dissociação dos esquemas midiáticos de representação. Ao final, a autora identifica os conceitos *matrilinealidad* e *matrilocalidad* para refletir sobre a condição das mulheres em Antofagasta. “*las mujeres de San Juan tienen un único punto en común con el sistema matriarcal: ignoran a los varones por completo*” (p. 12). Fazer essa equiparação de miradas ocasiona uma leitura social que desnuda tanto a noção conservadora sobre o papel da mulher, como do padrão militante-intelectual – que parte da luta feminista assumiu e é reconhecida. Um esforço que é identificado na proposta *descolonial* de María Lugones, pois:

A crítica contemporânea ao universalismo feminista feita por mulheres de cor e do terceiro mundo centra-se na reivindicação de que a intersecção entre raça, classe, sexualidade e gênero vai além das categorias da modernidade. Se *mulher* e *negro* são termos para categorias homogêneas, atomizadas e separáveis, então sua intersecção mostra-nos a ausência das mulheres negras – e não sua presença. Assim, ver mulheres não brancas é ir além da lógica “categorial” (LUGONES, 2014, p. 935)

Essa perspectiva ativa uma subjetividade que desestabiliza as relações de opressão e resistência, dessa maneira, reinventa-se sobre a lógica hegemônica processos de diversificação, libertação e instabilidade dos meios de combate ao padrão da colonialidade (p. 940). Nesse processo, Lugones demarca uma descolonização do gênero que possibilitaria o reconhecimento de outras formas de ação e *fazer* político, pois estariam alinhados a um imaginário múltiplo que

desfiguram a padronização realizada pelo colonizador. É dentro desse aparato que o *rebento identitário* se revela ao impulsionar novas trilhas, e abrir outras veredas nos caminhos sociais. “Estamos nos movendo em um tempo de encruzilhadas, de vermos umas às outras na diferença colonial construindo uma nova sujeita de uma nova geopolítica feminista de saber e amar” (p. 950-951). São esses horizontes que se reconhecem, ao respeitar as escolhas da narradora, desde a complexidade em marcha das identidades feministas na América Latina.

A maneira de visualizar *outras figuras de poder* nas representações via jornalismo narrativo condensam uma mirada identitária múltipla e plural, e involucrada de desafios em seu registro. O momento político latino-americano impulsiona esses desafios na mirada de cronistas que se deparam com o desafio, e não se limitam aos estereótipos e enquadramentos midiáticos de padrão *massivo, corporativo e diário*. Assumir essa condição, e fortalecer o seu ponto de vista, estão entre os ganhos da representatividade das vozes do jornalismo narrativo frente a essas identidades. O que não representa, necessariamente, uma pluralidade no *locus* de sua produção. Identidades e grupos sociais, como negros e indígenas, possuem uma representatividade módica como autoras e autores dentro do *periodismo narrativo*. Esses grupos estão ligados a outros gêneros jornalísticos como o Jornalismo Comunitário, o Popular e o Investigativo. Portanto, o jornalismo narrativo repete-se como significação autoral. Demonstra um perfil urbano, masculino, branco, letrado, proveniente de classes médias e altas. Rememoramos a indicação na apresentação do *corpus* desse estudo, no qual os leitores das revistas destacadas são, invariavelmente, uma conjunção de pessoas de classes elevadas, “*contemporâneo*” e de “nível acadêmico elevado”. Desse modo, o jornalismo narrativo fala de identidades e realiza uma representação política da América Latina de frente ao espelho.

Entre os textos selecionados nessa dissertação temos a autoria de seis mulheres, de um total de dez *crônicas*. Esse número autoral amplifica as vozes e mostra um pequeno avanço na equidade de gênero dentro do histórico do jornalismo narrativo, porém ainda não se configura representativo – dentro das cinco revistas analisadas a direção e a coordenação possuiu homens em posição de chefia. Outro exemplo, é que em treze anos de existência o Prêmio Gabriel García Márquez⁷⁹ laureou como melhor texto somente três mulheres. Algo que também demonstra esse distanciamento de representatividade está na pesquisa, realizada pela *SembraMedia*⁸⁰, em países como o Brasil, Argentina, Colômbia e México sobre empreendedorismo em meios digitais. De um total de 100 *sites* de notícias desses países, 62% foi fundado por alguma jornalista, e em torno de 600 meios digitais de língua espanhola em nível mundial, possuiu como fundadoras uma

⁷⁹ Entre os anos de 2000 a 2010, o Premio Gabriel García Márquez denominava-se Premio CEMEX+FNPI, que nos últimos anos modificou seus quesitos e áreas de premiação dentro do jornalismo feito na América Latina. Cf.: <<https://is.gd/HwVWEr>>. Acesso em: 13 jan. 2018.

⁸⁰ O estudo *Ponto de Inflexão – Impacto, ameaças e sustentabilidade: um estudo dos empreendedores digitais latino-americano*, está disponível no site: <<https://is.gd/gt3o4x>>. Acesso em: 13 jan. 2018.

porcentagem de 40%. Esses números se tornam outra representação constituída, se comparada com os meios tradicionais e hegemônicos. Contudo, no nosso objeto de estudo demonstra uma vertente estilística com uma necessária e emergencial busca e abertura para outros tipos de narradoras e narradores.

O poderio desses grupos, que ratificam sua *infrapolítica* – para continuar através das ideias de Lugones (2014) –, opera uma identificação libertária em curso que fundamenta passos de renovadas formas de atuação política. O poder, entendido como controle e submissão, passam a conferir a grupos silenciados, a fortificação maleável da sua *poieses* cotidiana, na representação autoral do jornalismo narrativo.

O trabalho *O bagulho é doido, tá ligado?* possibilitou o entendimento parcial do movimento *hip-hop*. Porém, foi sua análise mostrando brechas e elementos fragmentados das negritudes que forjou a valia narrativa. Essa constatação, ao intercruzar com o suporte político e inventividade da própria expressão cultural, expõe espaços de vivências estigmatizantes. E como consequência, escancaram uma *palavra-política* sustentada por afirmação de sua alteridade. O *fazer* político representado na vivência, espaço e condição – no caso, de uma população marcadamente negra que vive na periferia e provinda de uma classe social baixa – que gera protagonismo e reconhecimento social. Já o texto *El debut político de los nativos digitales* aciona um envolvimento do leitor(a) e a dissolução de pragmatismos para engendrar sua narrativa. O trabalho percebe o movimento estudantil e as juventudes como alianças, em formação, da integração da prática política em coletividade. Os estereótipos sobre a juventude são trocados pela assimilação de uma análise social que intersecciona gênero e conflitos geracionais. O reflexo de uma tecnopolítica comunicacional também insere ao grupo representado o frescor das resoluções próprias e íntimas de seu “descobrimento” sociopolítico. O que a *crônica* conduz é a percepção multifacetada de micro-lutas, no qual elementos tradicionais de grupos estabelecidos são reinterpretados. Em *La fuerza del ombligo* o destaque analítico percorreu o movimento indígena, fundamentado em sua territorialidade. O elemento da memória como conexão entre representação e atuação, também confere o entendimento de um grupo que tensiona o colonialismo desde seu habitat – lutas pelo direito à terra e autonomia que friccionam o ambiente hegemônico. A *palavra-política* nessa *crônica* estabelece conexão histórica e analítica de uma ação genocida, que estabelece um entendimento por conexões, no qual a universalidade é combatida pelo enraizamento simbólico e político.

O conceito de *política reality*, de Omar Rincón, nos auxilia na interpretação da publicação *Soy el filántropo de Chile*. Refletir sobre os aparatos digitais de construção imagética e individualizante resultam em personalidades políticas reinventadas pela lógica do entretenimento. O

debate que a *crónica* traz ao usar a narrativa midiática como pano de fundo ao sujeito político, flexiona o modelo tradicional do candidato político. Nessa parte, o *fazer* político é discurso *empalavrado* por dissimulações de reforma e renovação política, no qual o poderio econômico ainda é prumo para as relações. O labirinto dessa relação representada serve como alerta aos modelos confeccionados como “novidade” no espectro político viciado e eminentemente pautado pelo modelo hegemônico. Ao final, o debate sobre gênero e feminismo é refletido no texto *El barrio de las mujeres solas*. Essa análise levou em consideração, e reafirmou, a condição plural e diversa das identidades políticas na contemporaneidade. Assim como, a inserção de narradoras preocupadas (e às vezes, impossibilitadas) de acessar a complexidade e entendimento dos grupos retratados. A jornada íntima da autora revelou conflitos a partir da demanda conservadora frente ao feminino, como também a sua radicalidade frente aos modelos estabelecidos de militância. Esse complexo cenário, encontrado na maioria das *crônicas* selecionadas, assume uma subjetividade que se reinventa frente os processos de exclusão. O revestimento interseccional de raça, trabalho e gênero demonstra uma co-ação que faz, desde o olhar conservador até a mirada convertida em esquerda-tradicional, como propulsores de um *reberto identitário* que se estabelece por encruzilhadas e fronteiras em meio ao território (até então) seguro e instável da colonialidade.

A *prática, vivência e técnica* do jornalismo narrativo transformam a dinâmica política na América Latina. Assumindo a compreensão das dificuldades de análise em termos de instabilidade e multiplicidades de consciências autorais que são evidenciadas por cada cronista no seu universo inventivo e singular. Assim como nas limitações, particularidades e desafios que integram um campo de resistência e de luta que podem ser assimilados como confrontação possível frente à silenciamentos sociais.

As formas de criação, e/ou apropriação dos espaços políticos por esses perfis emergentes e afirmadores, aparecem nas *crônicas* pelo prisma da subjetividade e é fomentado por uma força *metafórica* alinhada à *poieses* de uma comunicação que percebe elementos hegemônicos como instáveis frente ao comportamento social de suas identidades – vivas em resistências, ou ainda em formação e/ou compreensão. O território diminuto, porém, revigorado pelo movimento, onde habitam essas representações afluem brechas na comunicação e na política ocupando espaços em zonas de intermediação que se repetem como formas padronizadas e estagnadas. E como afirmamos anteriormente, necessita ressignificar o seu limite como representatividade autoral, alçando um perfil de narradoras e narradores que atravessem o outro lado de uma caracterização urbana, masculina, branca, letrada e de classes médias e altas.

A mediação afirmada por cronistas e narradoras forja um espaço a grupos sociais, étnicos e raciais que engendram *aprofundamento-revisão-criação*. Como já citado, reafirma-se um debate de conjunturas que versam entre imaginário, mercado, influência narrativa, práticas de controle, humanização dos processos comunicacionais e memória social. Mesmo tendo em vista a sua conformação autoral limitada, os embates da representação simbólica e poética, que essa escrita se propõe, reascendem uma perspectiva de assimilação política contemporânea dialogando com uma comunicação inclusiva e transformadora.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Iniciamos a trajetória pelas *paragens* da representação política e simbólica do jornalismo narrativo acompanhados por Walter Benjamin e Luiz Sérgio Metz. Dois narradores, cronistas de suas temporalidades e arquivos sensíveis da humanidade. Esses autores, na sua busca pela reflexão e aprofundamentos, resolveram desestabilizar os pontos de equilíbrios no qual eles submergiam. Benjamin, pela variação da forma de escrita acadêmica convertida em narrativa. Metz, pela localização da forma de escrita jornalística que transcende seu status informacional. Dois autores que se enredaram pela escrita atemporal. Subverteram as limitações das formas tradicionais e simplistas de representação.

O movimento entre *paragens*, o qual propomos, teve o intuito de ressignificar trabalhos de objetivos semelhantes aos autores-companheiros, acima citados. A concepção de *crônica* transcende sua localidade e tempo. Está na sua condição *fronteriza* de ambientação, projeção e descentralização que reconduz os olhares sobre culturas, pessoas e conhecimentos. Que, no nosso entendimento, se convergem na encruzilhada política de nosso tempo. Eleger a *crônica* como fator de mediação na encruzilhada dos gêneros cientistas, de análise social, etnográfico, jornalístico e literário é uma reafirmação de um tipo de escrita própria da região. E ratificamos Washington Uranga (2005), pois os atos de denúncias, a apresentação dos fatos e o relato de acontecimentos já não bastam para suprir os modos de transformações e inserção social pelo peso jornalístico, frente aos desafios de nossas identidades e culturas. A leitura do jornalismo narrativo acrescenta essa prática política no horizonte. Assim visualizamos, e indicamos como uma das contribuições latino-americanas para a reprodução simbólica, entendimento e reflexão social.

O contexto contemporâneo, de um novo ciclo de insurgências e revigorações políticas, assim como de uma desconfiança dos poderes e autoridades tradicionais, inclui a *crônica latinoamericana* como uma corrente que compõe inúmeros processos de descolonizações possíveis. Desestabilizar marcos e conceitos enraizados partem, como afirmamos anteriormente, de uma luta física de existência. São as quebras de estereótipos e sua reprodução que irão garantir a problematização sobre a normalidade de genocídios de diferentes grupos sociais. Desse modo, o cenário atual dentro de uma rede de jornalistas inclui a percepção de atores sociais que se enraízam num entre-lugar que alinha em si a *interculturalidad* (através do empoderamento de sua história e pluralidade), a possibilidade da *descolonização do saber* (por meio do acolhimento/convivência de outras sabedorias), e que gera um narrador-cronista descolonizado, um possível *sujeto metafórico*, que se comunica por outra via na condução da vida e da palavra *político-poética*.

Estratégias discursivas, sobre o marco jornalístico, como a possibilidade da dúvida, negação da imparcialidade e superação de uma subjetividade frente à objetividade, garantem ao cronista prostrar-se de maneira afirmativa ante à complexidade da vida social. E o seu

relato ganha formas atemporais de registro. Reafirmamos um narrador jornalístico concebido em sua subjetividade, precedendo elementos como a possibilidade da dúvida, na concatenação de seu labor. Apresenta, igualmente, a fonte questionadora de padrões estilísticos como a linguagem direta, credibilidade e objetividade. Acarretando uma mescla identitária de camadas sobrepostas que se envolvem e se cruzam nos embates de sua experiência. Na trajetória desse trabalho o jornalismo narrativo codifica o cenário público, o espaço de discussão social, para perspectivas que não são diagnosticadas e/ou respeitadas. É na sua *chegança* com equívocos e impossibilidades que também conforma-se um ambiente vivo na sociedade. É no seu *estar* de limitações próprias e íntimas de seus autores e autoras, de ambiguidades estilísticas, de um comportamento instável frente a um estilo em constante movimento, na encruzilhada de um tempo que sente as suas barrancas assoreadas pelas forças descoloniais. Portanto, indica-se nesse processo uma performance de embate que planta questionamentos sobre como e onde classificar esse gênero, de como se pluraliza seus espaços de discussão e de relevância. Ainda indaga-se, como os processos hegemônicos estão engolindo suas atuações, de qual o seu verdadeiro impacto e importância frente ao jornalismo tradicional, e de onde surgiu a sua empatia social. Questionamentos que afloram pela reflexão, porém não se encerram com respostas diretas, elas emergem na discussão pela indicação de uma representação simbólica em andamento, mergulhada em um tempo movediço que aponta as dificuldades de enquadrar um objeto de estudo em formação. Credita-se, nesse momento, a importância de sua inquietação frente aos campos sociais e comunicativos.

Contudo, é necessário ressaltar uma limitação enquanto acesso e influência. Acredita-se que sua representatividade, que alguns pesquisadores ressaltam a conformação de um *boom* da *crônica*, refaz o trajeto de um *case* editorial conflagrado pelo contexto político da região. No marco da recepção, ainda é diminuto o seu acesso. A carga expositiva, demandada pelas narradoras e narradores, são provenientes de bagagens culturais distintas. O que impossibilita sua introdução em espaços que não possuem acesso à internet, menos ainda nos espaços públicos de suas revistas que demandam um repasse ao leitor de um valor alto para os padrões econômicos da América Latina. O mesmo ocorre na sua produção, que ainda tem como base características de um sujeito urbano, letrado, masculino, branco e de classes médias e altas. O narrador encontrado nas revistas analisadas possuiu uma forte afinidade com seu público-alvo que é configurado como contemporâneo e de “níveis elevados”. Grupos, gêneros e identidades sociais, como indígenas, negros e negras e pessoas trans, ainda possuem espaços diminutos dentro das revistas estudadas. O jornalismo narrativo, que possuiu como destaque a sua pluralização narrativa, necessita criar espaços transformadores de sua composição autoral. Concebemos, e reiteramos o valor e a importância do jornalismo narrativo, mas não podemos nos privar de indicar suas limitações enquanto audiência e autoria. O jornalismo narrativo pluralizou a sua produção, agora precisa garantir que essa pluralização ressignifique em seu campo de recepção e produção.

De maneira geral, se buscou desenhar um circuito interdisciplinar que atravessa a palavra, a comunicação e as atuações políticas na contemporaneidade, assim como as emancipações sócio-poéticas. Conectadas, principalmente nas ideias de *memória*, *vivência* e *mediação*. No capítulo dois, reuniu-se esse posicionamento através dos conceitos de mediação sociocultural e da *palavra-política* – a rearticulação do ícone que a potencialidade cronista reascende por via da *poieses* e da análise social. O que classificamos como a *outra história da palavra* e que apresenta-se readaptada frente à colonialidade. Nessa *paragem* pretendeu-se conceber o território simbólico, poético e político, no qual seria fecundo para a conflagração do jornalismo narrativo. No terceiro capítulo concluiu-se a concepção de narração em que está embasada nossa análise. A concepção que delineamos não se apresenta estável e/ou padronizada. A concepção da *crônica*, dentro do jornalismo narrativo, é revestida por personalidades. A subjetividade e a proporção de uma exclusiva representação em cada texto foram trabalhadas na intenção de alargar ao máximo essa concepção. Pois, de suas margens se configura o entendimento do discurso narrativo. Desse modo, gênero e a construção simbólica são – por estratégia discursiva – uma amostragem *instável e indisciplinar*. Essa construção também refletiu sobre o *fazer* político que se pretendeu caracterizar. No quarto capítulo unificou uma codificação identitária com base na noção de *rebento identitário* – como o brotar de relações, afirmadamente, dispersas e fortes em sua contrarreação. Debate que reafirmou o papel da *memória*, *vivência* e *mediação*, pois caracterizou uma aplicação cronista via *prática*, *vivência* e *técnica*. Outra tríade conceitual que reafirmamos, nesse momento, é a composição do jornalismo hegemônico entendido em sua formação alicerçada pelas ideias do *diário*, *massivo* e *corporativo*.

Conjuntamente, dessa trajetória resultou responder no quinto capítulo os questionamentos de: como ocorrem as representações políticas das figuras de poder na América Latina pelo jornalismo narrativo? Analisados em dois grupos temáticos – *Figuras de poder tradicional* e *Outras figuras de poder* – as dez *crônicas* selecionadas versaram sobre mídia e religião, forças militares e partidárias, classe alta e judiciário, narcotráfico e governabilidade, ditadura e Estado, juventudes, negritudes, feminismo, movimento indígena e midiaticização da política. Além de processos de revisão identitária e de representação, assim como a sedimentação de elementos tradicionais e/ou contraditórios envolvidos no mesmo processo do *fazer* político na América Latina. Em nossa leitura, levamos em consideração: os entrevistados com citações diretas; as formas de contextualização; presença do(a) autor(a); perfis políticos; vozes contrastantes; e também metáforas e imagens propiciadas pelo trabalho cronista.

A concepção polifônica da narrativa desses cronistas, assim como sua criação em constante atualização pela forma e pelo momento social, carrega os espaços políticos com uma força *metafórica* que adentra por brechas da comunicação hegemônica via *poieses* do cotidiano. Reitera-se que essa concepção conjectura em sua representação o imaginário, o mercado, a

influência narrativa, as práticas de controle, a humanização dos processos comunicacionais e a memória social. Proporcionalmente, a análise que conduzimos incorporou o status de desconfiança entre os campos jornalístico e literário sobre a *crônica*, mantendo como propósito a sua função *fronteriza* que adensa, porém não rearticula, os gêneros. Manteve-se no limiar de suas marcas, pendeu de forma não-linear, entre discussões que apontavam avaliações estigmatizadas. O que pretendeu-se, foi carregar esse membro simbólico e imaginário para uma recondução política de sua existência – que versa com a existência das pessoas narradas e representadas pelo jornalismo narrativo. A quebra da marca hegemônica de representação converge-se para além dos campos simbólicos. Mostrou-se inclusive a dificuldade de entender, mediar e reproduzir determinadas presenças identitárias. Presenças que, em alguns casos, estão em fase de afirmação que assinala seu posicionamento de desestabilização da norma, ou ainda, de uma reconfiguração social dos jogos de poder. A verificação dessa limitação cronística demonstra uma evidente busca sensível em/na alteridade de pessoas e grupos. Funda-se na análise a reafirmação *fronteriza*, e as lacunas dessa análise também são assumidas como proposição epistêmica. No entender que são essas lacunas que possibilitarão a visita de outros viajantes nas *paragens* que propomos. Ou seja, não se propõe a criação de um “mapeamento”, e sim um provocar pela busca do trajeto – sem determinar o seu final ou o melhor caminho.

No processo de *aprofundamento-revisão-criação* de identidades, os embates da representação simbólica e poética, que essa escrita se propõe, reascende uma perspectiva de assimilação política contemporânea dialogando com uma comunicação inclusiva e transformadora.

O horizonte epistêmico *contrapunteado*, ao estilo *lezimiano*, trouxe a reafirmação do jogo sociopolítico revestido de cultura. Algo que reconhecemos como entidades inseparáveis. A construção dessas páginas, que viemos delineando nesse território, vale-se da abertura de um marco de discussão amplo e que se torna introdutório – principalmente pela tentativa em aproximar o campo jornalístico brasileiro de vertentes da comunicação em língua espanhola. Mostraram-se questionamentos que possibilitaram nos enveredarmos por infinitas conexões – que ainda se mantêm abertas, como objetos turvos em campo aberto. Assim como alguém que visa o horizonte frente ao sol, o trajeto dentro de nossas *paragens* parece se multiplicar na vastidão de sabedorias e questionamentos que habitam esse território. Resta-nos, seguirmos.

REFERÊNCIAS

ALONSO, Paulo. Prensa cosmopolita: etiqueta negra y el malpensante. **Revista Latinoamericana de Comunicación CHASQUI**, septiembre, número 099 Centro Internacional de Estudios Superiores de Comunicación para América Latina. 2007.

ÁLVAREZ, Miriam. **Tipos de escrito I: narración y descripción**. 9. ed. Madrid: Arco Libros, 2010.

ANDERSON, Benedict. **Comunidades imaginadas: reflexões sobre a origem e a difusão do nacionalismo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2013.

ANTUNES, Irlandé. **Análise de textos - fundamentos e práticas**. Parábola Editorial. São Paulo, 2010.

ARBEX, J.Jr. **Showrnlismo – A notícia como espetáculo**. São Paulo: Casa Amarela, 2001

BAL, Mieke. **Teoria de la narrativa: Una introduccion a la narratologia**. 8. ed. Madrid: Cátedra, 2009.

BARBOSA, Marialva Carlos. Tempo, tempo histórico e tempo midiático: interrelações. In: MUSSE, Christina Ferraz; VARGAS, Herom; NICOLAU, Marcos (Org.). **Comunicação, mídias e temporalidades**. Salvador: Edufba, p. 19-36. 2017.

BARTHES, Roland; PINTO, Milton José (et al). **Análise estrutural da narrativa**. 8. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013.

BEJEL, Emilio. **La Historia y la imagen de Latinoamérica según Lezama Lima**. 1991.

Disponível em:

<http://www.academia.edu/21148066/La_Historia_y_la_imagen_de_Latinoam%C3%A9rica_seg%C3%BA_n_Lezama_Lima>. Acesso em: 20 jan. 2017.

BENJAMIN, Walter. **La obra de arte en la época de su reproductibilidad técnica**. 2003.

Disponível em:

<https://monoskop.org/images/9/99/Benjamin_Walter_La_obra_de_arte_en_la_epoca_de_su_reproductibilidad_tecnica.pdf>. Acesso em: 17 set. 2017.

_____. **Magia e técnica, arte e política: Ensaio sobre literatura e história da cultura**. 3. ed. São Paulo: Brasiliense, 1987.

BERGER, Peter L.; LUCKMANN, Thomas. **A construção social da realidade: tratado de sociologia do conhecimento**. 30. ed. Petrópolis: Vozes, 2009.

BERNABÉ, Monica. Prologo. In Cristoff, María Sonia, comp. **Idea Crónica. Literatura de no ficción iberoamericana**. Buenos Aires: Beatriz Viterbo, Fundación TYP A. 2006.

_____. Sobre márgenes, crónica y mercancia. **Boletín/15**, octubre, pp. 1-17. 2010. Disponible en: <http://www.celarg.org/int/arch_public/bernabeb15.pdf>. Acesso em: 12 abr. 2017.

BHABHA, Homi K. **O local da cultura**. Belo Horizonte: EdUFMG, 1998.

BIANCHINI, Federico. El supremo anfibio. **Anfibia**, Buenos Aires, maio 2012. Disponível em: <<http://www.revistaanfibia.com/cronica/el-supremo-anfibio/>>. Acesso em: 19 jan. 2017.

BIROLI, Flávia. Mídia, tipificação e exercícios de poder: a reprodução dos estereótipos no discurso jornalístico. **Revista Brasileira de Ciência Política**, Brasília, v. 1, n. 6, p.71-98, jul-dez. 2011, p. 71-98.

BOBBIO, Norberto; MATTEUCCI, Nicola; PASQUINO, Gianfranco. **Dicionário de política I**. trad. Carmen C, Varriale et ai.; coord. trad. João Ferreira. Brasília : Editora Universidade de Brasília, 1998.

BORDELOIS, Ivone. **La palabra amenazada**. Buenos Aires: Libros del Zorzal, 2003. Disponível em: <https://iesbolivar-cba.infed.edu.ar/sitio/upload/Bordelois_-_La_palabra_amenazada_IES LENGUA.pdf>. Acesso em: 10 Não é um mês valido! 2016.

BOURDIEU, Pierre. **O poder simbólico**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1998.

BRESSER-PEREIRA, Luiz C. **Nação, estado e estado-nação**. 2008. Disponível em: <<http://bresserpereira.org.br/papers/2008/08.21.Na%C3%A7%C3%A3o.Estado.Estado-Na%C3%A7%C3%A3o-Mar%C3%A7o18.pdf>>. Acesso em: 10 jan. 2017.

CAETANO, Gerardo. Distancias críticas entre ciudadanía e instituciones: Desafios y transformaciones en las democracias de la América Latina contemporánea. In: CAETANO, Gerardo (comp) et al. **Sujetos sociales y nuevas formas de protesta en la historia reciente de América Latina**. Buenos Aires: Clacso, 2006. p. 243-259. Disponível em: <<http://biblioteca.clacso.edu.ar/clacso/gt/20101020012032/caetano.pdf>>. Acesso em: 25 set. 2016.

CALLEGARO, Adriana; LAGO, M. C. La crónica latinoamericana: cruce entre literatura, periodismo y análisis social. **Quórum Académico**. Vol. 9, Nº 2, julio-diciembre 2012, P. 246 – 262. Universidad del Zulia: Venezuela. Recuperado de: <<http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=199025105004>> . Acesso em: 04 nov. 2017.

CALLEGARO, Adriana; LAGO, Maria. et al. **La crónica latinoamericana como espacio de resistencia al periodismo hegemónico**. 2011. Disponível em: <http://humanidades.unlam.edu.ar/descargas/4_A145.pdf>. Acesso em: 10 jan. 2016.

CALVEIROS, Pilar. Los usos políticos de la memoria. In: CAETANO, Gerardo (comp). **Sujetos sociales y nuevas formas de protesta en la historia reciente de América Latina**. Buenos Aires: Clacso, 2006. p. 359-382. Disponível em: <<http://biblioteca.clacso.edu.ar/clacso/gt/20101020012032/caetano.pdf>>. Acesso em: 25 set. 2016.

CANCLINI, Néstor G. **Diferentes, desiguais e desconectados: Mapas da interculturalidade**. 3. ed. Rio de Janeiro: UFRJ, 2009.

CAPARRÓS, Martín. Por la crónica. **Antología de crónica latinoamericana actual**, p. 607-612, 2007.

CAPRA, Comité Andino Para La Prevención y Atención de Desastres –. **Cosmovisión del pueblo indígena Nasa en Colombia: Reducción integral de los riesgos, planificación y desarrollo sostenible**. Lima: Comunidad Andina, 2009. 36 p. Disponível em: <http://www.comunidadandina.org/predecan/doc/libros/siste22/co/co_nasa.pdf>. Acesso em: 17 nov. 2017.

CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano – Artes de fazer**. 3 ed. Petrópolis: Editora Vozes, 1998.

CHAMPI, Irleamar. «La historia tejida por la imagen», en José Lezama Lima, **La expresión americana**, México D. F., Fondo de Cultura Económica, pp. 9-33. 2001.

CHANG, Julio Villanueva. El que enciende la luz. **Letras Libres**, Coyoacán, n. 84, p.14-18, dez. 2005. Disponível em: <http://www.letraslibres.com/sites/default/files/files6/files/pdfs_articulos/pdf_art_10881_10813.pdf>. Acesso em: 17 maio 2016.

CHILLÓN, Albert. El “giro lingüístico” y su incidencia en el estudio de la comunicación periodística. **Anàlisi: Quaderns de comunicació i cultura**, 1998, p. 63-98, 1998. Disponível em: . Acesso em: 19 fev. 2016.

CHOMSKY, Noam. **10 estratégias de manipulação da mídia**. 2010. Disponível em: <[http://www.forumseculo21.com.br/paginas/0313_sec_21_\(pag.10\).pdf](http://www.forumseculo21.com.br/paginas/0313_sec_21_(pag.10).pdf)>. Acesso em 10 jun. 2017.

_____. **Mídia - propaganda política e manipulação**. 2014. Disponível em: <<http://docs11.minhateca.com.br/1102977373.BR.0.0.Noam-Chomsky---Midia-propaganda-politica-e-manipulacao.pdf>>. Acesso em 10 jun. 2017.

COMBA, Julia. **Crônicas latinoamericanas: Las herramientas discursivas que utilizan los cronistas para construir su lugar en las crónicas finalistas y ganadoras del Premio Nuevo Periodismo CEMEX+FNPI**. 2012. 98 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Escuela de Comunicación Social, Facultad de Ciencia Política y Relaciones Internacionales, Universidad Nacional de Rosario, Rosario, 2012.

CPI, Assassinato de Jovens. **Relatório Final**. 2016. Senado. Disponível em: <<https://www12.senado.leg.br/noticias/arquivos/2016/06/08/veja-a-integra-do-relatorio-da-cpi-do-assassinato-de-jovens>>. Acesso em: 04 nov. 2017.

CRUZ, Guilherme Silva da. **Documento retinal plausível: as novas formas de tratamento do real no documentário contemporâneo gaúcho**. 2009. 53 f. TCC (Graduação) - Curso de Jornalismo, Faculdade de Artes e Comunicação, Upf, Passo Fundo, 2009.

CUSICANQUI, Silvia Rivera. **Ch'ixinakax utxiwa : una reflexión sobre prácticas y discursos descolonizadores** - 1a ed. - Buenos Aires: Tinta Limón, 2010.

DARRIGRANDI, Claudia. Crónica latinoamericana: algunos apuntes sobre su estudio. **Cuadernos de Literatura**, [S.l.], v. 17, n. 34, p. 122-143, sep. 2013. Disponible en: <<http://revistas.javeriana.edu.co/index.php/cualit/article/view/6242>>. Fecha de acceso: 19 ene. 2018

DEBORD, Guy. **A sociedade do espetáculo**. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997.

DJAMILA Ribeiro. Epistemologias de Mulheres Negras. Palestra no 2º **Congresso Internacional Epistemologias do Sul**. 58'07". 2017. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=u9w3Xvgzgis>>, Acesso em: 05 out. 2017.

DOYLE, Magdalena. Comunicación popular, pueblos y nacionalidades indígenas y afrodescendientes. In: (ALER), Asociación Latinoamericana de Educación Radiofónica et al. **Comunicación Popular y Buen Vivir: Memorias del encuentro latinoamericano**. Quito: Universitaria Abya Yala, 2012. p. 11-32. Disponível em: <<http://www.democraciaycooperacion.net/IMG/pdf/133830222-Memorias-del-Encuentro->

Comunicacion-Popular-y-Buen-Vivir-En-el-mundo-desde-nuestro-mundo.pdf>. Acesso em: 16 mai. 2017.

ECHANDÍA, Luz Piedrahita Echandía. Reflexiones metodológicas. Acercamiento ontológico a las subjetivaciones políticas. 2013 In: ECHANDÍA, C. Piedrahita; GÓMEZ, Á. Díaz; VOMMARO, Pablo (comp). **Acercamientos metodológicos a la subjetivación política : debates latinoamericanos**. 1 ed., Bogotá: Universidad Distrital Francisco José de Caldas, pp.15-30. Disponível em: <<https://www.scribd.com/document/355748704/Acercamientos-Methodologicos-alaSubjetividad>>. Acesso em: 5 Out. 2017.

ESCOBAR, Arturo. Mundos y Conocimientos de otro modo. **Tabula Rasa**, Bogotá, v. 1, n. 1, p.51-86, Dez-Jan, 2003. Disponível em: <<http://www.revistatabularasa.org/numero-1/escobar.pdf>>. Acesso em: 20 maio 2017.

ETHEL, Carolina. La invención de la realidad. **El País**, 2008. Disponível em: <https://elpais.com/diario/2008/07/12/babelia/1215819552_850215.html>. Acesso em: 18 jul. 2016.

FANON, Frantz. **Os Condenados da Terra**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1968.

_____. **Pele negra, mascaras brancas**. 2008. Disponível em: <<https://www.geledes.org.br/frantz-fanon-pele-negra-mascaras-brancas-download/>>. Acesso em: 12 dez. 2017.

FNPI, Fundación Gabriel García Márquez Para El Nuevo Periodismo Iberoamericano. **Informe de actividades 2014-2015**. Cartagena de Indias: Fnpi, 2016. Disponível em: <<http://www.fnpi.org/es/fnpi/informe-de-actividades-2014-2015>>. Acesso em: 15 dez. 2016.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir: nascimento da prisão**. 26. ed. Petrópolis: Vozes, 2002.

_____. **Microfísica do poder**. 25. ed. São Paulo: Graal, 2012.

GIALDINO, Irene. (coord.). **Estrategias de una investigación cualitativa**. Buenos Aires: Editorial Gedisa. 2006

GÓMEZ, Guillermo O. **Audiencias, televisión y educación - Una deconstrucción pedagógica de la 'televidencia' y sus mediaciones**. , n. 27, p 155-178, 2001. Disponível em: <<https://rieoei.org/historico/documentos/rie27a07.htm>> . Acesso em: 20 ago. 2016.

_____. Mediaciones tecnológicas y des-ordenamientos comunicacionales. **Signo y Pensamiento**, 2002, XXI Julio-Diciembre. Disponible em: <<http://www.javeriana.edu.co/signoyp/coleccion.htm>>. Acceso em: 13 jun. 2017.

_____. Los estudios de recepcion: de un modo de investigar, a una moda, y de ahí a mucho modos. **Intexto**, Porto Alegre, v. 2, n. 9, p.1-13, dez. 2003. Disponible em: <<http://www.seer.ufrgs.br/intexto/article/viewFile/3629/4400>>. Acceso em: 18 jul. 2017.

_____. Travesías y desafíos de la investigación de la recepción en América Latina. **Comunicación y Sociod**, Guadalajara, n. 38, p.11-36, dez. 2000. Disponible em: <http://www.publicaciones.cucsh.udg.mx/ppperiod/comsoc/pdf/38_2000/11-36.pdf>. Acceso em: 14 set. 2017.

GONZALES, Lélia. Racismo e sexismo na cultura brasileira. In: **Revista Ciências Sociais Hoje**, Anpocs, 1984, p. 223-244. Disponible em: <<http://xa.yimg.com/kq/groups/17805790/1123062368/name/RACISMO+E+SEXISMO+NA+CULTURA+BRASILEIRA.pdf>>. Acceso em: 03 jun. 2017.

GORI, Esteban de. Notas Sobre El Presente Latinoamericano. In: BRITO, Gisela. LEWIT, Agustín (coord.). **Cambio de epoca**. Celag : Caracas. 2016. Disponible em: <http://www.celag.org/wp-content/uploads/2016/04/Cambio-de-epoca_WEB_FINAL.pdf>. Acceso em: 15 jun. 2017.

GUERRIERO, Leila. **Discurso de Leila Guerriero al recibir el Premio Nuevo Periodismo CEMEX+FNPI**. 2010. 9'32". Disponible: <<https://vimeo.com/15614254>>. Acceso em: 02 jul. 2017.

_____. El rastro de los huesos. **Gatopardo**, Ciudad de México. 2009. Disponible em: <http://www.premio.fnpi.org/pdf/Rastro_huesos.pdf>. Acceso em: 12 dez. 2016.

_____. **Zona de obras**. Barcelona: Anagrama, 2015.

HALL, Stuart. La cuestión de la identidad cultural. In: RESTREPO, Eduardo; WALSH, Catherine; VICH, Víctor (Ed.). **Sin garantías: Trayectorias y problemáticas en estudios culturales**. Popayán: Enviñon, 2010. p. 363-404.

HOFFMANN, Astrid. **Cronistas, la nueva camada**. 2013. Disponible em: <<http://www.paula.cl/tendencia/cronistas-la-nueva-camada/>>. Acceso em: 02 jan. 2017.

HOYOS, Juan José. Un fin de semana con Pablo Escobar. **El Malpensante**, Bogotá, n. 44, fev. 2003. Disponível em: <http://www.elmalpensante.com/articulo/1920/un_fin_de_semana_con_pablo_escobar>. Acesso em: 09 maio 2016.

IANNI, Octavio. Globalização e crise do Estado-Nação. **Revista Estudos de Sociologia**, Araraquara, v. 4, n. 6, p.129-135, jun. 1999. Disponível em: <<http://seer.fclar.unesp.br/estudos/article/view/753>>. Acesso em: 12 dez. 2016.

KOPENAWA, Davi; ALBERT, Bruce. **A queda do céu: Palavras de um xamã yanomami**. São Paulo: Companhia das Letras, 2015. Disponível em: <<http://www.companhiadasletras.com.br/trechos/12959.pdf>>. Acesso em: 17 dez. 2016.

LAGO, María Cristina. Crónica latinoamericana: evolución de un género proteico para narrar lo cotidiano. **Revista de Investigación del Departamento de Humanidades y Ciencias Sociales**, v. 2, n. 5, p. 1-14, 2014.

LATTMAN-WELTMAN, Fernando. Comunicação, opacidade e crise política: (ou, Mitologias: eu quero uma pra viver!). In: NAPOLITANO, Carlo José; VICENTE, Maximiliano Martín; SOARES, Murilo César (Org.). **Comunicação e cidadania política**. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2017. p. 33-61.

LEÓN, Osvaldo. La comunicación popular es el camino. In: ALAI. **La comunicación en disputa**. Quito: Agencia Latinoamericana de Información. América Latina en movimiento, año 40, 2016. P. 1-4. Disponível em: <<https://www.alainet.org/es/revistas/513-514>>. Acesso em: 12 dez. 2016.

LEZAMA LIMA, José. **Ensayos barrocos. Imagen y figuras en América latina**. 1ed. Buenos Aires: Colihue, 2014.

LINS, Consuelo, MESQUITA, Cláudia, **Filmar o real. Sobre o documentário brasileiro contemporâneo**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed, 2008.

LUGONES, María. Rumo a um feminismo descolonial. **Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 22, n. 3, p.935-952, set.-dez. 2014. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/view/36755>>. Acesso em: 17 dez. 2017.

MACHADO, Igor José R. Estado-nação, identidade-para-o-mercado e representações de nação. **Revista de Antropologia**, São Paulo, v. 47, n. 1, p.207-234, jan. 2004. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0034-77012004000100006>. Acesso em: 12 jul. 2017.

MALDONADO RIVERA, Claudio Andrés. **DECOLONIALIDAD EN LAS REDES VIRTUALES: El caso de Azkintuwe**. 2014. 676 f. Tese (Doutorado) - Curso de Comunicación, Universidad Autónoma de Barcelona, Barcelona, 2014. Disponível em: <<https://ddd.uab.cat/record/127098>>. Acesso em: 17 maio 2015.

MARQUEZ, Gabriel García. **Discurso inaugural – FNPI**. 1995. Disponível em: <<http://especialgabo.fnpi.org/las-ideas-de-gabo/discurso-inaugural-fnpi/>>. Acesso em: 10 jun. 2017.

MARTÍN B., Jesús. **Oficio de cartógrafo: Travesías latinoamericanas de la comunicación en la cultura**. México: FCE, 2002.

MARTÍN-BARBERO, Jesús. **De los medios a las mediaciones - Comunicación, cultura y hegemonia**. 2 ed. México: GG, 1991.

_____. Los oficios del comunicador. **Signo y Pensamiento**, [S.l.], v. 31, n. 59, p. 18-40, may. 2012. ISSN 2027-2731. Disponível em: <<http://revistas.javeriana.edu.co/index.php/signoypensamiento/article/download/2429/1705>>. Fecha de acceso: 19 ene. 2018.

MARTINEZ, Monica. Jornalismo Literário: revisão conceitual, história e novas perspectivas. **Intercom: Revista Brasileira de Ciências da Comunicação**, São Paulo, v. 40, n. 3, p.21-36, dez. 2017. FapUNIFESP (SciELO). <http://dx.doi.org/10.1590/1809-5844201732>. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1809-58442017000300021&script=sci_abstract&tlng=pt>. Acesso em: 20 dez. 2017.

MARTÍNEZ, Tomás Eloy. Periodismo y narración: desafíos para el siglo XXI. **Cuadernos de Literatura**, v. 8, n. 15, p. 115-123, 2014.

MATA, María Cristina. Comunicación y política: la imposibilidad de separarlas. In: ALAI. **La comunicación en disputa**. Quito: Agencia Latinoamericana de Información, año 40, 2016. p. 8-10. Disponível em: <<https://www.alainet.org/es/revistas/513-514>>. Acesso em: 12 dez. 2016.

MBEMBE, Achille. Necropolítica. **Revista do Ppgav/eba/ufrj**, Rio de Janeiro, v. 0, n. 32, p.123-151, dez. 2016. Disponível em: <<https://revistas.ufrj.br/index.php/ae/article/download/8993/7169>>. Acesso em: 06 maio 2017.

MELO, José Marques de. La crónica como género periodístico en la prensa luso-brasileña e hispano- americana: contrastes y confrontaciones. **Dialogos de La Comunicación**, Bogotá, v. 2, n. 34, p.1-8, 1992. Disponível em: <<http://dialogosfelafacs.net/wp-content/uploads/2015/34/34-revista-dialogos-la-cronica-como-genero-periodistico.pdf>>. Acesso em: 17 out. 2016.

_____. **Estudos de Jornalismo Comparado**. São Paulo: Pioneira, 1972.

METZ, Luiz Sérgio. **Assim na terra**. Porto Alegre: Cosac Naify, 2013.

MIGNOLO, Walter D. **La colonización del lenguaje y de la memoria: complicidades de la letra, el libro y la historia**. 1992. Disponível em: <<https://es.scribd.com/doc/145432958/Mignolo-Walter-D-La-colonizacion-del-lenguaje-y-de-la-memoria>>. Acesso em: 20 jan. 2017.

_____. **La idea de América Latina - La herida colonial y la opción decolonial**. Barcelona: Gedisa, 2007.

_____. **Habitar la frontera. Sentir y pensar la descolonialidad** (antología, 1999-2014), Barcelona: CIDOB-Universidad Autónoma de Ciudad Juárez, 2015.

MODONESI, Massimo. Los movimientos antagonistas en América Latina. XXVI **Congreso de la Asociación Latinoamericana de Sociología**. Asociación Latinoamericana de Sociología, Guadalajara. 2007. Disponível em: <https://issuu.com/modonesi/docs/15._a_contracorriente_1>. Acesso em: 25 jun. 2017.

MOORE, Carlos. **Racismo & sociedade: novas bases epistemológicas para entender o racismo**. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2007.

MORAES, Camila. El pastor electrónico como estrella de TV. **Etiqueta Negra**, Lima, n. 96, p.74-79, jan. 2011. Disponível em: <<http://etiquetanegra.com.pe/articulos/el-pastor-electronico-como-estrella-de-tv>>. Acesso em: 13 jul. 2016.

MORETZSOHN, Sylvia. **Jornalismo, mediação, poder: considerações sobre o óbvio surpreendente**. 2003. Disponível em: <<http://www.bocc.ubi.pt/pag/moretzsohn-sylvia-jornalismo-mediacao.pdf>> Acesso em 02 mai. 2017.

MUNIZ, Maria Luiza. **Em busca da palavra roubada: um estudo sobre a luta dos movimentos indígenas pela comunicação no marco da decolonialidade**. 2013. Disponível em: <http://actacientifica.servicioit.cl/biblioteca/gt/GT6/GT6_deCastroMuniz.pdf>. Acesso em: 20 dez. 2016.

NASCIMENTO, Abdias do. **O quilombismo**. 2ed. Brasília: Fundação Palmares, 2002.

NOBLAT, Ricardo. **A arte de fazer um jornal diário**. 4. Ed. São Paulo: Contexto. 2003.

NOBRE, Kassia. O processo de criação do jornalista narrador literário: um olhar para Eliane Brum. In: SOSTER, Demétrio de Azeredo; PICCININ, Fabiana (Org.). **Narrativas do ver, do ouvir e do pensar**. Santa Cruz do Sul: Catarse, 2016. p. 90-107.

PAIM, Augusto Machado. Por uma estética jornalística da pobreza. **Sur le journalisme**, Vol 6, nº1, 2017. Disponível em: <<http://surlejournalisme.com/rev/index.php/slj/article/view/292>>. Acesso em: 15 ju. 2017.

PAZ, Octavio. **El arco y la lira**. 2014. Disponível em: <<http://www.ecfrasis.org/wp-content/uploads/2014/06/Octavio-Paz-El-arco-y-la-lira.pdf>>. Acesso em: 15 out. 2016.

POBLETE, Juan. Crónica y ciudadanía en tiempos de globalización neoliberal: la escritura callejera. In: FALBO, Graciela. (Ed.). **Tras las huellas de una escritura en tránsito: La crónica contemporánea en América Latina**. La Plata: Ediciones Al margen, p. 71-88, 2007.

PEREIRA, Diana A. **El quehacer poético en clave descolonial**. HYBRIS, Revista de Filosofía, [S.l.], v. 8, p. 253-272, sep. 2017. Disponible en: <<http://revistas.cenaltel.cl/index.php/hybris/article/view/183>>. Fecha de acceso: 04 feb. 2018

PUERTA, Andrés. El periodismo narrativo o una manera de dejar huella de una sociedad en una época. **Anagramas Rumbos y Sentidos de la Comunicación**, [S.l.], v. 9, n. 18, July 2011. ISSN 2248-4086. Disponível em: <<http://www.scielo.org.co/pdf/anqr/v9n18/v9n18a04.pdf>>. Acesso em: 19 jan. 2018.

QUEIRÓS, Francisco Aquinei Timóteo. Entre arestas e interditos: o Jornalismo Literário como dupla ruptura epistemológica. **Vozes e Diálogo**, v. 16, n. 01, 2017. Disponível em: <<https://siaiap32.univali.br/seer/index.php/vd/article/download/9453/5792>>. Acesso em: 14 nov. 2017.

QUIJANO, Anibal. Colonialidad del Poder y Clasificación Social. In: CASTRO-GÓMEZ, Santiago; GROSGUÉL, Ramón. **El giro decolonial: Reflexiones para una diversidad epistémica más allá del capitalismo global**. Bogotá: Siglo del Hombre Editores, 2007. p. 93-126. Disponível em: <<http://www.unsa.edu.ar/histocat/hamoderna/grosfoguelcastrogomez.pdf>>. Acesso em: 16 nov. 2016.

RAMA, Angel. **La ciudad letrada**. 1998. Disponível em: <<http://cmap.javeriana.edu.co/servlet/SBReadResourceServlet?rid=1MKBPG5N0-24J97YC-6MH>>. Acesso em: 19 dez. 2016.

RAMOS, Julio. **Desencuentros de la modernidad en América Latina: literatura y política en el Siglo XIX**. Caracas: El Perro y La Rana, 2009.

REGUILLO, Rossana. Textos fronterizos. La crónica una escritura a la intempérie. In: FALBO, Graciela. **Tras las huellas de una escritura en tránsito: La crónica contemporánea en América Latina**. La Plata: Ediciones Al margen, 2007.

RINCÓN, Omar (Ed.). **¿POR QUÉ NOS ODIAN TANTO?:** Estado y medios de comunicación en América Latina. Bogotá: Centro de Competencia En Comunicación Para América Latina, 2010.

_____. Las narrativas colabor-activistas: las identidades otras como innovación mediática. **Dixit**, n. 19, p. 4-15, sep. 2015. Disponible en: <<https://revistas.ucu.edu.uy/index.php/revistadixit/article/view/369>>. Fecha de acceso: 15 jan. 2018

_____. **Narrativas mediáticas: O cómo se cuenta la sociedad del entretenimiento**. Barcelona: Gedisa, 2006.

ROTKER, Susana. **La invención de la crónica**. México: FCE. 2005.

SALCEDO RAMOS, Alberto. La crónica: el rostro humano de la noticia. **Manual de géneros periodísticos**, 2005. Disponible em: <http://bicentenario.fnpi.org/materiales/la_cronica_el_rostro_humano_de_la_noticia. pp d>. Acceso em: 14 abr. 2016.

SÁNCHEZ, Ana María Amar. La ficción del testimonio. **Revista Iberoamericana**, v. 56, n. 151, p. 447-461, 1990. Disponible em: <<https://revista-iberoamericana.pitt.edu/ojs/index.php/Iberoamericana/article/download/4724/4886>>. Acceso em: 09 jan. 2017.

SANTOS, Myrian. **Memória coletiva & Teoria social**. São Paulo. Annablume, 2003.

SEGATO, Rita L. **La nación y sus otros. Raza, etnicidad y diversidad religiosa en tiempos de políticas de la identidad**. Prometeo: Buenos Aires. 2007. Disponible em: <http://www.scielo.org.ar/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1851-16942008000200011>. Acceso em: 29 jun. 2016.

SIGNATES, Luiz. Estudo sobre o conceito de mediação. **Novos Olhares**, São Paulo, p. 37-49, dec. 1998. ISSN 2238-7714. Disponible em: <<http://www.revistas.usp.br/novosolhares/article/view/51315>>. Acceso em: 19 jan. 2018.

SILVA, Fabricio Pereira da. Política e Sociedade na América Latina. In: BATISTA, Cristiane; ECHART, Enara (Org.). **Teoria e Prática da Política**. Curitiba: Appris, 2017. Disponível em: <https://www.academia.edu/32942484/Capítulo_12._Política_e_Sociedade_na_América_Latina>. Acesso em: 30 out. 2017.

SIMAS, Luiz Antônio. **Rio de janeiro**. 2015. Disponível em: <<https://odia.ig.com.br/noticia/opiniao/2015-12-02/luiz-antonio-simas-rio-de-janeiro.html>>. Acesso em 09 jun. 2017.

SOUZA, Angela Maria de. **A caminhada é longa e o chão tá liso: o movimento hip hop em Florianópolis e Lisboa**. 2009. 322 f. Tese (Doutorado) - Curso de Antropologia, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2009. Disponível em: <<https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/92342>>. Acesso em: 15 dez. 2017.

SPIVAK, Gayatri Chakravorty. **Pode o subalterno falar?**. Editora UFMG, 2010.

SVAMPA, Maristella. **Debates latinoamericanos – Indianismo, desarrollo, dependencia, populismo**. Buenos Aires: Edhasa. 2016.

_____. **Desde Abajo. La transformación de las identidades sociales**. Biblos: Buenos Aires, 2000. Disponível em: <<http://www.maristellasvampa.net/libro-abajo.shtml>>. Acesso em: 29 jul. 2017.

_____. **Movimientos Sociales, matrices socio-políticas y nuevos escenarios en América Latina**. 2010. Disponível em: <https://kobra.bibliothek.uni-kassel.de/bitstream/urn:nbn:de:hebis:34-2010110334865/1/OWP_Working_Paper_2010_01.pdf>. Acesso em: 27 jun. 2017.

TARDÁGUILA, Cristina. O exército, o político, o morro e a morte. **Revista Piauí**, Rio de Janeiro, n. 46, jun. 2010. Disponível em: <<http://piaui.folha.uol.com.br/materia/o-exercito-o-politico-o-morro-e-a-morte/>>. Acesso em: 12 maio 2016.

TARIFEÑO, Leonardo. **Periodismo narrativo: El nuevo boomlatinoamericano**. Ago. 2012. Disponível em: <<https://www.lanacion.com.ar/1497165-periodismo-narrativo-el-nuevo-boom-latinoamericano>>. Acesso em: 08 out. 2016.

THWAITES REY, Mabel. El Estado en debate: de transiciones y contradicciones. **Crítica y Emancipación**, nº 4, 9-23, segundo semestre, 2010.

TODOROV, Tzvetan. **As estruturas narrativas**. 5. ed. São Paulo: Perspectiva, 2008.

URANGA, W. **Desarrollo, ciudadanía, democracia: aportes desde la comunicación**. 2005.

Disponível em:

<http://www.washingtonuranga.com.ar/index.php?option=com_content&view=article&id=25:proprios-10&catid=8:textos-proprios&Itemid=107>. Acesso em: 17 dez. 2017.

WALSH, Catherine. **Pensamiento crítico y matriz (de)colonial. Reflexiones latinoamericanas**.

Quito: Universidad Andina Simón Bolívar-Abya-Yala, 2005. Disponível em: <<http://www.ramwan.net/restrepo/decolonial/19-walsh-repensamiento%20critico.pdf>> . Acesso em: 14 mar. 2017.

WOTTRICH, Laura Hastenpflug; SILVA, Renata Córdova da; RONSINI, Veneza V. Mayora. A Perspectiva das Mediações de Jesús Martín-Barbero no Estudo de Recepção da Telenovela. In: **CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, XXXII**, Curitiba:

Intercom, 2009. p. 1 - 15. Disponível em:

<<http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2009/resumos/R4-1712-1.pdf>>. Acesso em: 19 mar. 2017.

ZEMELMAN, Hugo. Pensar teórico y pensar epistémico. Los retos de las ciencias sociales latinoamericanas. **Instituto de pensamiento y cultura de América Latina (IPECAL)**, 2005.

Disponível em: <<http://repository.unad.edu.co/bitstream/10596/5564/1/Documento7.pdf>>. Acesso em: 01 out. 2016.

ZUKERNIK, Eduardo. **Observador de medios de comunicación en América Latina**: prensa, ciudadanía y democracia en Brasil, Colombia, Ecuador, Perú y Venezuela . 1a ed. - Buenos Aires : Konrad Adenauer Stiftung, 2008

ANEXOS

Lista de *crónicas* analisadas:

a) Anfibia

El debut político de los nativos digitales, Micaela Orтели; Malvina Silba; 2012. Disponível em: <<http://www.revistaanfibia.com/cronica/el-debut-politico-de-los-nativos-digitales/>> . Acesso em: 22 abr. 2016

El supremo anfibio, Federico Bianchini, 2012. Disponível em: <<http://www.revistaanfibia.com/cronica/el-supremo-anfibio/>>. Acesso em: 20 mai. 2016.

b) Piauí

O exército, o político, o morro e a morte, Cristina Tardáguila, 2010. Disponível em: <<http://piaui.folha.uol.com.br/materia/o-exercito-o-politico-o-morro-e-a-morte/>>. Acesso em: 19 jan. 2015.

O bagulho é doido, tá ligado?, Luiz Maklouf Carvalho, 2007. Disponível em: <<http://piaui.folha.uol.com.br/materia/o-bagulho-e-doido-ta-ligado/>>. Acesso em: 17 jul. 2016

c) Malpensante

Un fin de semana con Pablo Escobar, Juan José Hoyos, 2003. Disponível em: <http://www.elmalpensante.com/articulo/1920/un_fin_de_semana_con_pablo_escobar>. Acesso em: 20 mar. 2016.

La fuerza del ombligo, Jose Navia, 2009. Disponível em: <http://www.elmalpensante.com/articulo/1462/la_fuerza_del_ombligo>. Acesso em: 20 mar. 2016

d) Gatopardo

El rastro de los huesos, Leila Guerriero, 2009. Disponível em: <http://www.premio.fnpi.org/pdf/Rastro_huesos.pdf>. Acesso em: 10 out. 2015.

Soy el filántropo de Chile, Camila Gutiérrez, 2011. Disponível em: <<http://www.gatopardo.com/reportajes/soyelfilantropodechile/>>. Acesso em: 10 out. 2015

e) Etiqueta Negra

El pastor electrónico como estrella de TV, Camila Moraes, 2012. Disponível em: <http://www.elboomeran.com/upload/ficheros/noticias/pastor_electronico.pdf>. Acesso em: 14 abr. 2016

El Barrio de las mujeres solas, Josefina Licitra, 2008. Disponível em: <<https://josefinalicitra.wordpress.com/2010/05/30/el-barrio-de-las-mujeres-solas/>>. Acesso em: 14 abr. 2016.